

ANGELA SATOMI KAJITA

A SEGMENTAÇÃO INÁBIL:

UM ESTUDO DA SEGMENTAÇÃO

ORTOGRÁFICA NÃO-CANÔNICA

Texto apresentado ao Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas para obtenção do título de Mestre em Linguística, na área de Linguística Histórica.

Orientador: Prof^ª. Dr^ª. Maria Filomena Spatti Sandalo

Campinas
2009

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do IEL - Unicamp

K123s Kajita, Angela Satomi.
A segmentação inábil: um estudo da segmentação ortográfica não-canônica / Angela Satomi Kajita. -- Campinas, SP : [s.n.], 2009.

Orientador : Maria Filomena Spatti Sandalo.
Co-orientador : Maria Rita Braga Marquilhas
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Fonologia. 2. Segmentação ortográfica. 3. Mãos inábeis. 4. Linguística histórica. I. Sandalo, Maria Filomena Spatti. II. Marquilhas, Maria Rita Braga. III. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. IV. Título.

tjj/iel

Título em inglês: Inept hands: a study on non-canonical orthographic segmentation.

Palavras-chaves em inglês (Keywords): Phonology; Orthographic segmentation; Inept Hands, Historical Linguistics.

Área de concentração: Linguística.

Titulação: Mestre em Linguística.


Banca examinadora: Profa. Dra. Maria Filomena Spatti Sandalo (orientadora), Profa. Dra. Maria Rita Braga Marquilhas (co-orientadora), Profa. Dra. Charlotte Marie Chambelland Galves, Prof. Dr. Manoel Mourivaldo Santiago Almeida.

Data da defesa: 20/02/2009.

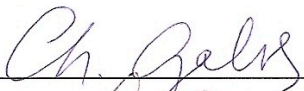
Programa de Pós-Graduação: Programa de Pós-Graduação em Linguística.

BANCA EXAMINADORA:

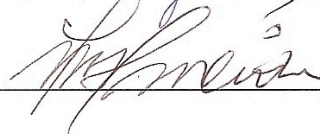
Maria Filomena Spatti Sândalo



Charlotte Marie Chambelland Galves



Manoel Mourivaldo Santiago Almeida



Maria Bernadete Marques Abaurre

Klebson Oliveira

IEL/UNICAMP
2009

*Dediquo este trabalho aos meus amigos arrenegados e m^{to}.
blasfemos, que se dispuseram a abrir genelas fora doras p^a. dizer
palauras diaboliquas comiguo durante os ultimos annos.*

AGRADECIMENTOS

À Filomena, professora, amiga e confidente, que me orienta *sempre* – inclusive no mundo não-acadêmico.

À Prof^a. Rita Marquilhas, que me mostrou os tesouros escondidos na Torre do Tombo.

Às Professoras Charlotte e Bernadete, cujas críticas e sugestões foram muito preciosas.

À Prof^a. Maria Clara, cujas aulas me fizeram gostar ainda mais de Lingüística Histórica.

À minha família, que pacientemente aturou meu humor inconstante de mestranda louca.

Ao povo querido do IEL que, como eu, é fã de Scrabble ou de um bom cafezinho: Rodrigo, Ana Luiza, Carol, Eva, Jaqueline, Alexandre e Emerson.

Last, but not least... aos amigos de estrada: Mariana Ricci, Simone Floripi, Diana, Francesco, Luana, Marina, Yusuke e todo o povo do Santa.

Este trabalho foi realizado com o apoio da FAPESP – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (processo nº. 05/58213-3), e também com o apoio do Programa Alban – Programa de Bolsas de Alto Nível da União Européia para América Latina (bolsa nº. E06M100367BR).

“De boa mente cremos que a pronúncia dos lusitanos da era de D. Duarte diversificava bastante do falar dos tempos de D. Afonso Henriques, e que, proferidas por Filinto Elisio, as palavras já não soavam exatamente como em boca de Camões ou de Vieira. Mas as palavras de todos êstes tempos voaram e desapareceram; ficaram sòmente os escritos. E nestes há mais semelhança que disparidade, pela sabidíssima razão de ser a tradição escrita muito mais conservadora que a oral.”

Manuel Said Ali, *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*

RESUMO

Estudos em Lingüística Histórica mostram que textos antigos são úteis não apenas para se analisar a língua escrita, mas também para retratar certos aspectos fonológicos, que em geral são associados apenas à língua falada. De fato, a informação fonológica que pode ser obtida do texto escrito – antigo ou moderno – varia das características de pronúncia ao padrão rítmico da língua; e se o texto foi escrito por um sujeito semi-alfabetizado (também chamado de *mão inábil*), é ainda mais provável que se encontrem tais características. O presente trabalho se concentra nos aspectos rítmicos dos escritos de adultos semi-alfabetizados portugueses dos séculos XVII e XVIII, selecionados do arquivo da Inquisição de Lisboa. Observando a segmentação ortográfica não-convencional nesses textos, pode-se ver que não se trata de algo aleatório; ao contrário, os sujeitos parecem ter usado critérios bem definidos para decidir onde deviam separar ou juntar elementos. Portanto, as hipossegmentações (i.e. a omissão de espaço em branco entre elementos separados) e as hipersegmentações (i.e. a inserção de branco gráfico entre elementos ligados) parecem ter motivação semântica ou fonológica. Pressupondo que as segmentações não-canônicas podem ser relacionadas aos aspectos rítmicos da língua, a proposta deste trabalho é estudar os textos de mãos inábeis em busca de sinais que reflitam um possível padrão rítmico da língua falada. Os textos da primeira metade do século XVIII analisados mostram que o padrão de acento binário – um traço característico do português brasileiro – se torna menos freqüente nos dados com o passar do tempo, o que poderia ser considerado um indicativo da mudança rítmica sofrida pela língua na transição para o português europeu moderno. Apesar de não serem conclusivos, os resultados sugerem que de fato a mudança no padrão das segmentações não-convencionais pode estar relacionada à mudança do padrão rítmico no português europeu.

Palavras-chave: Hipossegmentação, Hipersegmentação, Mãos Inábeis.

ABSTRACT

Studies on Historical Linguistics show that old texts are not only useful for analyzing the written form of a given language, but also for portraying some phonological aspects, which are typically only associated with spoken language. In fact, the phonological information that can be obtained from a written text – old or modern – ranges from pronunciation characteristics to rhythmic pattern; and if the text was written by a semi-illiterate subject (also called *inept hand*), these characteristics are even more likely to be found. The present work focuses on the rhythmic aspects of the writings of semi-illiterate Portuguese adults from the 17th and 18th century, which were selected from the Lisbon Inquisition archives. By observing the unconventional orthographic segmentation in these texts, one can see that it is not a matter of randomness; instead, the subjects seem to have used well-defined criteria as to where they should join or separate elements. Thus the hyposegmentations (i.e. the omission of white space between separated elements) and hypersegmentations (i.e. de insertion of white space between joined elements) seem to be semantically or phonologically motivated. Assuming that the unconventional segmentations can be related to rhythmic aspects of the language, this work's proposal is to study the writings of some inept hands in search of signs that can point to a possible stress pattern of the spoken language. The analyzed texts from the first half of the 18th century show that the binary stress pattern – a trait of modern Brazilian Portuguese – becomes less frequent throughout time in the collected data, which possibly indicates a rhythmic change undergone by the language during the transition to modern European Portuguese. Although not conclusive, the results suggest that the change in the unconventional segmentation pattern can be related to the rhythmic pattern change of European Portuguese.

Keywords: Hyposegmentation, Hypersegmentation, Inept Hands.

LISTA DE SIGLAS E SÍMBOLOS

ANTT	Arquivo Nacional da Torre do Tombo
fl.	fólio
PB	português brasileiro
PE	português europeu moderno
ω	palavra fonológica
σ	sílaba

Representações dos pés métricos:

()	delimitação de fronteiras
* ou X	sílaba acentuada
.	sílaba não-acentuada
(* .)	pé binário trocaico
(. *)	pé binário iâmbico

ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Proporção de tipos de texto em Ferreiro <i>et al.</i>	31
Gráfico 2 – Proporção de hipo- e hipersegmentação nos textos em Ferreiro <i>et al.</i>	32
Gráfico 3 – Hipo- e hipersegmentações em um informante ao longo do tempo.....	33
Gráfico 4 – Número de ocorrências de cada estrutura escolhida.....	63
Gráfico 5 – Ocorrências da estrutura (σ)($\sigma\sigma$) ao longo do tempo.....	64
Gráfico 6 – Ocorrências da estrutura ($\sigma\sigma$)(σ) ao longo do tempo.....	66
Gráfico 7 – Ocorrências da estrutura ($\sigma\sigma$)($\sigma\sigma$) ao longo do tempo.....	68

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	1
CAPÍTULO 1 – REVISÃO DA LITERATURA.....	5
1. Mãos Inábeis.....	5
1.1. Definição.....	5
1.2. Prós e contras.....	7
2. A Teoria Métrica e o Pé.....	12
3. A Fonologia Prosódica e a Palavra Fonológica.....	16
4. O Pé, o PE e o PB.....	21
4.1. O ritmo do PB.....	21
4.1.1. Acento primário.....	21
4.1.2. Acento secundário.....	25
4.2. O ritmo do PE.....	27
4.2.1. Acento primário.....	27
4.2.2. Acento secundário.....	28
5. Segmentação Não-Convencional na Escrita.....	32
5.1. Sobre a segmentação infantil não-convencional.....	32
5.2. Possíveis critérios da segmentação não-convencional.....	37
5.4. A segmentação não-convencional como um possível reflexo do ritmo.....	40
5.5. A segmentação não-canônica na escrita adulta (histórica).....	44
CAPÍTULO 2 – MATERIAIS E MÉTODOS.....	49
1. Os Arquivos da Inquisição.....	49
1.1. Visão geral.....	49

1.2. Como discernir uma mão inábil.....	51
1.3. Critérios para transcrição.....	53
1.4. Critérios para a transcrição da segmentação.....	56
2. Sobre os Suportes e a Preservação.....	59
2.1. Problemas iniciais.....	59
2.2. A linguagem XML.....	60
3. Os Números.....	61
CAPÍTULO 3 – ANÁLISE DOS DADOS.....	63
1. Definindo os Dados.....	63
2. Hipossegmentação.....	64
3. Hipersegmentação.....	66
3.1. O que buscar.....	66
3.2. (σ) ($\sigma\sigma$) – Sílabas seguidas de pé binário.....	67
3.3. ($\sigma\sigma$) (σ) – Pé binário seguido de sílaba.....	69
3.4. ($\sigma\sigma$) ($\sigma\sigma$) – Dois pés binários.....	71
4. Discussão dos Dados.....	73
4.1. Binariedade.....	73
4.2. As palavras funcionais.....	76
5. Considerações Finais.....	78
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	81
FIGURAS.....	89
Figura I.....	91
Figura II.....	92
Figura III.....	93
CORPUS MÃOS INÁBEIS.....	95

NOTA SOBRE AS ABREVIATURAS.....	97
Livro 267.....	99
Livro 269.....	113
Livro 271.....	125
Livro 273.....	137
Livro 274.....	143
Livro 275.....	149
Livro 276.....	161
Livro 277.....	169
Livro 279.....	173
Livro 280.....	183
Livro 283.....	187
Livro 284.....	191
Livro 285.....	199
Livro 287.....	213
Livro 289.....	217

INTRODUÇÃO

O principal objetivo deste trabalho é analisar a segmentação ortográfica não-canônica em textos portugueses antigos, partindo do pressuposto de que existe uma relação entre esse tipo de segmentação e a prosódia da língua, e que um *corpus* escrito, independentemente de ser histórico ou moderno, pode oferecer evidências dessa relação. A proposta é, portanto, tentar buscar indícios na escrita não-canônica antiga para reconstruir aspectos da prosódia do português. Mais especificamente, serão analisadas hipossegmentações (i.e. supressão do espaço em branco entre uma ou mais palavras) e hipersegmentações (i.e. inserção de espaço em branco) em textos escritos nos séculos XVII e XVIII por adultos portugueses semi-alfabetizados; também será feita uma comparação de tais segmentações com dados de análises existentes sobre o português brasileiro que se focam na segmentação não-canônica infantil em processo de alfabetização.

Trabalhos anteriores sobre a escrita infantil – como por exemplo os de Abaurre (1989, 1991, 2001), Capristano (2003, 2007) e Oliveira (2007) – mostram que a segmentação não-canônica em estágios iniciais de aquisição da escrita revelam aspectos da prosódia da língua falada. As análises das autoras citadas mostram que a segmentação não-convencional infantil inicial pode evidenciar uma certa tendência ao ritmo binário, isto é, uma tendência a alternar sílabas proeminentes e não-proeminentes de modo a delinear pés métricos binários. Esse ritmo é característico do português brasileiro (cf. Bisol 1992, Collischonn 1993, Sandalo *et alii* 2006, entre outros).

No entanto, é preciso lembrar que o ritmo do português brasileiro (daqui em diante *PB*) difere bastante do ritmo do português europeu moderno (daqui em diante *PE*), como mostram os trabalhos de Vigário (2003), Abaurre & Galves (1998), etc. Ainda que seja indiscutível o fato de terem o PE e o PB a mesma origem, não há consenso sobre quando o PB e o PE se tornaram prosodicamente diferentes, ou seja, quando passaram a se

delinear como duas variantes de ritmos distintos. Galves *et alii* (2006), por exemplo, sugerem que o PE teve início no século XVIII; sugerem também que o PB não teve sua origem no português europeu moderno, e sim no estágio imediatamente anterior à formação do PE – denominado pelas autoras como *português médio*. Portanto, parte-se aqui do pressuposto de que a língua falada no período imediatamente anterior ao estabelecimento do PE divide muitas semelhanças prosódicas com o PB, ou seja, que o seu ritmo era mais semelhante ao ritmo do PB do que do PE.

A proposta deste trabalho é analisar os textos escritos nos séculos XVII e XVIII por adultos portugueses para verificar se, como no caso das crianças brasileiras atuais, também há um grande número de ocorrências de segmentações não-canônicas que possam evidenciar uma tendência à binariedade. Ainda que se tratem de grupos de faixas etárias distintas, é preciso ter em mente que tanto os adultos quanto as crianças que segmentam a escrita de maneira não-convencional se encontram em um estágio de não-domínio das normas ou do padrão de sua época – o que torna possível a comparação apesar da diferença de idade. Como será mostrado, os dados históricos coletados para a realização deste trabalho apresentam um padrão de segmentação diferente do padrão do PB em termos de binariedade. Em outras palavras, a segmentação em pés binários aparece menos freqüentemente nos dados do português europeu do século XVIII do que nos dados atuais do PB.

O ponto de partida para a formação do *corpus* no qual se baseia esta investigação é o conjunto de documentos coletados por Marquilhas (2000). Analisando certos manuscritos preservados nos arquivos da Inquisição portuguesa, como cartas de denúncia e textos guardados como evidência de heresias, Marquilhas pôde perceber que muitos deles apresentavam certas características – tais como a insegurança no traçado, a segmentação não-canônica das palavras, etc. – que denunciavam o fato de seus autores terem tido pouca familiaridade com a língua escrita. Tratam-se, portanto, de textos escritos por adultos semi-alfabetizados ou por adultos que não tinham um domínio completo sobre o padrão ortográfico da época.

Para sua pesquisa, Marquilhas utilizou manuscritos constantes nos Cadernos do

Promotor das Inquisições de Lisboa, Coimbra e Évora, todos do século XVII; para o presente trabalho utilizo não apenas tais documentos, mas também um conjunto de manuscritos do mesmo tipo retirados dos Cadernos do Promotor da Inquisição de Lisboa, referentes à primeira metade do século XVIII. Coletei tais manuscritos durante o trabalho de campo realizado no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, em Lisboa, sob orientação da Professora Rita Marquilhas. Ao total, foram reunidos 100 documentos, entre manuscritos originais e microfilmados.

O presente trabalho se divide em 3 capítulos; no primeiro capítulo faz-se uma revisão da literatura, em que se apresenta o conceito de *mão inábil* (seção 1); também nesse capítulo se apresentam conceitos de Fonologia Métrica (seção 2) e de Fonologia Prosódica (seção 3) que serão empregados ao longo deste trabalho; em seguida, há uma revisão dos trabalhos acerca das características métricas do português brasileiro e do português europeu (seção 4), bem como dos trabalhos sobre a segmentação não-canônica na escrita (seção 5).

O capítulo 2 trata das questões metodológicas, dos critérios adotados para a identificação e transcrição de dados, explicitando os problemas e dificuldades de se transcrever a escrita cursiva para um suporte digital. Por sua vez, o capítulo 3 mostra uma análise das segmentações não-canônicas, comparando os dados históricos coletados a dados infantis do português brasileiro escrito atual.

CAPÍTULO 1 – REVISÃO DA LITERATURA

Antes de dar início a qualquer análise, é necessário se concentrar no embasamento teórico. Neste caso, certas questões são cruciais para o desenvolvimento do trabalho: a noção de *mão inábil*, discutida na seção 1; um pouco sobre a Teoria Métrica, na seção 2; noções da Fonologia Prosódica, na seção 3; a base teórica fornecida pelos trabalhos desenvolvidos sobre as características métricas do PB e do PE, na seção 4; e as questões da segmentação não-canônica na escrita infantil, na seção 5.

1. MÃOS INÁBEIS

1.1. Definição

Os textos que constituem o ponto de partida do *corpus* de pesquisa deste trabalho são documentos escritos nos séculos XVII e XVIII por adultos pouco familiarizados com a escrita. Trata-se de um conjunto de cartas de denúncia e bilhetes que constam nos Cadernos do Promotor da Inquisição portuguesa, preservados no Arquivo Nacional da Torre do Tombo (ANTT), em Lisboa.

As cartas e bilhetes de denúncia variam largamente em termos de tipo de remetente e assunto, sendo que os casos mais comuns são os de denúncia de bruxaria, adultério, blasfêmia, etc., quase sempre tendo como denunciante um vizinho ou conhecido do réu. Há também um número significativo de religiosas (freiras, noviças, etc.) e rapazes jovens que denunciaram clérigos por algum tipo de assédio sexual ou comportamento não permitido pela Igreja.

Há também um outro tipo de manuscritos relevantes em meio a essa documentação: bilhetes e cartas pessoais que foram interceptadas pela Inquisição, geralmente enviadas pelo parente de algum preso em busca de notícias. Como era proibida

qualquer comunicação com os presos, tais cartas foram mantidas nos processos e guardadas como evidência. O caráter burocrático da Inquisição, além de ter gerado uma grande quantidade de documentos, fez com que esses textos de mãos inábeis fossem preservados ao longo do tempo.

A esses autores pouco familiarizados com a escrita, Marquilhas dá o nome de *mãos inábeis*, definindo-os como “falantes estacionados em fase incipiente de aquisição da escrita” (2000, p. 235). O termo *mão* foi escolhido de modo a evitar a conotação estética de *escritor* e a conotação ocupacional de *escrevente*, e se mostrou bastante adequado – de modo que a base de dados deste trabalho foi batizada de *corpus Mãos Inábeis*. Durante trabalho realizado¹ no ANTT, coletei 76 documentos microfilmados e transcrevi mais 24 documentos cujos originais não estavam microfilmados.

Chega-se, então, a uma questão importante: a maneira como se pode reconhecer um texto produzido por uma mão inábil é algo que merece atenção, pois não é apenas através do conteúdo do texto (construções, vocabulário, etc.) que se identifica uma mão inábil. De acordo com Marquilhas (2000, p. 238), é possível identificar esse tipo de escrita através principalmente de algumas das suas características físicas: o traçado inseguro, a não-uniformidade das letras, o alinhamento não-ideal, a falta de discriminação entre letras maiúsculas e minúsculas, etc. Também características do próprio suporte auxiliam na identificação: em geral uma carta ou bilhete se apresenta em um tipo de papel diferente, identificável através da textura ou do tamanho, ou ainda através das marcas de dobras no fólio. Por isso, tanto o conteúdo textual quanto o *layout* gráfico devem ser levados em conta na hora de estipular se um documento foi escrito por uma mão inábil ou não.

Ao tratar da escrita inábil, também não se pode desconsiderar o fato de não existir, à época, uma ortografia definida por lei, como a atual. A primeira medida legal para o estabelecimento de uma norma ortográfica para o português só apareceu no início do século XX: em 1911, um ano após a proclamação da república portuguesa, foi aprovada a Portaria que definia a nova norma. De acordo com Mateus (2006), isso foi realizado sob grande influência da publicação da *Ortografia Nacional* de Gonçalves Viana, em 1904.

¹ O trabalho de coleta foi realizado com ajuda do Programa Alþan, bolsa número E06M100367BR.

Antes disso, no período entre o século XVI e o fim do XIX, o padrão seguido pelos sujeitos alfabetizados era outro: com base na ortografia etimológica ou pseudo-etimológica, procurava-se ligar uma palavra à sua origem grega ou latina, ainda que a origem assumida nem sempre fosse verdadeira.

Mattos e Silva (2001) estabelece o século XVI como o ponto a partir do qual têm início as normatizações: em 1536 e 1540 foram publicadas, respectivamente, as gramáticas de Fernão de Oliveira e João de Barros. Portanto, nos séculos XVII e XVIII – que são o foco do presente estudo – a ortografia ainda não estava legalmente estabelecida, mas certamente seguia um padrão. Apesar de se tratar de uma ortografia com variações, tais variações eram sistemáticas, e o padrão não deixava de ser consistente.

Os textos de mãos inábeis se caracterizam por fugirem desse padrão, ou seja, por fazerem uma representação não-canônica das palavras, tanto com relação à ortografia quanto à segmentação gráfica. É necessário explicitar que a fuga à regra não implica a ausência total de padrão; ao contrário, os textos atípicos também apresentam uma sistematicidade, ainda que isso nem sempre seja visível numa primeira observação. Por vezes se encontra algo não-sistemático e aleatório, mas pode-se dizer que em geral há, de fato, um padrão no erro². Mas por que, afinal, escolher um tipo de dado tão peculiar quanto o texto de uma mão inábil? Afinal de contas, não é costumeiro se criar um *corpus* de pesquisa todo baseado em “erros”.

1.2. Prós e contras

Um dos grandes problemas que o pesquisador em lingüística histórica enfrenta é a dificuldade de acesso a dados relevantes. Como apontam Kroch (1989) e Mattos e Silva (1991), o pesquisador fica restrito apenas aos documentos escritos que sobreviveram ao tempo e a acidentes históricos, não sendo mais possível contar com a ajuda de falantes nativos daquela variedade.

2 Usa-se aqui o termo “erro” no sentido amplo de “erro ortográfico”, sem que se faça referência alguma ao *erro gramatical* ou *agramaticalidade*.

Mattos e Silva (1991) propõe o estudo de documentação poética – no seu caso, o Cancioneiro Medieval – afirmando que é possível partir da rima e da métrica para formular algumas interpretações sobre fenômenos lingüísticos como elisões vocálicas, ditongos, etc. A autora diz também que, como as primeiras propostas de padronização ortográfica do português só surgiram em meados do século XVI, os documentos escritos do período arcaico³ seriam mais próximos da fala do que os textos posteriores às primeiras normativizações.

Partindo do pressuposto de que há uma diferença no grau de formalidade de diferentes gêneros escritos, é válido dizer que certos gêneros são menos formais do que outros. Portanto, não apenas os textos anteriores às primeiras normativizações podem ser considerados úteis para o estudo da língua falada, pois qualquer gênero textual que se considere menos formal pode ser levado em consideração. É justamente o caso dos textos de mãos inábeis, cuja produção em geral pode ser considerada mais parecida com a língua oral do que da escrita contemporânea a ela.

Há de se ter em mente que uma mão inábil seria parte da grossa camada da população que não tinha acesso à educação formal, e que conseqüentemente não dominava o padrão ortográfico da época. Apesar disso, ainda é possível depreender do texto algumas características que um texto canônico não ofereceria, tais como características da pronúncia de certas palavras: é o que mostra Marquilhas (2000) ao analisar cartas de mãos inábeis portuguesas do século XVII. O uso de representações diferentes das canônicas pode inclusive ajudar a corroborar ou refutar datações de mudanças fonéticas e fonológicas.

De fato, os textos inábeis parecem ser uma ótima fonte para estudos voltados às características fonológicas da língua, levando em consideração as diferentes estratégias adotadas para se representar a escrita, cheias de marcas de oralidade. Ou seja, a inabilidade acaba se tornando um meio de relacionar fala e escrita, o que pode ser de grande valia para o pesquisador. Entretanto, também existem argumentos contrários ao uso das mãos inábeis como fonte de pesquisa.

Um possível argumento contra o uso das cartas de denúncia escritas por mãos

3 Mattos e Silva situa o “português arcaico” no período que vai do século XIII ao XV.

inábeis setecentistas seria o de que o gênero carta, no século XVII, diferia bastante do gênero amplamente conhecido nos dias de hoje. É possível argumentar que, naquele tempo, as cartas eram extremamente formais, o que invalidaria a hipótese de que as cartas do *corpus Mãos Inábeis* representariam a fala popular.

De acordo com Pessoa (2002), o número de indivíduos que costumavam enviar cartas pessoais – com exceção às personalidades da nobreza – ainda era bastante pequeno no século XVII, quando as cartas ainda costumavam ser, em sua maioria, públicas ou abertas, e, por isso mesmo, mais formais. Segundo o autor, apenas por volta do século XVIII é que a carta começa a assumir esse caráter de correspondência privada entre amigos e parentes, conseqüentemente perdendo o formalismo excessivo, e passando a se constituir numa espécie de telefone da época (2002, p. 199); e apenas entre os séculos XIX e XX é que esse gênero textual se estabelece definitivamente.

Tudo aponta, então, para o fato de que a correspondência privada produzida pela elite letrada por volta dos séculos XVII e XVIII ocorria de maneira *reduzida e formal*. Tratando-se de escrita formal, poderia ser argumentado que as cartas desse período não devem ser consideradas como boa fonte para se investigar a língua falada, tão diferente da língua escrita. No entanto, é preciso salientar que os textos inábeis não podem ser considerados iguais às cartas formais produzidas na mesma época, já que as mãos inábeis se caracterizam justamente pela falta da formalidade excessiva em seus textos.

Obrigadas a vencer obstáculos impostos pela Inquisição – tais como o isolamento e a incomunicabilidade dos presos, que constituíam a maioria dos destinatários das mensagens interceptadas –, as mãos inábeis muito provavelmente não estavam preocupadas em escrever um texto que obedecesse às formalidades exigidas pela época; tampouco se preocupavam, nos bilhetes de denúncia, com o rebuscado da escrita formal. Queriam, de fato, que a carta e o bilhete alcançassem seu objetivo: obter notícias de amigos ou familiares presos, ou denunciar vizinhos e conhecidos. Em outras palavras, as mãos inábeis, que não tinham o costume de escrever, viam o texto escrito como instrumento para fins práticos, de modo que a linguagem utilizada provavelmente se assemelhava à língua popular falada. Logicamente, é preciso lembrar sempre que um texto escrito não pode ser

tomado como correspondente a uma transcrição da fala, mesmo se tratando de um texto não formal.

Há outro aspecto importante que se deve considerar ao utilizar textos inábeis: o fato de uma mão inábil não ter recebido educação formal não impede de maneira alguma que tal indivíduo seja capaz de refletir sobre a escrita, e que seja influenciado a partir daí por características próprias da escrita e da língua falada ao produzir um texto. Isso significa que podem surgir, em meio aos textos, construções e criações provenientes não da língua escrita padrão, mas dos critérios próprios das mãos inábeis – e isso constituiria um outro argumento contra o uso de textos de mãos inábeis em investigações lingüísticas.

Não se pode ignorar, por exemplo, o fato de que muitos indivíduos semi-alfabetizados criam algumas construções híbridas ou um pouco estranhas à primeira vista. É o caso do exemplo (1) abaixo, no qual o autor toma a abreviatura V.M. (Vossa Mercê) como uma unidade, precedendo-a com o pronome *vossa*:

- (1) *grade deos a uosa u.m. João mendes bulhão*
(guarde Deus a **vossa vossa mercê** João Mendes Bulhão)

No exemplo acima, a mão inábil parece ter sido influenciada pela escrita; é possível hipotetizar que, ao se deparar com o recorrente *V.M.* em outros textos, o indivíduo associou à abreviatura o sentido de *Mercê*. Ao escrever, então, utilizou essa nova unidade junto com *vossa*. Construções desse tipo são facilmente identificáveis por um leitor mais atento, e não aparentam ser um grande argumento contra o uso de textos inábeis para pesquisas.

Portanto, mesmo com suas características peculiares, as mãos inábeis são de fato uma boa fonte para investigação: são menos formais do que as outras cartas pessoais da mesma época, e são representativas de uma grossa camada da população daquela época que não teve acesso à educação formal. O problema mais saliente é a relativa escassez de documentos desse tipo; até o momento, o número de manuscritos de mãos inábeis de que se tem conhecimento é pequeno, se comparado com o número de papéis gerados pela

Inquisição.

A única solução plausível para esse problema é também a solução mais óbvia: continuar procurando por mais manuscritos, por mais dados até agora ignorados. Se é verdade que há poucos textos inábeis que sobreviveram aos reveses do tempo, também é verdade que durante um grande período esses textos foram ignorados e não utilizados, de modo que não se sabe ao certo a quantidade de manuscritos inábeis remanescentes. Veja como exemplo o fato de que, durante a coleta de dados realizada para este trabalho, percorri apenas 23 de um conjunto composto por mais de 130 Cadernos do Promotor da Inquisição de Lisboa, e que esse conjunto – ainda que totalizando milhares⁴ de páginas – representa só uma pequena parcela de toda a vasta documentação inquisitorial Portuguesa. E além dos papéis da Inquisição de Lisboa, há também as Inquisições de Coimbra, Évora, etc.

Há de se lembrar também que os arquivos inquisitoriais não são a única fonte disponível, e que tanto no Brasil quanto em Portugal devem existir arquivos contendo material relevante que ainda permanece ignorado: cartas privadas, documentos de caráter legal e qualquer outro gênero que porventura tenha sobrevivido ao tempo. Pesquisas recentes – como o Projeto CARDS⁵, coordenado pela Prof^a. Rita Marquilhas, e o trabalho desenvolvido por Oliveira (2006)⁶ – poderão impulsionar ou estimular novas buscas. Portanto, ainda que a falta de dados constitua um problema fundamental, é válido dizer que se trata de um problema contornável – a depender da vontade e dos esforços dos pesquisadores.

4 Supondo uma média de 500 páginas para cada um dos cerca de 130 Cadernos, temos uma estimativa de 65.000 páginas apenas para a Inquisição de Lisboa.

5 O Projeto *CARDS – Cartas Desconhecidas* reunirá cartas portuguesas privadas de 1500 a 1900, presentes no ANTT. Além dos arquivos inquisitoriais, também outros servirão de fonte, como os arquivos da Casa da Suplicação (uma espécie de “Tribunal de Justiça” da época) e fundos judiciais de arquivos distritais.

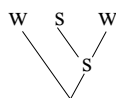
6 Oliveira (2006) realizou seu trabalho com base nas atas retiradas dos arquivos da *Sociedade Protetora dos Desvalidos* da Bahia, uma irmandade negra fundada em 1832.

2. A TEORIA MÉTRICA E O PÉ

Para este trabalho, a noção de *pé* será de grande importância, visto que, segundo a Teoria Métrica (Hayes 1995), é através da postulação de um constituinte abstrato chamado de *pé métrico* que se deriva um padrão de acento de uma determinada língua, ou seja, um padrão de alternância entre sílabas proeminentes e não-proeminentes. E como definem Liberman & Prince (1977), o acento é a manifestação lingüística da estrutura rítmica. Portanto, torna-se necessário voltar a atenção para a Teoria Métrica – parte da fonologia gerativa que lida com padrões de acento e ritmo.

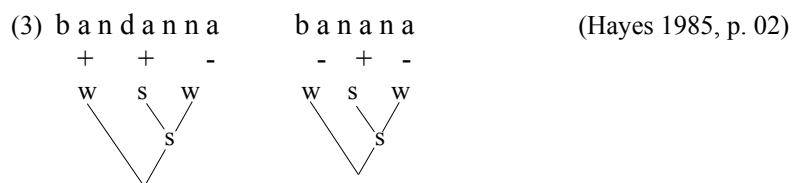
Como aponta Hayes (1985), a Teoria Métrica se baseia largamente no trabalho de Liberman (1975) e Liberman & Prince (1977); ao contrário dos trabalhos anteriores (cf. Chomsky & Halle 1968, entre outros), nos quais o acento era tido como uma propriedade que poderia ser atribuída às vogais, Liberman & Prince propuseram uma representação⁷ hierárquica (i.e. acentos primários dominando acentos secundários etc.) e sugeriram que o acento era uma questão de proeminência relativa entre sílabas. Essa proeminência relativa do acento é representada pelos autores através de estruturas em árvore de ramificação binária, de modo que cada um dos dois nós irmãos recebe o rótulo *s* (*strong*, forte) ou *w* (*weak*, fraco):

(2) n o t á v e l

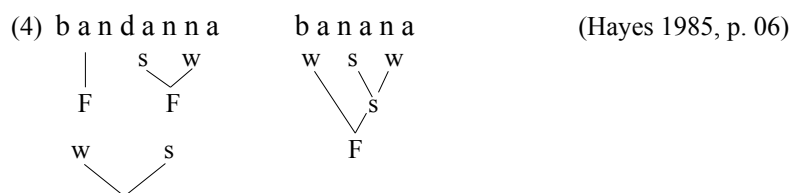


Porém, em Liberman & Prince (1977) o traço [+ acento] ainda era necessário para representar – de maneira binária – os diferentes graus do acento. É o caso das palavras *bandanna* e *banana* em inglês, que têm a mesma representação em árvore, diferindo apenas no grau de acento da vogal na primeira sílaba:

7 A representação arbórea proposta em Liberman & Prince (1977) foi também admitida por Hayes (1985).



Prince (1976) e Selkirk (1980) propuseram a eliminação do traço [+ acento] e o reconhecimento do pé métrico – ou seja, das sub-árvores formadas – como constituinte fonológico independente. O resultado da reinterpretação de (4) pode ser visto abaixo, tendo os pés métricos representados por **F**:



Por sua vez, outros autores (cf. Prince 1983, Selkirk 1984, Halle & Vergnaud 1987, entre outros) propuseram a representação do acento através de grades métricas; uma grade métrica é composta por camadas em que se indicam as posições dos acentos, sendo que cada camada representa uma divisão em diferentes constituintes fonológicos, tais como frases fonológicas, pés, etc. Veja o exemplo abaixo:



Em (5) é possível ver os acentos representados por **x**, e os limites de constituintes fonológicos representados por parênteses. A primeira linha mostra o acento principal do sintagma; a segunda, os acentos primários de cada palavra fonológica que compõe o sintagma; e a terceira, o acento de cada pé métrico. Na última linha, os pontos representam sílabas não-acentuadas.

Independentemente da representação adotada, é fato que a introdução da noção

de *pé* foi de extrema importância, principalmente por dois motivos: em primeiro lugar, porque dando ao pé o *status* de constituinte, tornou-se possível que regras fonológicas se referissem especificamente àquele domínio; e em segundo lugar, porque apenas a noção de sílaba não parecia ser o suficiente para a estipulação de regras de acento. Como afirma Hayes (1995):

*One of the seminal ideas in metrical stress theory is this: the best way to express stress rules might not actually be the most direct one, that is, to place stress in a particular syllable. The alternative is to state the possible structures for metrical constituents and construe stress placement as the parsing of a word into such constituents. These constituents, the minimal bracketed units of metrical theory, are called **feet**.*

(1995, p. 40)

Assim, o menor constituinte da Teoria Métrica passa a ser o pé. Hayes salienta a importância da noção de parametrização, ou seja, da idéia de que existe um conjunto limitado de opções universais ou *parâmetros*; é desse conjunto que as línguas escolhem seus parâmetros – de modo que essas escolhas definem quais pés são possíveis em cada língua. Abaixo, retirado de Hayes (1995), vê-se uma lista de alguns dos parâmetros que foram propostos por diversos autores:

(6)

a. Choice of foot type

i. SIZE	Maximally unary/binary/ternary/unbounded
ii. QUANTITY SENSITIVITY	Heavy syllables (may/may not) occur in weak position of a foot
iii. LABELING	Feet have (initial/final) prominence
iv. OBLIGATORY BRANCHING	The head of a foot (must/need not) be a heavy syllable

(8) *is cola* 'escola' (Capristano 2007, p. 129)
 (x .)

Entretanto, antes de prosseguir com a questão da tendência ao ritmo binário do PB, deve-se atentar a outro conceito que será igualmente importante: além do pé métrico, também a noção de *palavra fonológica* – um dos conceitos básicos da Fonologia Prosódica – será importante no desenvolvimento deste trabalho.

3. A FONOLOGIA PROSÓDICA E A PALAVRA FONOLÓGICA

Como será mostrado mais adiante, a segmentação inábil presente nos dados analisados mostra que muitos casos de hipossegmentação – ou seja, a eliminação de espaços em branco entre palavras – ocorrem de maneira a juntar algumas palavras às palavras funcionais à sua esquerda; a maioria das hipossegmentações envolvendo nomes/verbos e artigos/preposições mostra que a nova segmentação realizada pelas mãos inábeis geralmente coincide com a noção de palavra fonológica. Por isso, é necessário se voltar à Fonologia Prosódica antes de seguir adiante.

Inserida no quadro teórico gerativo, a Fonologia Prosódica tem como ponto diferenciador da Fonologia Gerativa Padrão o fato de que a representação fonológica deixa de ser concebida como uma única seqüência linear de segmentos e delimitações de fronteiras, passando a ser uma organização *hierárquica* de constituintes fonológicos, de modo que um nível não-terminal contém o(s) elemento(s) do nível inferior, e que todo elemento está contido no nível que o domina (cf. *Strict Layer Hypothesis*, Selkirk 1984).

Tanto para Nespor & Vogel (1986) quanto para Selkirk (1986), os constituintes prosódicos se dispõem em uma hierarquia que tem como domínio menor a *sílabas*, que em conjunto com outras sílabas forma o *pé*; um ou mais pés formam uma *palavra fonológica* ou *palavra prosódica*, que em conjunto com outras forma a *frase fonológica* ou *sintagma fonológico*. Uma ou mais frases fonológicas formam uma *frase entoacional* ou *sintagma*

entoacional, que por sua vez formam *enunciados*. A análise de Nespor & Vogel difere da de Selkirk por lançar mão de uma categoria intermediária, entre a palavra fonológica e a frase fonológica, chamada de *grupo clítico*. Essa categoria é dispensada por Selkirk e por outros autores, que consideram o grupo clítico como um elemento da palavra fonológica.

As noções de hierarquia e de constituintes prosódicos ajudam a explicar a aplicação de regras em domínios prosódicos específicos, ou seja, ajudam a explicar por que certos fenômenos ocorrem ou não ocorrem em determinados contextos. Uma determinada regra pode ser aplicada, por exemplo, dentro de um domínio, nas fronteiras de um domínio ou entre domínios (cf. *domain span*, *domain limit* e *domain juncture*, Selkirk 1980). A existência de processos que levam em conta os domínios e a relação entre eles corrobora a própria existência de constituintes organizados hierarquicamente, ainda que não haja concordância sobre o número de constituintes na hierarquia (i.e. se o grupo clítico realmente deve ser considerado ou não) e que não haja evidências claras de que todas as línguas possuem todos os constituintes sugeridos.

Um ponto essencial da Fonologia Prosódica é a relação que se estabelece entre a estrutura fonológica e a estrutura sintática. Nespor & Vogel e Selkirk apresentam diferentes algoritmos de formação⁸ de constituintes prosódicos, mas em ambos os casos fica evidente que as autoras propõem uma forte relação entre Fonologia e Sintaxe, como é explicitado a seguir.

Para Nespor & Vogel (1986, p. 109-143), a palavra fonológica (ω) é equivalente ou menor do que o elemento terminal de um XP lexical da árvore sintática; tal elemento é composto por um radical e seus afixos linearmente adjacentes. Uma ω pode conter no máximo um acento, sendo que esse acento é opcional. O exemplo (9) mostra uma ω não-acentuada e uma acentuada, que juntas formam um grupo clítico (c):

8 Quanto à formação de constituintes prosódicos, propostas mais recentes (cf. Selkirk 1995, Truckenbrodt 2006, entre outros) lançam mão da Teoria da Otimalidade (Prince & Smolensky, 1993) e propõem que as restrições que devem ser obedecidas para se formar constituintes prosódicos – mais especificamente os domínios acima da palavra prosódica, como mostra Truckenbrodt (2006) – continuam essencialmente as mesmas já propostas por Nespor & Vogel (1986) e Selkirk (1984); a diferença crucial reside no fato de estarem essas restrições dispostas em uma hierarquia, e na possibilidade das restrições serem violáveis.

(9)[(a)_ω ('bola)_ω]C

Já Selkirk apresenta uma proposta um pouco diferente: ω se forma de acordo com os finais de fronteiras sintáticas. No caso de línguas de ramificação sintática à direita – como o português – a fronteira direita de uma palavra fonológica coincide com a fronteira direita de um nóculo terminal ocupado por um item lexical ($Align-X_{lexical}^o, R$). Portanto, para a autora o mesmo exemplo em (9) seria considerado uma palavra fonológica, como se vê em (10):

$$(10) \quad (\mathbf{a} \text{ bola})_{\omega}$$

É importante ter em mente o conceito de palavra fonológica ao se analisar a segmentação não-canônica pois, como será mostrado adiante, muitas vezes a fuga ao padrão cria hipossegmentações que coincidem com a noção de palavra fonológica. A eliminação de espaços em branco entre palavras é um fenômeno que pode ser verificado na escrita infantil em estágio inicial e na escrita inábil adulta, como no exemplo abaixo, retirado de um documento do século XVIII:

(11) ... *morador nasidade dagoaruda*...
 (na cidade)_ω (da Guarda)_ω
 “morador na cidade da Guarda”

É preciso salientar que as hipossegmentações não ocorrem apenas de modo a coincidir com palavras fonológicas ou com outros constituintes prosódicos; ainda que a segmentação não-canônica em geral esteja ligada a critérios fonológicos, morfológicos e da própria formalização da escrita, tais critérios não são, de maneira alguma, condicionantes das ocorrências. Ou seja, esses critérios não são os únicos que podem motivar uma segmentação não-convencional. Também é preciso notar que a hipo- e a hipersegmentação não ocorrem necessariamente isoladas uma da outra. Isto é, uma palavra pode apresentar hipossegmentação e hipersegmentação ao mesmo tempo, como no exemplo (12):

palavra em pés binários – como no exemplo (15) abaixo –, o *corpus* histórico apresenta um número muito pequeno de ocorrências do mesmo fenômeno.

(15) *borbo leta*
(x .) (x .)

Seria essa diferença no padrão de segmentação um indício da diferença rítmica entre o PB atual e o português falado nos séculos XVII e XVIII?

Assumindo, com Galves *et alii* (2006), que o início do português europeu moderno se deu no século XVIII, então os manuscritos do *corpus* podem ser considerados como representativos do período de transição para o PE, visto que abrangem o período de 1612 a 1744. Assume-se também, novamente com Galves *et alii*, que o PB não se desmembra diretamente do português europeu moderno e sim do período⁹ anterior ao surgimento e consolidação do PE como tal.

Dessa forma, os dados do *corpus Mãos Inábeis* também podem ser considerados como representativos de uma língua cujo ritmo não era necessariamente semelhante ao PB atual. Então, partindo do pressuposto de que a tendência à hipersegmentação em pés binários pode ser considerada um reflexo de um ritmo binário, o fato de o padrão de segmentação ortográfica presente nos documentos do *corpus* ser diferente do padrão encontrado nos textos infantis iniciais em PB pode ser um reflexo de uma diferença rítmica.

Com isso, retorna-se à questão da tendência do PB à binariedade e acrescenta-se outra questão igualmente importante para possibilitar uma comparação: o ritmo do PE. Na próxima seção são apresentadas algumas das análises propostas para o padrão de acento do PB, e também para o do PE, com o intuito de salientar as diferenças.

9 A esse período, as autoras dão o nome de “português médio”, que surge entre os séculos XIV e XV.

4. O PÉ, o PE E o PB

Dado que existem características rítmicas diferentes entre o português falado atualmente pelos portugueses e o falado pelos brasileiros, esta seção tem como objetivo fazer uma revisão da literatura sobre o ritmo do PB (4.1) e do PE (4.2), tendo em vista a noção de pé métrico apresentado na seção 2 acima.

4.1. O ritmo do PB

Apesar de haver certas diferenças entre as análises apresentadas abaixo, em todas elas a tendência do PB ao ritmo binário tem seu espaço, seja como coadjuvante (cf. Lee 1994) ou como protagonista (cf. Bisol 1992, Massini-Cagliari 1999, Wetzels 2006, entre outros). Mais especificamente, a maioria das análises aqui apresentadas pressupõe a organização das sílabas em pés binários trocaicos, ou seja, com acento à esquerda.

4.1.1. Acento primário

Bisol (1992) parte do pressuposto que o PB estrutura as sílabas de modo a formar troqueus, e propõe em (16) uma regra de atribuição de acento primário que leva em conta o peso silábico. Bisol admite como “pesada” qualquer sílaba de rima ramificada. A sílaba proeminente é representada por um asterisco, e a não-proeminente é representada por um ponto. A regra é a mesma tanto para verbos quanto não-verbos, mas há diferenças na aplicação da regra para cada uma dessas categorias.

(16) Regra do Acento Primário

Domínio: a palavra

- i. atribua um asterisco (*) à sílaba pesada final, i.e., sílaba de rima ramificada.
- ii. Nos demais casos, forme um constituinte binário (não-iterativamente) com proeminência à esquerda, de tipo (*.), junto à

borda direita da palavra.

(Bisol 1992, p. 69)

A primeira diferença está no domínio de aplicação: para não-verbos, considera-se como “palavra” o radical seguido da vogal temática ou marca de gênero. Para Bisol, a flexão não interfere no processo e portanto não deve fazer parte do domínio. No caso dos verbos, considera-se como “palavra” o radical seguido da vogal temática, do sufixo modo-temporal e do sufixo número-pessoa, sendo que o acento pode se localizar em qualquer um dos morfemas.

A segunda diferença está no modo de aplicação: para não-verbos a regra de aplicação de acento primário é cíclica, ou seja, é reaplicada com o acréscimo de um morfema derivativo; já para verbos a regra não é cíclica, e se aplica apenas depois da formação da palavra esteja completa.

A proposta de Bisol acaba por gerar muitas exceções entre não-verbos. De fato, três grupos de não-verbos não conseguem ser derivados imediatamente através da regra em (16), que prevê que as palavras paroxítonas com sílaba final (e.g. *cadáver*) pesada seriam oxítonas; as proparoxítonas seriam paroxítonas; e as oxítonas terminadas em vogal (e.g. *café*) também seriam paroxítonas.

Para explicar o caso das paroxítonas de sílaba final pesada e das proparoxítonas, a autora faz uso da noção de extrametricidade – outro conceito da Teoria Métrica. Como argumenta Bisol, “qualquer sílaba ou rima ou mora ou consoante ou até mesmo um morfema, dependendo da língua, pode ser ignorada pelas regras de acento, desde que estejam em posição periférica” (1992, p. 70). Ou seja, sílabas, consoantes, etc. podem ser consideradas extramétricas em uma determinada língua, caso se encontrem em posição periférica. Dessa maneira, sua proposta é considerar que, nos paroxítonos de sílaba final pesada, a última consoante é extramétrica; nos proparoxítonos, seria extramétrica a última sílaba.

Já a não-adequação das oxítonas terminadas em vogal à regra de aplicação de acento recebem uma explicação diferente. Bisol defende a existência de uma consoante

subjacente no final da palavra, que só vem à superfície nas formas derivadas: *café(t)*, *cafeteira*. A regra seria capaz de ver essa consoante subjacente, tratando então a palavra como uma terminada em sílaba pesada – o que faria o acento recair sobre a última sílaba, como prevê a parte (i) da regra proposta.

Portanto, Bisol parte do pressuposto de que as sílabas em PB tendem a se estruturar em troqueus binários, da direita para a esquerda, e que o peso silábico deve ser levado em consideração no processo; além disso, as exceções à regra (i.e. os grupos de não-verbos mencionados acima) devem ser explicadas através de outros argumentos – como a extrametricidade e a existência de consoantes finais subjacentes – para que se adequem à regra.

Wetzels (2006) se junta a Bisol ao defender a sensibilidade do PB ao peso silábico em não-verbos, e por argumentar a favor da estruturação em pés binários trocaicos. Numa abordagem otimalista¹⁰, o autor propõe que a atribuição de acento primário se dá através de dois conjuntos de restrições: um para verbos, baseado nas categorias morfológicas de tempo verbal; e outro para não-verbos, baseado no peso silábico. Portanto, a aplicação em um conjunto tem base morfológica, enquanto no outro a base é fonológica.

Por outro lado, Lee (1994) oferece uma proposta diferente, considerando o PB como insensível ao peso silábico, e postulando que a regra geral prevê a localização do acento na última vogal do radical. O domínio de aplicação do acento primário em verbos é a palavra, e em não-verbos é o radical. Lee parte do pressuposto de que o acento em não-verbos se divide entre casos marcados e não-marcados: nos não-marcados, as sílabas se estruturam em pés ilimitados e iâmbicos (i.e. de acento à direita), como pode se ver em (17); já nos marcados, as sílabas se estruturam em pés binários e trocaicos, que se constroem de maneira não-iterativa, da direita para a esquerda, como se vê em (18):

(17) a. comet|a
(. *)

b. vac|a
(*)

c. café
(. *)

10 cf. Teoria da Otimalidade (Prince & Smolensky 1993, entre outros)

- (18) a. hábil b. lívid]o
 (* .) (* .)

Aplicando a regra proposta por Lee, o domínio de aplicação em não-verbos é o radical, de modo que a acentuação de palavras paroxítonas como *cometa* e *vaca* não levaria em conta a vogal final por não fazer parte do radical, como se vê em (17a) e (17b). Note que o autor considera não-marcadas as oxítonas terminadas em vogal, como (17c): dessa forma, o acento se localizaria sobre a última vogal, que também é a última vogal do radical e portanto se adequaria à regra proposta. De acordo com o autor, as paroxítonas terminadas em sílaba pesada, como em (18a), e as proparoxítonas, como em (18b), são casos marcados e portanto devem seguir um outro algoritmo de formação de pés.

Portanto, diferentemente de Bisol, Lee propõe que o tipo de pé não-marcado no PB é o iambo, e que esse pé não-marcado é ilimitado quanto ao tamanho. Os pés marcados, por sua vez, são troqueus binários. A proposta de Lee também difere da de Bisol por não depender largamente da noção de extrametricidade para explicar exceções; no entanto, tal proposta depende de um número maior de regras e precisa se basear tanto em pés trocaicos quanto iâmbicos.

Como aponta Massini-Cagliari (1999), é importante ressaltar que, mesmo sendo diferente das demais, a proposta de Lee prevê que os casos marcados no PB terão pés de estrutura binária; ou seja, a proposta de Lee considera o pé iâmbico como não-marcado, e no entanto precisa se voltar ao troqueu para explicar toda a classe de casos marcados. Considerando que a classe de não-marcados não é pouco numerosa, de certa forma pode-se dizer que a proposta de Lee também reafirma a importância da binariedade no PB.

O fato de as análises que apostam no troqueu não precisarem considerar o iambo para explicar determinados casos também levou Massini-Cagliari a considerar o troqueu como pé básico do PB; e como Bisol (1992) e Wetzels (2006), a autora argumenta a favor da sensibilidade ao peso silábico. Como Bisol, Massini-Cagliari recorre à noção de extrametricidade para explicar o caso das proparoxítonas e das paroxítonas terminadas em sílaba pesada. No entanto, Massini-Cagliari oferece uma explicação diferente da de Bisol

para as oxítonas terminadas em vogal, como *café*: ao invés de postular a existência de uma consoante subjacente no final da sílaba, Massini-Cagliari argumenta que nesses casos a sílaba final é pesada por conta do próprio caráter da vogal, que seria considerada bimoraica, ocupando dessa forma duas posições no núcleo da sílaba em questão.

A própria autora ressalta que o fato de não existir no PB uma distinção fonológica entre vogais longas e breves torna a sua proposta de vogais bimoraicas um tanto complicada; entretanto, tendo em vista o fato de que o acento no latim era sensível à quantidade vocálica, Massini-Cagliari argumenta que é possível a língua ter voltado a considerar as vogais longas num estágio posterior – ou seja, no PB – quando da entrada tardia das oxítonas terminadas em vogal na língua, em sua maioria através do empréstimo de palavras indígenas e africanas.

Além de Bisol (1992), Wetzels (2006) e Massini-Cagliari (1999), outros autores desenvolvem suas análises para o acento secundário pressupondo ter o PB um ritmo binário; entre eles, são citados mais adiante Collischonn (1993), Abaurre & Galves (1998) e Sandalo *et alii* (2006), que também partem da idéia de binariedade construída através de troqueus formados da direita à esquerda. Portanto, com exceção à proposta de Lee, as propostas dos demais autores citados acima argumentam a favor da tendência do PB à binariedade, tendo em vista a importância dos pés binários trocaicos nas regras de atribuição de acento. Vejamos, agora, o que a literatura pode nos dizer acerca do acento secundário em PB.

4.1.2. Acento secundário

Baseada na Teoria Métrica, Collischonn (1993) argumenta que a aplicação do acento primário e do acento secundário em PB se dão de maneira diferente. A autora parte do pressuposto de que, diferentemente do acento primário, o acento secundário é pós-lexical. Um dos argumentos levantados por Collischonn é o fato de, em circunstâncias normais, o acento primário não variar; já o acento secundário pode apresentar variações, ou seja, pode recair sobre uma ou outra sílaba. Veja como exemplo a palavra *fertilizante*, cujas possibilidades de acento secundário são representadas abaixo através do sublinhado:

(19) a. fertilizante

b. fertilizante

Uma evidência da distinção entre as regras de aplicação dos acentos é a insensibilidade do acento secundário ao peso silábico, sendo importante apenas o número de sílabas, e não a estrutura silábica interna. Isto é, um acento secundário pode se localizar numa sílaba pesada (como em *fertilizante*), mas não se trata de um requisito obrigatório, como mostra o exemplo (19b) acima.

Collischonn argumenta que o acento secundário em PB segue um padrão binário, formando troqueus da direita para a esquerda; é importante ressaltar que, para a autora, a atribuição do acento secundário tem como ponto de referência a posição do acento primário, e não a margem direita da palavra. Ainda que para Collischonn o padrão binário seja o largamente predominante, a autora argumenta que os dátilos iniciais (i.e. conjuntos de três sílabas, a primeira delas recebendo acento secundário) são permitidos – como no caso de *abacaxi*, cujo acento pode cair tanto na primeira quanto na segunda sílaba:

(20) a. abacaxi

b. abacaxi

A proposta otimalista de Sandalo *et alii* (2006) assume, da mesma maneira que Collischonn, que o acento primário em PB é lexicalizado, e que o acento secundário é pós-lexical. De acordo com Sandalo *et al.*, apesar do PE e do PB apresentarem o acento primário nas mesmas posições, há uma grande variação quando se trata de acento secundário – e pelo menos no caso do PB, há uma preferência por se formar pés binários. Os dados apresentados pelos autores mostra que o acento secundário em PB apresenta um padrão binário que é apenas raramente violado: tais exceções seriam os casos de dátilos iniciais, que não são obrigatórios.

Os autores citam um exemplo de Collischonn, no qual a palavra *satisfatória* pode receber o acento secundário em *satisfatória*, formando um dátilo inicial, ou em *satisfatória*, não formando o dátilo inicial. Entretanto, Sandalo *et al.* trazem à tona o fato de

que, em PB, há uma grande quantidade de palavras de número ímpar de sílabas que sofrem síncope vocálica, de modo a criar binariedade total. É o caso da própria palavra *satisfatória*, realizada como *satsfatória* e formando assim dois troqueus binários:

$$(21) \quad \begin{array}{l} \textit{satsfa tória} \\ (* \quad .)(* \quad .) \end{array}$$

Todos os trabalhos citados acima, com exceção à proposta de Lee (1994), apontam para a tendência à binariedade no PB, seja no âmbito do acento primário ou do secundário. No entanto, deve-se lembrar que mesmo a proposta iâmbica de Lee recorre à formação de troqueus no caso dos marcados. Como veremos na seção 5 deste capítulo, essa tendência à binariedade se mostra também na escrita infantil inicial. Antes, porém, é preciso relembrar que o ritmo do PB é distinto do ritmo do PE, pelo que se faz necessária a revisão da literatura no item 4.2.

4.2. O ritmo do PE

As diferenças rítmicas entre o PB e o PE são um ponto importante para este trabalho, visto que se deseja comparar o padrão de segmentação ortográfico não-canônico tanto na escrita infantil do PB quanto em manuscritos de mãos inábeis portuguesas dos séculos XVII e XVIII – portanto do período de transição e início do PE. São salientadas, aqui, apenas algumas das análises existentes sobre o acento no PE.

4.2.1. Acento primário

Em sua proposta para o PE, Mateus (1983) argumenta a favor da importância da informação morfológica e propõe que o acento no caso de substantivos e adjetivos é aplicado na última vogal do radical; já no caso dos verbos, o acento se localiza na última vogal do tema¹¹. Note, no entanto, que a análise de Mateus desconsidera categorias como as conjunções, preposições, etc. Casos como *porém*, uma conjunção acentuada, permanecem

¹¹ Por *tema* entende-se aqui o radical seguido da vogal temática; caso não haja vogal temática, então radical e tema coincidem.

sem explicação do ponto de vista da análise proposta pela autora. Como aponta Vigário (2003, p. 48), trata-se de um problema não discutido tanto em Mateus (1983) quanto nos trabalhos posteriores sobre o acento em PE (cf. d'Andrade 1988, van der Leeuw 1997, Pereira 1999, entre outros citados pela autora).

Como dito anteriormente, o PB e o PE não apresentam diferenças quanto à localização do acento primário. Considerando também que o ritmo não se constrói apenas através do acento primário e sim através da alternância entre sílabas proeminentes e não-proeminentes, avancemos à questão do acento secundário, na qual as diferenças rítmicas entre o PE e o PB se tornam mais salientes.

4.2.2. Acento secundário

Ainda que nas variantes brasileira e européia a atribuição de acento primário seja igual, não parece haver consenso sobre o sistema de atribuição de acento secundário em PE, de modo que já se afirmou serem os pés binários, ternários ou ilimitados:

D'Andrade & Laks (1991) have claimed that secondary stresses are assigned via binary feet construction in EP, and Carvalho (1988/1989) claims that secondary stress is assigned via ternary feet. More recently, Frota (1998) and Vigário (1998) have claimed that secondary stressing is not obligatory and, if it happens, it tends to be unbounded in EP.

(Sandaló *et al.* 2006, p.03)

A proposta ternária de Carvalho (1989) sugere que a atribuição do acento secundário em sílabas pretônicas se dá através de um sistema que conta moras – mais especificamente, um sistema que atribui um acento secundário após contar três moras a partir do acento primário.

Os dados de Abaurre & Galves (1998) corroboram a afirmação de Carvalho de que o acento secundário em PE cai na terceira sílaba a partir do acento primário, caso as três sílabas pretônicas sejam leves, ou seja, caso as três sílabas pretônicas tenham uma mora cada; tais dados confirmam também a diferença entre PE e PB, visto que o acento

secundário no PB é atribuído à segunda sílaba a partir do acento primário:

(22)

PB	PE
com <u>par</u> ativa	<u>com</u> parativa
con <u>h</u> ecimento	<u>con</u> hecimento
class <u>i</u> ficar	<u>cl</u> assificar
categ <u>o</u> rias	<u>cat</u> egorias
ap <u>l</u> icação	<u>ap</u> licação

(Abaurre & Galves, 1998)

Por ser baseado em moras, o sistema proposto toma uma sílaba pesada como equivalente a duas moras. Para Carvalho, são pesadas as sílabas terminadas em /l/ e /r/, com rimas nasais e com ditongos. Veja o exemplo (23) abaixo:

(23) lavandaria

Como notam Abaurre & Galves, o sistema ternário proposto por Carvalho prevê um padrão binário em contexto de sílabas pretônicas pesadas, visto que uma sílaba leve e uma pesada totalizariam três moras, adequando-se à regra de contagem de três moras a partir do acento primário.

Portanto, Carvalho (1989) propõe um sistema de atribuição de acento secundário que difere da proposta de Collischonn (1993) para o PB quanto à sensibilidade ao peso silábico, visto que, além de não ser predominantemente binário, para Collischonn o importante para a atribuição de acento secundário no PB é o número de sílabas a partir do acento primário, desconsiderando a estrutura interna das sílabas (i.e. se são leves ou pesadas).

Abaurre & Galves observam também que, no caso de palavras com apenas duas sílabas leves à esquerda da sílaba acentuada, o PB age como previsto, acentuando a

primeira sílaba da palavra. Já o PE, em muitos casos, age de maneira diferente: a primeira sílaba da palavra pode tender a uma redução, fazendo com que o acento secundário caia na palavra funcional monossilábica à sua esquerda:

(24)

PB	PE
<u>re</u> ferência	<u>de</u> r(e)ferência
<u>re</u> lação	<u>em</u> r(e)lação
<u>se</u> melhantes	<u>ou</u> s(e)melhantes
<u>de</u> cisor	<u>ou</u> d(e)cisor

(adaptado de Abaurre & Galves, 1998)

Os dados em (24) apontam para o fato de que considerar a palavra lexical como domínio de aplicação do acento secundário não é o suficiente; antes, a noção de palavra fonológica parece se encaixar melhor – e como apontam Abaurre & Galves, dessa forma é possível contar três sílabas a partir do acento primário, fazendo com que o sistema proposto por Carvalho não seja invalidado.

Já a análise proposta por Sandalo *et al.* (2006) mostra que, pelo menos em seu *corpus* de pesquisa, a posição do acento secundário em PE não forma pés binários ou ternários, e sim pés ilimitados. Os dados em (24) trazem à tona outra diferença entre o PB e o PE, que também foi salientada por Sandalo *et al.*: a possibilidade de atribuir acento secundário a palavras funcionais no PE – algo que não ocorre no PB. Sandalo *et al.* afirmam que, ainda que isso seja possível no PE, no PB a acentuação de palavras funcionais só ocorre quando se deseja enfatizar o item em questão. Os dados analisados pelos autores também mostram que é possível não atribuir acento secundário à palavra em PE, enquanto que no PB não se trata de algo opcional.

A proeminência em início de domínio é outra característica que difere o acento secundário em PE do PB. De acordo com Mateus & d'Andrade (2000), o acento que ocorre em início de domínio difere do acento secundário regular por não ser atribuído tendo como ponto de referência o acento primário; ao contrário, tal acento tem uma posição pré-

determinada, ocorrendo sempre em posição inicial. Além disso, trata-se de um acento opcional, como mostram Frota & Vigário (2000).

Quanto ao domínio de aplicação dessa proeminência inicial, d'Andrade & Laks (1991) argumentam que no PE tal proeminência tende a se localizar em início de palavra lexical; já outros autores – como Frota & Vigário (1999), Vigário (2003) e Sandalo *et al.* (2006) – argumentam que o domínio de aplicação da proeminência é a palavra fonológica. A análise apresentada por Frota & Vigário mostra que nos dados do PE “todos os acentos percebidos ocorrem no início de palavra fonológica, sendo a sua ocorrência particularmente favorecida quando se trata da primeira palavra fonológica do sintagma entoacional” (1999, p. 536).

Vigário (2003) e Sandalo *et al.* (2006) defendem que a proeminência inicial é atribuída ao início de uma palavra fonológica. Note que, para Vigário, as palavras funcionais não-acentuadas podem se juntar à palavra prosódica, formando o que a autora denomina *palavra fonológica máxima*¹² – diferentemente da análise de Nespor & Vogel (1986), de acordo com a qual cada item seria considerado uma palavra fonológica separada. Dessa forma, a regra proposta por Vigário prevê o acento inicial tanto na palavra funcional quanto na primeira sílaba da palavra lexical:

- (25) (a (gramaticalidade)_ω)_ω
(a (gramaticalidade)_ω)_ω

Portanto, não há de fato um consenso entre as análises propostas para a atribuição de acento secundário em PE. Vimos que o PE e o PB diferem quanto à posição de tal acento, e que no domínio da palavra o acento secundário pode inclusive ser opcional no PE; vimos que o PE apresenta também um outro tipo de acento secundário – a proeminência em início de domínio – que não ocorre no PB. Tudo indica que o ritmo do PE é de fato bastante diferente do PB.

12 cf. Vigário (2007) para uma proposta de “reciclagem” do grupo clítico proposto por Nespor & Vogel (1986).

A pergunta que se lança, agora, é a seguinte: se o PE e o PB são tão ritmicamente distintos atualmente, e se os dados do *corpus Mãos Inábeis* são representativos do período de transição¹³ para o PE como o conhecemos, como proceder para tentar descobrir características rítmicas da língua falada pelas mãos inábeis seiscentistas e setecentistas? Deve-se salientar a palavra “tentar”, pois a única maneira de verificar de fato o ritmo de um estágio remoto da língua seria tendo acesso a um falante nativo – o que, naturalmente, é impossível.

Este trabalho busca analisar o padrão da segmentação não-convencional nos textos históricos coletados, pois parte-se do pressuposto de que a segmentação não-canônica pode trazer reflexos do padrão rítmico da língua. Assim sendo, é possível imaginar que ritmos diferentes poderão ter como reflexo padrões diferentes de segmentação não-convencional. Em outras palavras, o padrão de segmentação dos textos inábeis deve ser diferente do padrão de segmentação infantil para o PB – o que pode ser um reflexo das diferenças rítmicas entre o PB atual e o português falado nos séculos XVII e XVIII pelas mãos inábeis.

Como dito no parágrafo acima, parte-se do pressuposto de que a segmentação não-convencional pode trazer reflexos do ritmo da língua. Não se trata, é claro, de uma pressuposição não-embasada; na seção abaixo se encontra a revisão da literatura da segmentação infantil no PB, na qual a relação entre ritmo e segmentação é discutida.

5. SEGMENTAÇÃO NÃO-CONVENCIONAL NA ESCRITA

5.1. Sobre a segmentação infantil não-convencional

O objetivo deste trabalho, como dito anteriormente, é analisar a segmentação não-convencional em busca de indícios do ritmo da língua falada pelos autores dos manuscritos do *corpus Mãos Inábeis*. Em primeiro lugar, é necessário explicitar aqui que o fenômeno a ser estudado – a segmentação ortográfica não-canônica – não deve ser tomado,

¹³ Assumindo a periodização proposta por Galves *et al.* (2006)

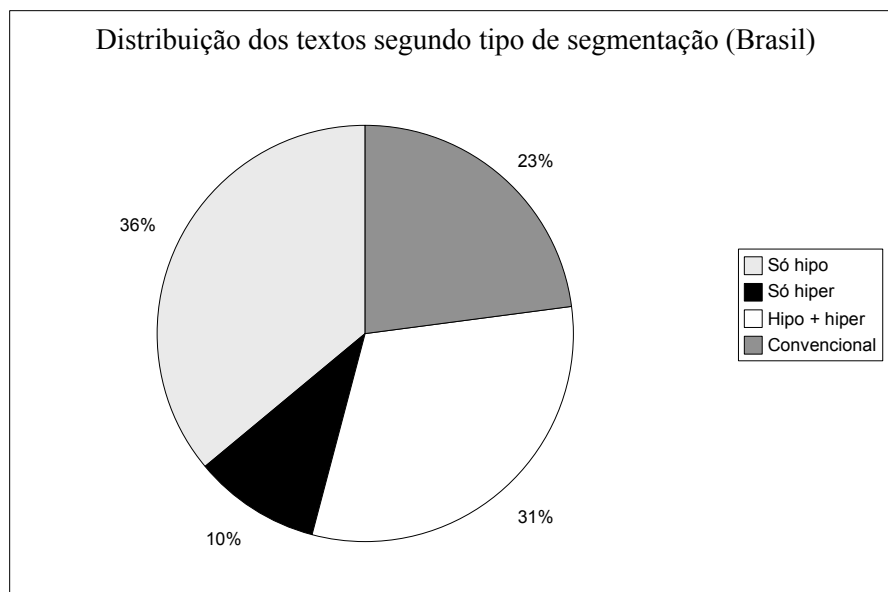
em sua totalidade, como representação inequívoca do ritmo; a representação escrita não é, em si, nem a transcrição da fala nem o ritmo. Antes, a segmentação não-padronizada é um fenômeno que nos oferece reflexos de outro fenômeno. Portanto, o que se procura aqui é observar a escrita em busca de tais reflexos.

Apesar do objetivo deste trabalho ser analisar a segmentação ortográfica não-canônica em textos produzidos por adultos, é interessante levantar alguns pontos sobre o que já foi escrito sobre a segmentação não-canônica infantil. Primeiro porque o objeto de estudo é o mesmo; e segundo, porque de fato há semelhanças entre os dois tipos de segmentação, ainda que produzidos por indivíduos em estágios diferentes.

A segmentação não-convencional é bastante comum na escrita daqueles que estão em processo de aprendizagem da norma ortográfica de uma língua. Entende-se aqui a segmentação não-convencional como sendo a segmentação ortográfica das palavras realizada de maneira a fugir do padrão canônico estabelecido por convenção para uma língua escrita. Dessa forma, existem duas maneiras de “fugir à regra”: juntando partes que a princípio estariam separadas (i.e. hipossegmentando), ou separando um item em uma ou mais partes (i.e. hipersegmentando).

Num estudo sobre a escrita infantil, Ferreiro *et alii* (1996, vide gráfico 1 abaixo) mostram que, dos textos coletados produzidos por crianças brasileiras, apenas 23% dos textos apresentava segmentação canônica; em 32% havia uma mistura de hipo- e hipersegmentações. Além disso, 36% continham somente casos de hipossegmentação, contra apenas 10% que continham somente casos de hipersegmentação.

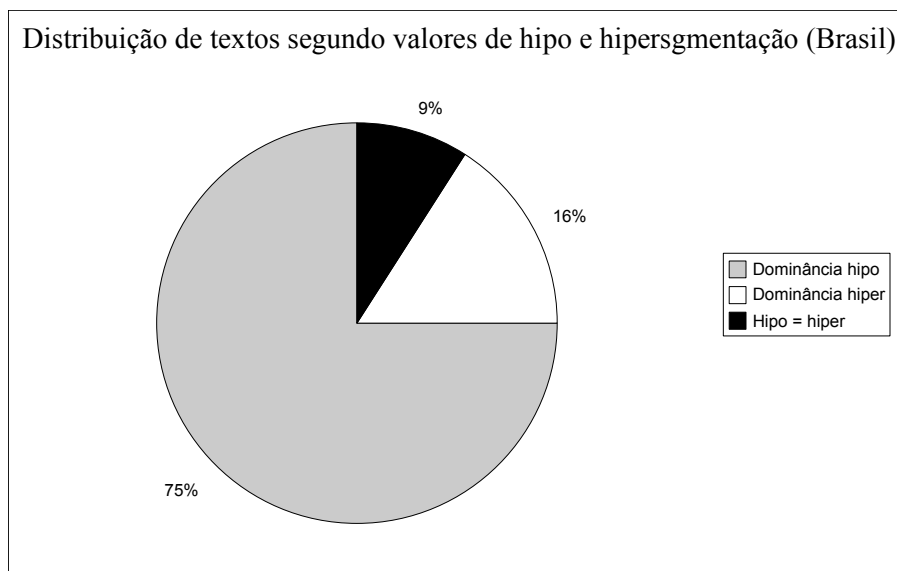
Gráfico 1 – Proporção de tipos de texto em Ferreiro *et al.*



Fonte: Ferreiro *et al.* (1996, p. 49)

Os dados acima mostram que as segmentações não-convencionais predominam no conjunto de textos coletados, somando 77% do total, e que portanto existem textos com segmentação convencional, ainda que em minoria. Ferreiro *et al.* apontam também que na grande maioria dos textos em que hipo- e hipersegmentações coexistem há uma predominância dos casos de hipossegmentação, como pode ser visto no Gráfico 2 abaixo; portanto, os dados analisados pelas autoras mostram que a hipossegmentação tende a ser dominante na segmentação não-convencional realizada por crianças brasileiras.

Gráfico 2 – Proporção de hipo- e hipersegmentação nos textos em Ferreiro *et al.*



Fonte: Ferreiro *et al.* (1996, p. 50)

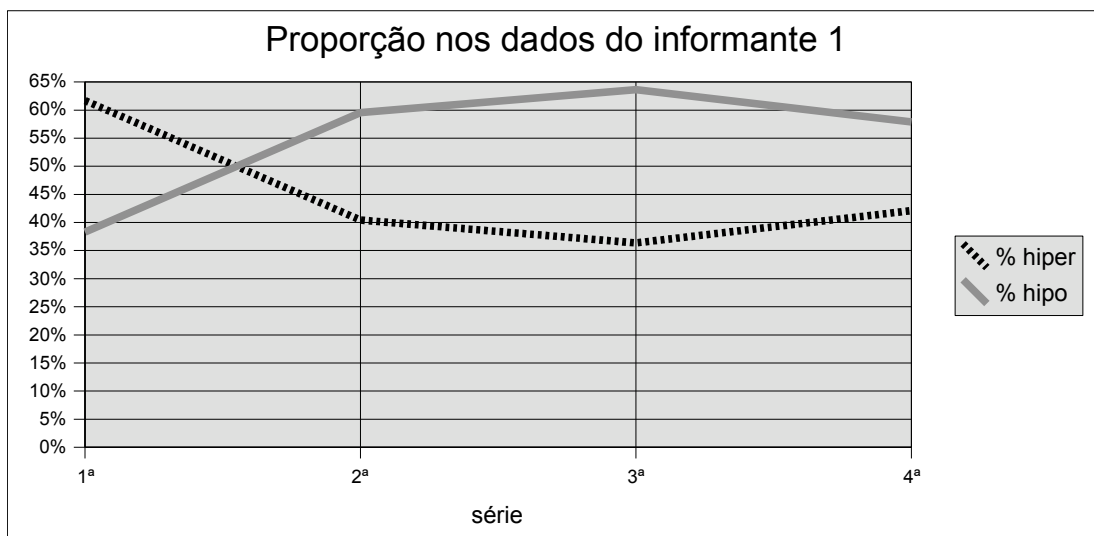
Os dados coletados por Oliveira (2007) também indicam a predominância das hipossegmentações,¹⁴ que representam cerca de 70% do total de segmentações não-convencionais. Essa predominância da hipossegmentação também é constatada nos dados de outros autores (cf. Moreira 1991, Cagliari 2002, Cunha 2004, entre outros).

É importante salientar a questão da fase em que se encontra a criança quando da coleta de dados; os dados de Capristano (2007) mostram que, em certos casos, a hipersegmentação pode ser dominante na produção de uma criança, caso ela esteja num estágio realmente inicial de familiarização da escrita. É o que acontece com um de seus informantes, cuja proporção de segmentações não-convencionais é ilustrada no Gráfico 3; nos dados relativos à primeira série do Ensino Fundamental, o informante 1 apresentou um total de 58 hipersegmentações, contra 36 hipossegmentações. Nos dados da segunda série já é possível ver uma mudança, havendo 19 hipersegmentações contra 28 hipossegmentações. A partir desse momento, a predominância das hipossegmentações permanece: nos dados da

¹⁴ Posto que o objetivo de Oliveira (2007) era o de analisar a segmentação de RD, uma criança afásica, e compará-la a segmentação de um grupo de crianças “consideradas sem dificuldades”, contabilizam-se aqui todos os dados, exceto os da criança em questão. No entanto, deve-se ressaltar que também os dados de RD mostram uma predominância das hipossegmentações.

terceira série, há 4 hipersegmentações contra 7 hipossegmentações, e nos da quarta série há 8 contra 11.

Gráfico 3 – Hipo- e hipersegmentações em um informante ao longo do tempo



Fonte: Capristano (2007, pp. 129-133)

É claro, deve-se ressaltar que não se trata de uma característica de todos os sujeitos em fase de aprendizagem, e sim de indivíduos específicos, de casos isolados. O trabalho de Capristano (2007) é interessante por mostrar o percurso da criança durante quatro anos, o que permite uma visão mais ampla da segmentação não-convencional ao longo do tempo. É interessante notar que Cunha (2004) também acompanha o percurso de seus informantes durante os quatro primeiros anos do Ensino Fundamental, e que apenas um de seus dez informantes apresenta, nos dados relativos à primeira série, uma predominância de hipersegmentações. Nos dados dos demais nove informantes, a hipossegmentação é visivelmente predominante, sempre representando mais de 60% dos casos de segmentação não-convencional.

Assume-se, aqui, que a diferenças na proporção de hipo- e hipersegmentações presentes nos dados não devem ser consideradas um problema; antes, considera-se que as diferenças são representativas do fato de que, em fase inicial, algumas crianças hipersegmentam mais, e outras menos – da mesma maneira que umas crianças apresentam

mais segmentações não-convencionais, e outras menos (como verifica o trabalho de Capristano 2007, por exemplo).

Resumindo, a literatura específica mostra que a hipossegmentação predomina sobre a hipersegmentação tanto dentro do texto quanto entre textos de indivíduos diferentes; mostra também que mesmo quando a hipersegmentação é predominante num estágio inicial, em geral há uma alteração posteriormente, de modo à hipossegmentação se tornar proporcionalmente maior em número de ocorrências. Vejamos agora o que se propôs na literatura para explicar quais possíveis critérios foram adotados pelas crianças nos casos de segmentação não-canônica.

5.2. Possíveis critérios da segmentação não-convencional

A preferência da criança pela hipossegmentação pode ser relacionada, como argumenta Cagliari (2002), ao fato de o ponto de referência da criança ser a fala, que é um contínuo; também pode ser relacionada ao fato de a criança muitas vezes não considerar itens de um ou dois segmentos como tendo o *status* de palavra, como argumentam Ferreiro & Teberosky (1999); um outro critério possível de hipossegmentação adotado pela criança, argumentado por Abaurre (1991), é o do *grupo tonal*, i.e. “unidades de fala semanticamente completas que recebem contorno entoacional particular” (1991, p. 210). As três propostas são capazes de lançar uma luz às (frequentes) hipossegmentações como as listadas abaixo:

- | | | | |
|------|---------------------|----------------|---------------------------|
| (26) | a. <i>memachuco</i> | 'me machuco' | (Oliveira 2007, p. 163) |
| | b. <i>ubluzão</i> | 'o blusão' | (Cunha 2004, p. 89) |
| | c. <i>eaistoria</i> | 'e a história' | (Capristano 2003, p. 173) |

Entretanto, também é possível verificar casos interessantes de hipersegmentação em que a criança parece discernir segmentos ou unidades maiores. Em (27a), por exemplo, a criança optou por isolar os dois primeiros segmentos, que formam uma sílaba; em (27b), dois blocos de letras que correspondem a conjuntos de sílabas; e em (27c), sílabas e segmentos:

- | | | | |
|---------|---------------------|---------------|---------------------------|
| (27) a. | <i>se tembro</i> | 'setembro' | (Capristano 2007, p. 130) |
| b. | <i>apai tamento</i> | 'apartamento' | (Oliveira 2007, p. 168) |
| c. | <i>cos tru i o</i> | 'construiu' | (Capristano 2007, p. 129) |

Muitos autores (cf. Abaurre 1991, Capristano 2003, Tenani 2004, Chacon 2005, Oliveira 2007, entre outros) argumentam que as hipo- e hipersegmentações ortográficas podem ser relacionadas a características da prosódia ou aos constituintes prosódicos. Ou seja, ao se deparar com a tarefa de segmentar a escrita, a criança pode partir de uma possível percepção de sílaba, pé, palavra prosódica, frase fonológica, etc.

Entretanto, é importante notar que, ao contrário de (27b) e (27c), exemplos como o de (27a) acima mostram que a hipersegmentação pode criar unidades que se assemelham em forma a certas palavras existentes na língua – como o 'se' em '*se tembro*'. Embora seja amplamente aceito que a criança provavelmente leva em consideração critérios prosódicos na tarefa de segmentar a escrita, é preciso notar que também os critérios não-prosódicos pesam na decisão da criança, como argumenta Abaurre (1989, 1991). Veja os exemplos abaixo:

- | | | | |
|------|-------------------|--------------|-----------------------|
| (28) | <i>cala bolso</i> | 'calabouço' | (Abaurre 1991, p.208) |
| | (x .) (x .) | | |
| | σ σ σ σ | | |
| | | | |
| (29) | <i>sero mano</i> | 'ser humano' | (ibid., p. 208) |
| | (x .) (x .) | | |
| | σ σ σ σ | | |

Como nota Abaurre (1991), em cada um dos exemplos acima pode-se ver uma palavra que foi segmentada de modo a formar conjuntos dissilábicos, sendo possível relacioná-los à noção de *pé* – no caso, de pés binários trocaicos. Mas é preciso salientar que, enquanto a hipersegmentação em (28) forma duas palavras existentes na língua, o mesmo não ocorre com a palavra em (29); ao contrário de *mano*, *sero* ['serω] não pode ser

considerado uma palavra existente na língua portuguesa e dotada de significado próprio tal como *cala* e *bolso*, por exemplo. O mesmo pode ser dito sobre exemplo (30), em que a segmentação cria apenas uma palavra existente na língua – a primeira:

$$(30) \quad \begin{array}{cc} \textit{fura} & \textit{deira} \\ (x \ .) & (x \ .) \\ \sigma \ \sigma & \sigma \ \sigma \end{array} \quad \text{'furadeira'} \quad (\text{Capristano 2007, p. 130})$$

Como aponta Abaurre (1991), o simples fato de a criança ter segmentado a palavra como em (28) não significa necessariamente que fez essa escolha com base apenas na prosódia; como aponta a autora, também estão em jogo critérios semânticos. No caso de *calabouço*, a segmentação cria dois pés binários trocaicos que também são duas palavras com sentido próprio: *cala* e *bolso*. Por outro lado, ainda que seja um padrão visível na escrita de diferentes crianças, há segmentações que formam pés binários que não correspondem totalmente a palavras existentes na língua, como em (29) e (30) acima.

Em (28), o critério semântico parece ter pesado na hora da decisão da criança de como segmentar as palavras; já em (29) e (30), a não-formação de palavras próprias da língua parece indicar que o que pesou mais foi o critério prosódico – pois como argumenta a autora, parece haver uma preferência da criança pelos dissílabos e trissílabos acentuados na penúltima sílaba, que são formas canônicas das palavras no português (Abaurre 1991, p. 209). Portanto, por mais que os critérios semânticos sejam importantes na hipersegmentação, os critérios prosódicos continuam tendo uma presença acentuada.

Outro argumento de que não se pode afirmar que os critérios adotados pela criança são meramente prosódicos é o fato, constatado por Abaurre (1989, p. 136), de que mesmo nos primeiros textos é possível notar a influência de alguns aspectos convencionais da escrita. Seria o caso do exemplo abaixo, no qual a criança – provavelmente influenciada pelas formas *se chama/chama-se* – opta pelo uso do hífen, ao contrário da maioria dos dados de segmentação infantil não-convencional envolvendo clíticos.

$$(31) \quad \textit{Eu se-chamo} \textit{Isabela} \quad (\text{Oliveira 2007, p. 163})$$

Ainda sobre os critérios adotados pelas crianças, Capristano (2003, 2007) aponta para uma oscilação no critério da hipersegmentação – a depender da fase em que se encontra a criança –, que pode ser o resultado de uma hesitação entre a tentativa de usar os critérios alfabéticos e certa influência dos constituintes prosódicos. Ao analisar os dados de um de seus sujeitos, a autora mostra que a hipersegmentação pode ocorrer entre limites de sílabas, entre limites de pés e de sílabas e entre limites de pés (2007, p. 134-135). O mesmo é verificado por Cunha (2004) e Oliveira (2007).

Portanto, vimos que a segmentação não-convencional da escrita pode ser explicada pela adoção de critérios semânticos, prosódicos e também da própria escrita institucionalizada. Voltemos agora à questão da prosódia como critério utilizado pela criança, relacionando a segmentação não-canônica com o ritmo da língua.

5.4. A segmentação não-convencional como um possível reflexo do ritmo

Como dito anteriormente, é possível estabelecer uma relação entre os dados de hipersegmentação na escrita inicial de crianças brasileiras e a tendência ao ritmo binário no PB. Como visto na sub-seção acima, Abaurre (1991) mostra dados em que palavras foram segmentadas de modo a formarem dois pés binários trocaicos. É o caso do exemplo (29), reproduzido novamente abaixo:

$$(32) \quad \begin{array}{cc} \textit{sero} & \textit{mano} \\ (x \ .) & (x \ .) \\ \sigma \ \sigma & \sigma \ \sigma \end{array} \quad \text{'ser humano'} \quad (\text{Abaurre 1991, p. 208})$$

Abaurre salienta que, diferentemente dos casos em que os pés binários formados correspondem a palavras existentes na língua – como em (28), também acima –, exemplos como *sero mano* mostram que a criança provavelmente teve como critério principal a prosódia da língua na hora de segmentar a escrita. Abaurre também lista alguns exemplos de palavras que foram hipersegmentadas de modo a formar uma sílaba seguida de um pé métrico:

- (33) a. *a baso* 'abraço'
 b. *da quela* 'daquela'
- (34) *su bimo* 'subimos'

(ibid., p. 208)

É interessante notar que mesmo nos casos acima, a hipersegmentação resulta em pés binários trocaicos; contudo, é possível argumentar que os exemplos em (33) podem ter sido resultado não necessariamente (ou não somente) do critério prosódico. De fato, a hipersegmentação da palavra em (33a) acabou por formar duas palavras existentes na língua, e com as quais a criança certamente já estava familiarizada: *a* e *braço*. Da mesma forma, é possível argumentar que a criança optou por segmentar palavra em (33b) de tal maneira por considerar *da* uma unidade separada, visto que se trata de uma palavra existente e recorrente na língua. Desse ponto de vista, o dissílabo *quela* seria considerado apenas a “sobra” da operação.

No entanto, o exemplo em (34) mostra que em alguns casos a melhor explicação é mesmo a fonológica: *su* e *bimo* não correspondem a palavras da língua, e parece mais provável a criança tenha feito uma distinção entre uma sílaba não-acentuada e um dissílabo que contém uma sílaba forte. Ou seja, é provável que a criança tenha partido de um critério fonológico, baseando-se na sua percepção do ritmo da língua.

Note, além disso, que outras segmentações do tipo (33) e (34) apresentadas por Abaurre também formam uma sílaba seguida de um pé binário trocaico (* .), ao invés de formar um pé binário iâmbico (. *) seguido de uma sílaba:

- (35) a. *a légi* 'alegre'
 b. *do éte* 'doente'
 c. *e tamo* 'estamos'
 d. *vi zita* 'visita'

(ibid., p. 208)

É importante notar que esse padrão se repete nos dados analisados por Oliveira (2007); no caso dos não-verbos, há 11 ocorrências dentre um total de 33 “hipersegmentações resultantes da percepção de um pé e de informações do código escrito institucionalizado”¹⁵ (2007, p. 168). É interessante fazer a distinção entre verbos e não-verbos aqui, pois no caso dos verbos listados abaixo o que se forma é um pé iâmbico (. *) após a sílaba isolada. A segmentação de verbos como em (36) ocorre em 14 casos.

- (36) a. *a postar*
 b. *a cordou*
 c. *trans formou*
 d. *co mesei* 'comecei'

(Oliveira 2007, p. 168-169)

Há também dois casos em que a hipersegmentação gera troqueus binários, como em *sero mano*; um deles¹⁶ pode ser visto logo abaixo:

- (37) $\frac{\textit{verda deira}}{(\textit{*} \textit{.})(\textit{*} \textit{.})}$ (ibid., p. 168)

Os seis casos restantes se dividem em: três ocorrências do mesmo não-verbo terminado em sílaba pesada (*de vagar*), que forma um iambo ao invés de troqueu; um verbo no gerúndio (*dor mindo*), que forma um troqueu ao invés de iambo; e dois casos em que ocorre a formação de um trissílabo:

15 Rótulo que Oliveira (2007) dá a essa categoria de hipersegmentações; outro rótulo atribuído pela autora é “hipersegmentações resultantes da percepção da sílaba e de informações do código escrito institucionalizado”, para os casos em que a hipersegmentação divide a palavra apenas em sílabas

16 O outro exemplo listado por Oliveira, *super novo*, parte do princípio de que a ortografia padrão de tal palavra é *supernovo*, o que é discutível.

- (38) a. *tar taruga*
 b. *apai tamento* 'apartamento'

(ibid., p. 168)

Capristano (2003, p. 171) usa um rótulo semelhante para hipersegmentações como as mostradas acima: “segmentações não-convencionais resultantes de oscilação entre uma percepção de unidades gráficas autônomas e uma percepção de pés métricos”; sob esse rótulo, são listados 31 casos, dos quais a grande maioria – mais de 70% – forma seqüências de sílaba seguida de pé binário, como em (35) e (36).

O interessante a se notar aqui é o fato de, ao menos no caso dos não-verbos, ser predominante a hipersegmentação que forma pés binários trocaicos. Em outras palavras, é interessante notar que a grande maioria das hipersegmentações em não-verbos cria uma estrutura como em (39), ao invés de (40):

- (39) (.)(* .)
 e.g. *o zotro* 'os outros' (Capristano 2003, p. 171)
- (40) (. *)(.)
 e.g. *cida de* 'cidade' (Capristano 2007, p. 131)

Essa preferência pode ser justificada pelo fato de que a criança tende a hipersegmentar uma palavra de modo a formar uma sílaba inicial, separada do resto da palavra, que muitas vezes coincide em forma com alguma palavra funcional da língua; é o caso de *a braço*, *se tembro*, *com migo*, *na moro*, etc. Por outro lado, exemplos como *is cola* ('escola'; Capristano 2007, p. 129) não apresentam uma primeira sílaba que corresponde a uma palavra existente na língua. Isso indica que a criança deve seguir tanto critérios relativos ao aspecto formal da língua, isto é, da língua institucionalizada, quanto critérios prosódicos, baseados na percepção que tem do ritmo da língua. Pode-se sugerir, além disso, que as raríssimas ocorrências de hipersegmentação de não-verbos em estruturas como a do exemplo (40) são raras justamente por o PB tender à binariedade trocaica no caso de não-

verbos, ao invés da iâmbica.¹⁷

Resumindo, vimos que é bastante recorrente, nos dados analisados pelos autores supracitados, a formação de blocos dissilábicos que podem ser interpretados como pés métricos binários; vimos também que os estudos elencados nesta seção são condizentes com a noção de que parece existir uma relação entre questões prosódicas e os critérios de segmentação da escrita infantil, ainda que a prosódia não seja necessariamente o único critério; além disso, as análises dos autores apontam para a possibilidade de se considerar o padrão binário das segmentações infantis não-convencionais como indicativo de um padrão binário do PB. Passemos, então, à segmentação não-canônica adulta.

5.5. A segmentação não-canônica na escrita adulta (histórica)

Ainda que a segmentação não-convencional marque presença majoritariamente em textos infantis iniciais – ou seja, do estágio inicial de familiarização e uso da escrita pela criança –, também os textos produzidos por sujeitos “estacionados em fase incipiente de aquisição da escrita” (Marquilhas 2000, p. 235) podem apresentar uma série de usos não-canônicos da segmentação ortográfica. Ou seja, textos de mãos inábeis também constituem uma fonte de pesquisa.

Num estudo sobre Mattoso Câmara, Leda Bisol (2004) mostra que já nas décadas de 1960 e 70 o lingüista salientava a diferença entre palavra morfológica e palavra fonológica em seu trabalho descritivo do sistema fonológico do PB: “as pessoas mal alfabetizadas de hoje e os copistas medievais, escrevendo *olivro*, *sefala*, *falasse*, sem espaço em branco, estão adotando um critério fonológico” (Mattoso 1969, *apud* Bisol 2004).

A observação de Mattoso Câmara aponta para um fato de extrema importância: a segmentação não-canônica obviamente não é um fenômeno historicamente recente; antes, trata-se de um fenômeno que independe do tempo, e que tem como variáveis o padrão ortográfico vigente na época e o nível de adequação de um determinado sujeito a esse

¹⁷ Note que não se deseja inferir, de maneira alguma, que o PB apresenta um ritmo estritamente iâmbico para o acento em verbos.

padrão. Portanto, ao se ter em mente os textos de mãos inábeis seiscentistas e setesentistas, é preciso também atentar à seguinte questão: qual era o padrão ortográfico da época?

Como dito anteriormente, a primeira norma ortográfica para o português estabelecida por lei só surgiu em 1911; já entre os séculos XVI e XIX a ortografia se baseava na origem (real ou assumida) grega ou latina das palavras. Portanto, os documentos do *corpus Mãos Inábeis* pertencem a uma época em que a ortografia – mesmo de sujeitos altamente letrados – apresentava variações. Um exemplo das diferenças com relação ao padrão de segmentação ortográfica atual diz respeito aos pronomes clíticos; enquanto no padrão atual convencionou-se o uso do hífen para separar o clítico do verbo, o mesmo não ocorria antes. Note que a própria edição¹⁸ de Marquilhas (2000, p.314) é feita de modo a padronizar os clíticos, transcrevendo-se sempre sem o hífen e sem um espaço em branco separando os clíticos dos verbos.

Há de se salientar, porém, que mesmo não havendo uma ortografia definida por lei, a segmentação das palavras também seguia um padrão. Isso significa que, entre o público letrado, raramente se encontram palavras hipersegmentadas do mesmo tipo que *su bimos*, por exemplo, bem como outros tipos de segmentação não-convencional. Já no caso das mãos inábeis a situação é diferente, e as segmentações não-convencionais são freqüentes. Marquilhas (2000) não fala amplamente sobre a segmentação em seu trabalho, sugerindo apenas que a hipersegmentação pode ser considerada um reflexo do ritmo lento da mão inábil, semelhante ao ritmo da criança que ainda não está habituada ou não apresenta desenvoltura ao escrever e pronuncia lentamente cada sílaba:

É um ritmo forçosamente lento, decorrente da falta de perícia, e determina a amplitude do módulo, bem como o desenho autónomo dos caracteres e a insegurança do traço. Ao nível da ortografia, alguns textos apresentam um vestígio adicional de escrita lenta: a hipersegmentação, ou seja, a múltipla inscrição de branco gráfico entre grupos pequenos de letras, distintios das palavras gráficas.

18 Como os documentos transcritos por Marquilhas (2000) sofreram algumas edições, para o presente trabalho consultei os originais e microfimes dos documentos selecionados por Marquilhas com o objetivo de transcrever os espaços em branco como nas versões originais; dessa forma, também alguns pronomes clíticos foram separados por branco gráfico.

(Marquilhas 2000, p. 243)

Oliveira (2005, 2006), por sua vez, analisou a hipo- e a hipersegmentação em textos de mãos inábeis africanas e afro-descendentes no Brasil do século XIX. O autor adota a visão de que a hipossegmentação se baseia em noções como os *grupos tonais* ou *grupos de força*, tal como já propuseram Abaurre (1989, 1991) e Silva (1994) para a escrita infantil:

Quanto à hipo-segmentações, já se aludiu a que, nos textos infantis, podem estar transcrevendo recortes da linguagem oral em termos de grupos tonais ou grupos de força. Se um grupo de força é entendido como um suporte segmental de uma proeminência acentual possível em termos de enunciado, ou seja, uma unidade fonológica constituída de uma ou mais unidades morfológicas, é possível que, também nos textos dos negros do século XIX, grafias hipo-segmentadas sejam produtos desse recorte efetuado sobre a fala. É a comparação com os dados das crianças pode ir mais além, porque também cá a ausência do branco é extremamente freqüente quando estão em causa artigos, conjunções, preposições e pronomes, palavras que podem funcionar como clíticas, sobretudo a um nome ou a um verbo.

(Oliveira 2006 p. 244)

Aqui se vê, novamente, o impacto das questões prosódicas como critério. Quanto à questão da oscilação dos possíveis critérios adotados pela criança, discutida na sub-seção acima, é possível afirmar que as mãos inábeis também podem ter se pautado em critérios oscilantes; veja os exemplos abaixo:

- (41) a. *com forme* 'conforme'
 b. *despen çado* 'dispensado'
 c. *du rante* 'durante'

(Oliveira 2006, pp. 641-643)

Da mesma forma que os dados infantis do PB mostrados na sub-seção anterior, também as mãos inábeis adultas históricas apresentam segmentações não-convencionais

cujos critérios podem variar do semântico – como no exemplo (41a) – ao prosódico – como no exemplo (41b) – e à mescla entre os dois, acrescentada dos aspectos formais da escrita – como em (41c).

Diferentemente das crianças, no entanto, a maioria das mãos inábeis não está em um *processo* de aquisição da escrita; ao contrário, as mãos inábeis se encontram *estagnadas*, estacionadas numa fase aquém do que se consideraria ideal. Apesar dessa diferença, tal fato não parece ser um obstáculo para uma comparação entre os dois tipos de texto, pois além de serem dois grupos que estão em um estágio em que ainda não dominam completamente a norma, deve-se notar que os textos de mãos inábeis costumam apresentar fenômenos semelhantes aos que se encontram em textos infantis. Um desses fenômenos é a própria segmentação inábil, como vimos acima. Além disso, também é recorrente em ambos os tipos a substituição de representações de segmentos: facilmente se encontram *s*, *c* e *z* trocados, *e* e *i*, *o* e *u*, *am* e *ão*, etc.

Para Marquilhas, uma característica marcante das produções de mãos inábeis é o fato de os sujeitos inábeis se encontrarem num estado em que já existe a capacidade de escrever consoantes e vogais e a capacidade de discernir sílabas, mas em que não existe a capacidade de analisar a estrutura interior da sílaba, o que explicaria os inúmeros casos – também presentes na escrita infantil – em que o *r* em posição de coda passa a fazer parte do onset, como em (42a), e em que o *r* em onset ramificado passa a figurar na coda, como em (42b):

- (42) a. *dromia* 'dormia'
 b. *atirbulada* 'atribulada'

Como mostra Abaurre (2001), tal fenômeno também é característico da escrita infantil inicial, na qual a criança começa a dominar primeiramente as estruturas simples ou não-marcadas, como CV e V. Estruturas ramificadas – como CVC e CCVC – seriam aprendidas apenas num segundo momento.

Portanto, é possível colocar a escrita infantil inicial e a escrita inábil adulta em

um mesmo patamar, visto que ambas compartilham algumas semelhanças bastante notáveis – tais como a segmentação não-canônica, a oscilação de correspondência entre letra e segmento, etc. Mas isso só é válido até certo ponto; é preciso ter em mente que a criança está justamente nos primeiros momentos do exercício da escrita, e numa situação ideal passará por alguns estágios até se firmar na escrita padrão. Ao contrário, uma mão inábil é um adulto *estacionado* em determinada fase da aquisição da escrita, como coloca Marquilhas. Há de se lembrar também que, no caso dos documentos históricos, não é possível acompanhar o desempenho de uma mão inábil com o passar do tempo – como seria possível caso se tratasse, por exemplo, de um adulto contemporâneo em um ambiente de ensino supletivo.

Admite-se, aqui, que essa diferença entre o caráter estagnado da mão inábil e a possibilidade de desenvolvimento da escrita infantil não se estabelece como um empecilho para uma comparação entre os dois tipos de escrita; há de se lembrar que, apesar de alguns trabalhos (cf. Capristano 2007 e Cunha 2004) acompanharem o percurso de um grupo de crianças ao longo de um período estendido de tempo, o relevante neste caso não é a comparação entre dados produzidos por um mesmo sujeito. Ao invés disso, considera-se relevante o dado em si, o texto produzido em determinado tempo e espaço e que pode trazer reflexos de outros fenômenos lingüísticos.

CAPÍTULO 2 – MATERIAIS E MÉTODOS

1. OS ARQUIVOS DA INQUISIÇÃO

1.1. Visão geral

O ponto de partida para este estudo foi o *corpus* reunido por Marquilhas (2000), composto por manuscritos de mãos inábeis do século XVII constantes nos Cadernos do Promotor das Inquisições de Lisboa, Coimbra e Évora. Durante o período gasto no Arquivo Nacional da Torre do Tombo (ANTT) para o desenvolvimento do presente trabalho, tal *corpus* foi expandido até a primeira metade do século XVIII – porém, por uma restrição de tempo, a coleta realizada se ateve apenas aos arquivos da Inquisição de Lisboa.

Foram coletados documentos de dois tipos diferentes de suporte material: os volumes microfilmados e os volumes originais dos Cadernos do Promotor, que se encontram divididos em Livros, de modo que fez-se necessário buscar a ajuda de um catálogo para encontrar as equivalências entre os números dos Cadernos e os números dos Livros. Para tanto, foi de grande valia o roteiro *Os Arquivos da Inquisição* (Farinha, 1990), no qual estão listados todos os documentos inquisitoriais presentes no ANTT.

O processo de requisição de material para consulta no ANTT ocorre da seguinte maneira: primeiramente o leitor se dirige à Sala de Requisições e preenche o formulário adequado, informando o nome e o número do documento a ser consultado; em seguida, de posse do formulário assinado por um dos funcionários, dirige-se à Sala de Leitura, e o entrega ao funcionário responsável por buscar tal documento no arquivo. O leitor só terá acesso aos originais caso o documento esteja disponível para consulta e não esteja em mau estado. Porém, se o documento já estiver microfilmado, o formulário retorna ao leitor com o respectivo número de identificação. Nesse caso, o leitor se dirige à Sala de Leitura de Microfilmes, onde finalmente terá acesso aos documentos.

Dentre os microfilmes e originais, os documentos coletados variam de um período que vai de 1694 a 1744. Foram pesquisados os Cadernos de número 73 ao 96, correspondentes aos Livros 267 a 289. Entretanto, alguns Livros não puderam ser consultados por se encontrarem em mau estado ou por estarem em período de restauração.

Os Cadernos microfilmados foram analisados na sala de leitura de microfilmes da ANTT, página por página. Os documentos que mostravam indícios de terem sido escritos por adultos semi-alfabetizados foram impressos na máquina de impressão de microfilmes à disposição no Arquivo. As imagens foram impressas em preto-e-branco, em folhas de tamanho A4, usando a melhor combinação possível de foco e nitidez. No entanto, é preciso ressaltar que nem sempre o resultado obtido era ótimo, devido à performance limitada da impressora.

Ao todo, foram impressas 112 páginas de texto desse período (1694-1744). Todos os documentos apresentam casos de segmentação ortográfica não-padrão, contendo tanto hipersegmentações (exemplo: *em qui zição* ao invés de *inquisição*) e hipossegmentações (exemplo: *comodiabo* ao invés de *com o diabo*). Uma vez de posse das impressões, os documentos foram digitalizados através de um aparelho de *scanner* – modelo HP Scanjet G2410. No total, essas 112 páginas se dividem em 76 documentos.

No caso dos Livros que não se encontravam microfilmados, foi feita uma consulta manual. É necessário salientar que esses textos também são extremamente importantes para os estudos de segmentação: levando em consideração que os textos de mãos inábeis se tornam cada vez mais escassos ao longo do tempo, e que em determinados Livros simplesmente não há nenhuma ocorrência de texto escrito por um adulto semi-alfabetizado, deve-se concluir que toda e qualquer fonte disponível é bem-vinda, independentemente do suporte material em que se encontra.

Ao todo, 24 documentos que não estavam microfilmados foram selecionados e transcritos, que junto aos 76 documentos microfilmados totalizam 100 documentos de 1694 a 1744. A esse conjunto, somam-se os trinta e dois documentos do século XVII (de 1612 a 1701) coletados por Marquilhas (2000); no total, obtiveram-se 132 documentos, o que se constitui como um *corpus* de pesquisa relativamente pequeno em número – se comparado

com outros, como o *Corpus Histórico do Português Anotado Tycho Brahe*¹⁹ – mas representativo da escrita inábil.

1.2. Como discernir uma mão inábil

A seleção de material obviamente segue critérios específicos. Nesse caso, dado o objetivo de se estudar a segmentação ortográfica não-canônica, procuraram-se textos manuscritos que não seguissem o padrão vigente da época. Em outras palavras, procuraram-se textos escritos por mãos inábeis, cuja ortografia diferia da usada por sujeitos mais familiarizados com a escrita.

Para identificar mãos inábeis, Marquilhas (2000) parte de critérios, mostrados em (43) abaixo, que levam em consideração principalmente a aparência geral da escrita. Mas também o próprio suporte material pode auxiliar na identificação. A primeira observação que se pode fazer é que uma carta ou bilhete de denúncia em geral é visivelmente diferente dos fólios regulares do Caderno do Promotor em que se encontra: na maioria dos casos o aspecto do suporte é bastante distinto, apresentando coloração, textura, tamanho e formato diferentes; além disso, muitas vezes é possível ver, nas cartas, marcas de dobras e resquícios de cera vermelha. No entanto, a caligrafia é o aspecto em que um manuscrito de mãos inábeis mais destoa com relação aos textos regulares.

- (43) - *ausência de cursus* (i.e. a escrita, apesar de cursiva, apresenta espaços em branco que separam cada letra)
- *uso de módulo grande*
 - *ausência de regramento ideal*
 - *traçado inseguro, aparência desenquadrada das letras, rigidez e falta de levza do conjunto*
 - *irregularidade da empaginação*
 - *letras monolíticas*

(adaptado de Marquilhas 2000, pp. 239-240)

19 Do projeto temático *Padrões Rítmicos, Fixação de Parâmetros e Mudança Lingüística*.

Ainda que Marquilhas afirme que um texto de mão inábil seja identificável através do formato e disposição das letras e da aparência geral do texto, é necessário ter em mente que uma mão não deve ser classificada como inábil apenas porque seus textos apresentam uma caligrafia “desenquadrada”; além de existirem alguns manuscritos de mãos inábeis de aparência relativamente enquadrada, é preciso também discernir a mão inábil de uma mão hábil que simplesmente não apresenta uma caligrafia nítida, podendo ser confundida com uma mão inábil.

Uma solução seria observar a estrutura do texto, ou seja, a maneira como o sujeito organiza o conteúdo: se utiliza parágrafos ou se escreve tudo em um grande bloco, se estrutura suas frases de maneira confusa ou não, etc. No entanto, trata-se de um critério discutível e um pouco subjetivo, visto que também existem indivíduos letrados que têm dificuldade em estruturar um texto.

Parece mais seguro confiar em um critério que se baseie em uma característica formal, pois a própria noção de *inabilidade* se relaciona ao desvio de um padrão estabelecido *por convenção*. O uso de sinais de pontuação parece ser um bom critério, pois em grande parte dos textos inábeis há um uso bastante reduzido dos sinais, e em alguns textos simplesmente não há pontuação alguma – como no trecho do *corpus* reproduzido abaixo:

(44)

ORIGINAL

(...) e a dita Caterina salerna
pegou na dita minha filha an-
tonia e lhefes por o dedo polegar
na testa a dita nataria que esta-
ua com o a sidente e eu Como seu
pai ui o dedo damenina tamtorto
geu lhe dice que lhe não carregase
Munto geu lhe podião quebrar (...)

EDITADO

(...) e a dita Catarina Salerna
pegou na dita minha filha An-
tônia, e lhe fez pôr o dedo polegar
na testa a dita Natária, que esta-
va com o acidente, e eu, como seu
pai, vi o dedo da menina tão torto
que lhe disse que não carregasse
muito que lhe podiam quebrar.

Portanto, os critérios escolhidos são (i) a aparência geral do texto, (ii) o uso de segmentação não-convencional, (iii) a pontuação reduzida ou ausente e (iv) a estrutura do texto. O motivo da inclusão do critério (iv) nesta lista é bastante simples: um texto cuja estrutura seja confusa pode ter sido escrito tanto por uma mão inábil quanto por uma mão hábil. No entanto, um texto construído de maneira coerente só pode ser atribuído a uma mão hábil, pois uma estrutura desse tipo pressupõe que seu autor já esteja bastante familiarizado com a língua escrita, que pode ser caracterizada pela ausência de frases truncadas e das reformulações típicas da língua falada.

Finalmente, é preciso salientar que a identificação de textos inábeis não é, de forma alguma, de uma tarefa fácil e rápida; o deciframento da escrita inábil é por vezes um verdadeiro desafio. Em primeiro lugar justamente por se tratar de uma mão inábil, cujo escrever hesitante pode resultar em letras deformadas ou ambíguas; e em segundo lugar, porque a própria escrita cursiva antiga seguia um estilo diferente do padrão atual de escrita – enquanto a antiga era de certa forma rebuscada, a moderna parece seguir um modelo mais simples ou mais padronizado, devido principalmente à padronização exigida no ambiente escolar. Para confirmar esse fato, basta verificar as imagens do *corpus* em anexo (Figuras I e II): lê-los – e especialmente compreendê-los – é uma tarefa mais difícil do que pode parecer à primeira vista.

O fato dessa hesitação do sujeito inábil por vezes resultar em deformações ou ambigüidades faz com que seja de extrema importância definir critérios claros para a transcrição dos textos, tanto para que não haja variação no modo de transcrever, como para recorrer a estratégias definidas quando a dúvida persiste.

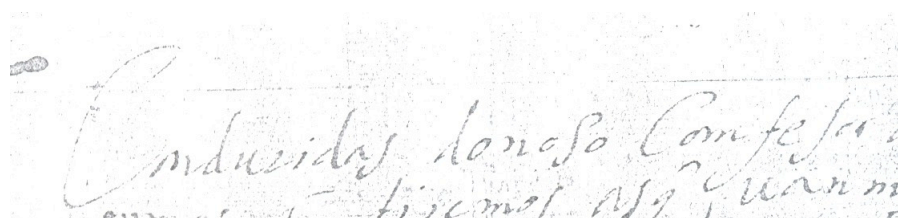
1.3. Critérios para transcrição

O processo de transcrição de textos manuscritos para um meio digital traz consigo uma série de problemas devido às disparidades entre os diferentes tipos de suporte. Portanto, é crucial lidar com tais problemas de maneira extremamente cuidadosa, a fim de não comprometer o resultado de possíveis pesquisas posteriores feitas a partir de tal *corpus*.

O principal problema diz respeito à caligrafia: uma mão inábil muitas vezes tem

dificuldades em grafar a mesma letra de maneira uniforme, o que resulta em diferentes formas, por vezes anômalas, na representação de uma mesma letra: um *e* pode ser desenhado um pouco maior, parecendo um *l*; um *o* pode parecer um *a*; um *t*, por descuido, pode aparecer sem o traço horizontal, assemelhando-se ao *l*; e assim em diante. É um caso que pode ser visto no exemplo abaixo, em que o *e* inicial aparenta um *C* ou um *e* em módulo muito grande:

(45)



Emduzidas donoso Confesor...
 'Induzidas do nosso Confessor...'
 (cf. Figura II)

Os documentos foram transcritos usando um editor de texto comum (i.e. *OpenOffice* e *NeoOffice*, dois *softwares* livres, estilo *open source*), e isso fez surgir um grande obstáculo técnico: como proceder quando o transcritor se depara com o fato de não existir, num teclado de computador por exemplo, caracteres que se assemelhem às letras morfologicamente anormais? Há uma séria complicação ao se tentar transpor uma escrita de caligrafia oscilante para um meio que tem como principal característica a fixidez e padronização de caracteres.

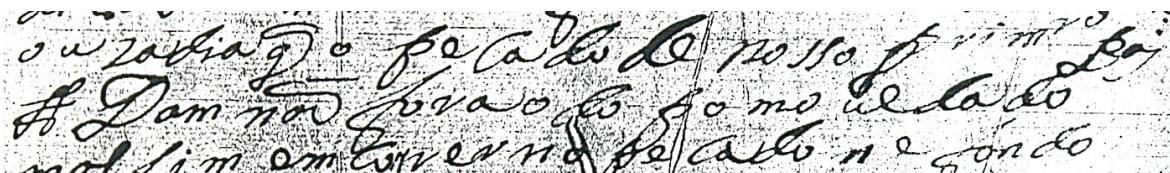
Para solucionar esse problema específico, optou-se pela manutenção das letras correspondentes às anômalas, transcrevendo-as como se fossem as correspondentes padronizadas. Se tomarmos o caso do *t*, isso equivale a dizer que todo *t* sem o traço horizontal foi transcrito como *t*. Deve-se ressaltar, é claro, que isso só foi feito quando o contexto provia certeza absoluta de que se tratava de um *t*, e não de um *l*, por exemplo. Os critérios adotados para a transcrição dos manuscritos foram os mesmos propostos por Marquilhas:

//	mudança de coluna
///	mudança de página
[...]	fragmento ilegível por deterioração material (acidente ou degradação natural do suporte)
[.]	sinal ilegível por deterioração material
[?]	sinal de difícil leitura
[??]	vocábulo ou trecho de difícil leitura
< >	texto na entrelinha (superior ou inferior)
{ }	texto cancelado
{.}	sinal ilegível por cancelamento
{...}	vocábulo ou trecho ilegíveis por cancelamento
À	texto manchado
	texto coberto por segunda camada gráfica
{< >}	texto escrito em uma das margens (de cabeça, de pé, de dorso ou de goteira)
-> <-	texto escrito por uma segunda mão
(-)	linha cancelada
(.)	branco superior ao espaço entre palavras e inferior à largura da linha
(*)	linha em branco
(&)	linha escondida pela encadernação
[&]	linhas escondidas pela encadernação
(\$)	secção da página em branco

(Marquilhas 2000, p. 315)

Assim como Marquilhas, também preservei nas transcrições a existência de letras maiúsculas e minúsculas tais como no original. Em textos de mãos inábeis é muito comum encontrar o uso de letras maiúsculas e minúsculas em contextos não-canônicos, isto é, em lugares nos quais a norma não as exige. Muitas vezes se encontra o uso de maiúsculas no interior da palavra, como em (46), ou em começo de palavra que se encontra no interior da frase, como em (47):

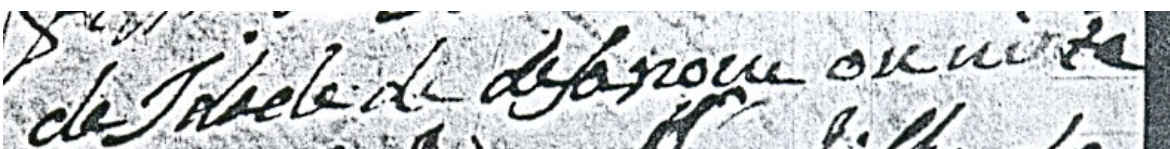
(46)



... ouzadia q. o pecado de nosso prim^{ro} pai A Dam não fora o do pomo...

(cf. Figura I)

(47)

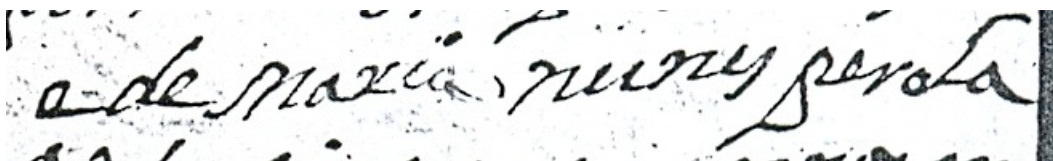


... de Idade de desanoue ou vinte (annos)...

(cf. Figura III)

Os nomes próprios frequentemente apresentam essas alternâncias. Muitas vezes, são escritos com letra minúscula, independentemente de se encontrarem em início ou em meio de frase. Veja o exemplo seguinte:

(48)



... e de Maria nunes perola...

(cf. Figura III)

Para manter uma maior fidelidade, optou-se por transcrever as maiúsculas e minúsculas como no original. Vejamos agora os critérios para a transcrição da segmentação.

1.4. Critérios para a transcrição da segmentação

Como já foi dito anteriormente, a transcrição da escrita inábil é uma tarefa complicada, justamente por não se tratar de uma escrita padrão. Primeiramente, surge o problema do reconhecimento da segmentação: muitas vezes a segmentação não é óbvia, e o

transcritor hesita no julgamento. E quando o espaço em branco entre uma palavra e outra é intermediário, isto é, quando dois trechos de escrita não estão “nem totalmente juntos, nem totalmente separados”, a hesitação só tende a aumentar.

Ora, bem se sabe que o olho humano é capaz de nos enganar; se acrescentarmos a isso o fato de que o leitor inevitavelmente tem uma expectativa com relação à segmentação – isto é, o leitor experiente já está “treinado” para automaticamente reconhecer a segmentação intermediária como sendo a segmentação canônica –, a gravidade do problema também aumenta. Como identificar, então, a hipo- e a hipersegmentação?

A resposta mais óbvia seria utilizar uma régua para fazer uma medição. Mas o que serve para um texto não serve, necessariamente, para os outros: da mesma forma que a caligrafia muda de acordo com aquele que escreve, algumas escritas são mais espaçadas, outras menos. Isso significa que, mesmo se se chegasse a um padrão X em milímetros, e se considerasse todo espaço em branco cujo tamanho excedesse tal padrão como sendo hipersegmentação, esse padrão não serviria a todos os textos, dada a diversidade de estilo. Por fim, seria um trabalho demasiadamente exaustivo para a obtenção de resultados duvidáveis.

Disso se conclui que a unidade de trabalho deve ser o texto, ou seja, que a identificação da segmentação deve ser feita tendo como universo de comparação *apenas as palavras e os espaços gráficos de um mesmo texto*. Assim sendo, quando a segmentação não é óbvia, estabelece-se como critério de decisão uma comparação entre o trecho duvidoso e outros trechos do mesmo texto.

Um ponto em que as transcrições realizadas para este trabalho diferem das transcrições de Marquilhas (2000) diz respeito justamente à segmentação; Marquilhas optou por não transcrever a segmentação não-convencional, e por uniformizar a representação dos pronomes enclíticos, de modo a ficarem sempre juntos ao verbo, sem o uso de hífen. Sobre isso, diz a autora:

A maior concessão a normalizações consistiu na regularização dos

brancos, decidida porque a hipersegmentação que caracteriza muitos dos textos dificultaria bastante a leitura. Mas o modelo seguido na imposição de brancos entre as palavras não foi o da ortografia portuguesa contemporânea; seguiram-se antes os modelos coevos destes manuscritos, os quais, por exemplo, aglutinavam graficamente os pronomes enclíticos aos verbos de que dependiam (transcreveu-se, assim, *Cospialhe* e não “Cospia-lhe”, *Chamase* e não “Chama-se”); a longa sobrevivência desta solução aglutinadora na história gráfica portuguesa justifica a escolha feita, já que se deseja respeitar o ambiente gráfico em que os textos foram produzidos.

(Marquilhas 2000, p. 314)

É preciso explicitar que, ao contrário de Marquilhas, optei por não editar a forma dos clíticos transcritos, mantendo a segmentação original: clíticos unidos ao verbo ou separados foram transcritos exatamente como tal. Portanto, os dados do século XVII coletados por Marquilhas foram comparados às suas respectivas versões originais e passaram por uma revisão de transcrição, de modo a se adequarem a esta pesquisa.

Outro ponto importante levado em consideração na hora de fazer a transcrição dos manuscritos dizia respeito às margens do texto e às palavras que porventura se encontravam divididas – uma parte na margem direita, outra parte na margem esquerda da linha seguinte. Se essas palavras já se encontram segmentadas devido à falta de espaço, deve-se incluí-las na lista de segmentações não-convencionais? Ferreira *et alii* (1996) também lidaram com essa questão metodológica em seu trabalho:

É preciso indicar que toda a análise que apresentamos neste capítulo *não considera* as palavras incompletas ao final da pauta (acompanhadas ou não de hífen). Reconhecemos que a indicação da incompletude da palavra ao final da linha gráfica e o lugar em que se opera este corte são aspectos que concernem à segmentação gráfica. Decidimos, contudo, deixá-lo de lado por duas razões: (a) a segmentação consiste basicamente em suspender o traço (em cursiva) ou em ampliar o espaço entre letras, o acréscimo de um hífen que não está *entre palavras* mas entre partes de uma mesma palavra não decorre de operações equivalentes às anteriores; (b) a segmentação determina em sua concretização a realidade das

palavras gráficas, sendo o espaço em branco sumamente informativo para o leitor; o traço que se coloca ao final de uma palavra incompleta também é informativo, mas transmite uma informação confusa, que se pode traduzir em termos de “união” ou “separação”, como já assinalamos.

(Ferreiro *et al.* 1996, p. 46-47)

Pelo mesmo motivo, para o presente trabalho não foram contabilizadas as hipo- e hipersegmentações que se encontram divididas por uma quebra de linha, pois a necessidade de interromper a escrita para mudar de linha não indica necessariamente que foi intenção da mão inábil dividir a palavra em duas partes.

2. SOBRE OS SUPORTES E A PRESERVAÇÃO

2.1. Problemas iniciais

Os arquivos da Inquisição coletados durante este trabalho se encontram em um suporte não-digital: os documentos que não estão microfilmados estão à disposição para a consulta manual. Ou seja, é possível ter acesso aos volumes originais caso estes não estejam mal-preservados. No ANTT, especificamente, a situação é bastante grave, visto que os leitores podem manusear os textos antigos sem o uso obrigatório de luvas ou máscaras, e visto que a exposição prolongada à luz intensa das luminárias individuais também é bastante prejudicial aos documentos. A falta de um meio digital para preservar esses dados se mostra um grande obstáculo para pesquisas futuras, visto que os suportes atuais representam um certo risco à sua preservação.

Logicamente, também os suportes modernos apresentam um problema grave; como é comum no mundo digital, tais suportes podem se tornar obsoletos, o que por vezes acarreta uma perda de dados. É o que aconteceria se, por exemplo, um texto do século XII fosse transcrito em um editor de texto como o *Microsoft Word*; caso o texto se deteriore e tal editor de texto por algum motivo se torne obsoleto, as chances de os dados serem

perdidos para sempre são muito grandes. Como preservar, então?

Não existe uma forma de armazenamento de dados à prova de toda e qualquer deterioração. Fato é que, independentemente do meio escolhido, sempre haverá o risco dos dados se perderem ou de o meio se tornar obsoleto. No entanto, é preferível preservar um documento de todas as formas possíveis do que simplesmente guardar o original em um arquivo, desejando que ele não se deteriore com o tempo – algo que obviamente não irá acontecer, especialmente se não se tomam medidas preventivas para a manutenção e preservação adequadas.

A proposta inicial deste trabalho era transcrever alguns documentos selecionados dos Cadernos do Promotor da Inquisição de Lisboa. Todas as transcrições simples seriam feitas usando um editor de texto comum, e depois seriam transformadas em documentos XML – uma linguagem semelhante ao HTML, cuja principal função é rotular e armazenar dados. Tal decisão se baseou no fato de que a simples digitalização de um documento manuscrito de difícil deciframento não significa necessariamente uma leitura mais fácil, e que portanto o texto deveria ser transcrito de forma a tornar a sua leitura uma tarefa menos complicada.

2.2. A linguagem XML

Como dito acima, optou-se por armazenar os dados usando uma linguagem de marcação de texto. A linguagem XML (*EXtensible Markup Language*) é, como o nome sugere, uma linguagem de marcação de caráter extensível. Ou seja, é uma linguagem usada para anotar ou etiquetar um texto e também definir como esse texto será apresentado. Um exemplo de linguagem de marcação bastante similar ao XML é o já conhecido HTML (*HyperText Markup Language*), usado principalmente para a criação de páginas da Internet. Apesar do XML ser uma linguagem muito semelhante, em alguns aspectos, ao HTML, não se trata de uma linguagem substituta, visto que ambas foram criadas tendo em vista diferentes objetivos: enquanto a função do HTML é *mostrar* e *apresentar* dados, o XML serve para *rotular* e *armazenar* dados. Pode-se dizer, portanto, que o XML age como um complemento ao HTML. Para uma descrição mais detalhada, cf. Décio (2000).

Resumidamente, um arquivo em XML depende de dois outros documentos para que seu funcionamento ocorra sem problemas: um é o DTD (*Document Type Definition*), cuja função é descrever os dados. O DTD pode ser considerado “a gramática do XML”, que define a estrutura (ou *vocabulário*) do documento, ou seja, define o que é possível e o que não é possível fazer no documento XML. O outro documento necessário é a folha de estilo, escrita em XSL (*EXtensible Stylesheet Language*), uma linguagem que torna possível a transformação de um documento XML em outros formatos. Uma dessas possibilidades é transformá-lo em um arquivo HTML para apresentação em *browsers*, como *Microsoft Internet Explorer* e *Mozilla Firefox*, por exemplo.

Simplificando bastante, pode-se dizer que o XML segue as coordenadas dadas pelo DTD e se realiza através do XSL. Juntos, os arquivos XML, DTD e XSL formam um todo autodescritivo e auto-suficiente, cumprindo a função de guardar dados e mantendo a possibilidade de ser modificado e ampliado no futuro.

O caráter extensível do XML permite que um arquivo criado possa ser complementado inúmeras vezes, o que por sua vez possibilita que suas funções e capacidades sejam ampliadas posteriormente. Portanto, a principal vantagem da linguagem XML é o fato de qualquer pessoa, autodidata ou não, poder aprendê-la; dominando-a, poderá, se quiser, continuar um trabalho feito no passado, ou tomá-lo como base para criar um trabalho próprio. Ou seja, *corpora* de pesquisa guardados em XML abrem o caminho para quem quiser, de certa forma, reaproveitar esses dados no futuro, seja dando continuidade ao trabalho anterior, seja tomando os textos como base para outros rumos de pesquisa.

3. Os NÚMEROS

Como dito anteriormente, o *corpus Mãos Inábeis* reúne mais de cem documentos de 1612 a 1744. No entanto, nem todos os documentos coletados foram

utilizados para esta análise. Segue abaixo um panorama geral da divisão dos textos:

Tabela 1 – Visão geral dos dados

Documentos:		Nº total de documentos utilizados para análise:
transcritos por Marquilhas (2000)	32	24
coletados pela pesquisadora	100	75
TOTAL	132	99

Dos 32 documentos transcritos por Marquilhas, tive acesso aos originais de apenas 24 deles; os oito manuscritos aos quais não tive acesso estavam em mau estado ou em restauração, e portanto indisponíveis para consulta manual. Portanto, esses 24 documentos foram revistos com relação à segmentação não-convencional durante meu estágio de coleta de dados no ANTT. Dos 24 documentos transcritos a partir dos originais não-microfilmados, dois foram desconsiderados por haver dúvida quanto à verdadeira origem da mão inábil (i.e. se portuguesa realmente ou se brasileira/africana, etc). E dos 76 textos microfilmados, vinte e três foram desconsiderados ou por haver dúvida quanto à origem da mão inábil ou por não se adequarem à noção de inabilidade, apresentando certa desenvoltura e domínio da língua escrita não compatíveis com os outros textos de mãos inábeis.

As transcrições dos documentos coletados se encontram em anexo. Para facilitar o trabalho de consulta do leitor, constam apenas as transcrições simples dos documentos, pois um documento em XML dificultaria a leitura. Transcrevem-se aqui apenas os documentos da Inquisição de Lisboa relativos ao período de 1694 a 1744 (cf. *Corpus Mãos Inábeis*). Os dados anteriores, relativos ao período de 1612 a 1701, podem ser encontrados em Marquilhas (2000).

CAPÍTULO 3 – ANÁLISE DOS DADOS

1. DEFININDO OS DADOS

Ao observar cuidadosamente a quantidade de documentos por ano, na Tabela 2 abaixo, logo se nota que há uma variação entre o número de textos do século XVII e o número de textos do período posterior:

Tabela 2 – Número de documentos por ano

ANO	Nº	ANO	Nº	ANO	Nº
1612	1	1689	2	1715	6
1615	1	1694	3	1716	1
1616	1	1698	1	1717	8
1621	1	1699	1	1718	1
1630	1	1700	1	1720	1
1631	2	1701	9	1721	1
1642	1	1702	2	1722	6
1645	1	1704	1	1723	6
1648	2	1706	3	1724	5
1649	1	1708	3	1725	2
1650	1	1710	4	1726	1
1653	1	1711	6	1744	1
1654	1	1713	1	TOTAL	99
1664	1	1714	7		

A disparidade entre os números fica mais saliente na Tabela 3; ao agrupar os documentos em períodos de cinquenta anos, pode-se ver claramente que, apesar da quantidade de textos da primeira e da segunda metade do século XVII serem compatíveis entre si, o número de documentos da primeira metade do século XVIII destoa do conjunto.

Tabela 3 – Períodos de 10 anos

PERÍODOS	Nº
(a) 1601-1650	13
(b) 1651-1700	11
(c) 1701-1750	75
TOTAL	99

Para evitar que essa disparidade de números afete as análises, optou-se aqui por analisar os períodos (a) e (b) em conjunto; o conjunto (c) é tomado separadamente por ser composto por um número significativamente maior de documentos.

Outro problema que pode se notar ao verificar a Tabela 2 é a lacuna de tempo existente entre os manuscritos da década de 1720 e o último documento, de 1744. De fato, isso também prejudicaria uma análise estatística, visto que, não havendo documentos de determinada época, não é possível verificar a ocorrência de certo fenômeno que se queira investigar. Portanto, desconsidera-se para esta análise o documento de 1744, de modo que o conjunto de textos adequados à análise passa a ter 98 manuscritos, de um período de tempo que vai de 1612 a 1726. Dito isso, passemos enfim a análise dos dados.

2. HIPOSEGMENTAÇÃO

A primeira observação que se faz ao percorrer o *corpus* é que, assim como nos textos infantis (cf. Ferreiro *et al.* 1996), a maioria das segmentações não-convencionais nos textos de mãos inábeis são hipossegmentações. No conjunto de 22 documentos não-microfilmados, por exemplo, cerca de 10% das segmentações não-canônicas são hipersegmentações. Esse padrão se mantém ao longo do *corpus*, e ao menos em questão de quantidade os dados históricos não diferem dos dados infantis.

Ao longo do *corpus*, é possível observar uma grande ocorrência de hipossegmentações envolvendo substantivos e palavras funcionais. Nesse aspecto, o *corpus* *Mãos Inábeis* também não difere dos dados sobre escrita infantil, nos quais se vê que o

mesmo tipo de hipossegmentação também é freqüente nos primeiros escritos de crianças brasileiras. A maioria das hipossegmentações no *corpus* são do tipo em (49):

- (49) a. “leuo huma ssanta perassua Caza e pedio **onicho**”
 ...)ω (o nicho)ω
- b. “**amulher** de mel. daCosta-e margarida sua mollata”
 (a mulher)ω
- c. “tendo huma filha por nome antonia **deidade** de 7 pera 8 annos”
 ...)ω (de idade)ω (...)
- d. “huma delas **pornome** marinna da nanzare”
 ...)ω (por nome)ω (...)

Hipossegmentações desse tipo sugerem que o sujeito deve decidir os espaços em branco com base em um critério fonológico. Ignorando a segmentação padronizada, que se baseia na inserção de espaço em branco apenas entre palavras morfológicas, é possível relacionar essas hipossegmentações à noção de palavra fonológica. A hipossegmentação que coincide com os limites de palavras prosódicas se mostra freqüente e constante tanto no *corpus Mãos Inábeis* quanto nos dados infantis. Como explicar essa abundância?

É possível argumentar que a abundância se dá por ser a palavra prosódica uma unidade bastante firmada na língua: ainda que inconscientemente, para o falante essa noção ou categoria é forte e existe, e as mãos inábeis – que inevitavelmente fazem representações da língua baseadas mais na oralidade do que na escrita – acabam por externalizar em seus textos algo que sugere que a palavra prosódica é um constituinte prosódico bastante saliente, e que portanto aparece em representações feitas por diferentes indivíduos em diferentes lugares²⁰. Logicamente, tal argumento também pode ser aplicado às hipo- e hipersegmentações que parecem coincidir com outros constituintes fonológicos, como as sílabas, os pés, as frases fonológicas, etc.

20 Note, por exemplo, que os dados mostrados por Abaurre (1991) datam do final da década de 1980 e começo de 1990, de crianças de escolas públicas e particulares de vários lugares do Brasil; e que Capristano (2003, 2007) e Cunha (2004), por sua vez, coletaram seus dados uma década depois, no interior paulista e também no Rio Grande do Sul.

Apesar da hipossegmentação em palavras fonológicas ser algo freqüente tanto nos textos históricos quanto nos infantis, os dois conjuntos de textos apresentam grandes diferenças com relação à hipersegmentação. Trata-se de um ponto de extrema importância, por revelar diferenças nos possíveis critérios adotados pelos sujeitos na hora de segmentar a escrita – o que por sua vez podem estar relacionadas às diferenças rítmicas entre as duas variantes faladas. Passemos, portanto, aos dados de hipersegmentação.

3. HIPERSEGMENTAÇÃO

3.1. O que buscar

Como visto anteriormente, o português europeu moderno e o português brasileiro atual apresentam padrões rítmicos distintos, sendo o PB fortemente caracterizado pelo ritmo binário. Parte-se do pressuposto, aqui, que os manuscritos do *corpus Mãos Inábeis* são representativos da língua falada por uma parte específica da população portuguesa em um período de transição para o português europeu moderno – período no qual o padrão rítmico da língua também se encontrava em transição. Considerando que a segmentação ortográfica não-convencional pode trazer reflexos do ritmo da língua, analisam-se inicialmente três tipos de estrutura no *corpus*:

- | | | | | | |
|------|----|-----------|------|-------------------|-------------|
| (50) | a. | (σ) (σσ) | e.g. | <i>a gora</i> | 'agora' |
| | b. | (σσ) (σ) | e.g. | <i>pero lla</i> | 'pérola' |
| | c. | (σσ) (σσ) | e.g. | <i>borbo leta</i> | 'borboleta' |

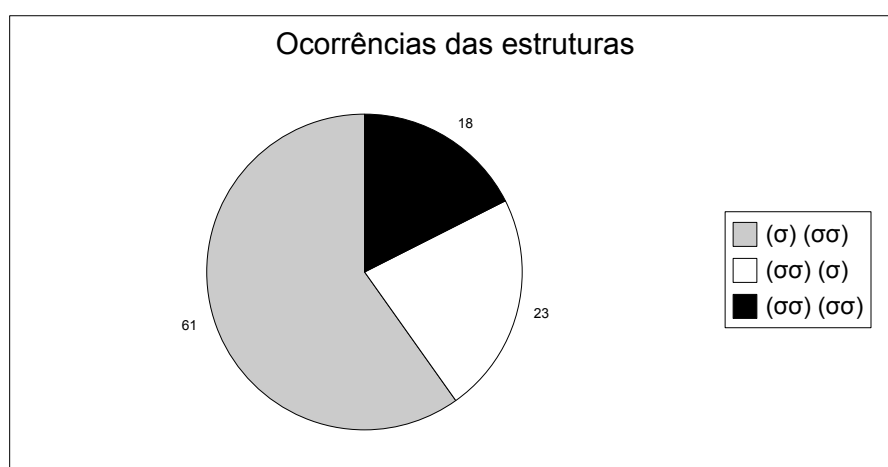
A escolha das estruturas (50) se justifica de maneira simples: se o ritmo do PB é marcado pela binariedade, então pode-se supor que o ritmo das mãos inábeis será diferente, ou então indicará uma mudança do ritmo ao longo do tempo. Dessa forma, procuraram-se no *corpus* hipersegmentações consideradas representativas da binariedade, ou seja,

hipersegmentações que coincidissem com a noção de pés métricos binários. Ou seja, hipersegmentações como as listadas acima.

3.2. (σ) (σσ) – Sílabas seguida de pé binário

Depois da segmentação em sílabas, este é o tipo de hipersegmentação mais freqüente nos dados da escrita inicial infantil apresentados por tanto por Oliveira (2007), Capristano (2003, 2007) e Cunha (2004), e são bons exemplos da tendência ao ritmo binário. Os textos coletados por Marquilhas (2000) atestam a ocorrência de hipersegmentações de estrutura (σ)(σσ) para o século XVII (e.g. *ar mada, fran Cisqo, er dade*). E, como mostra o Gráfico 4, das três estruturas escolhidas para análise esta é a com o maior número de ocorrências no *corpus Mãos Inábeis*.

Gráfico 4 – Número de ocorrências de cada estrutura escolhida



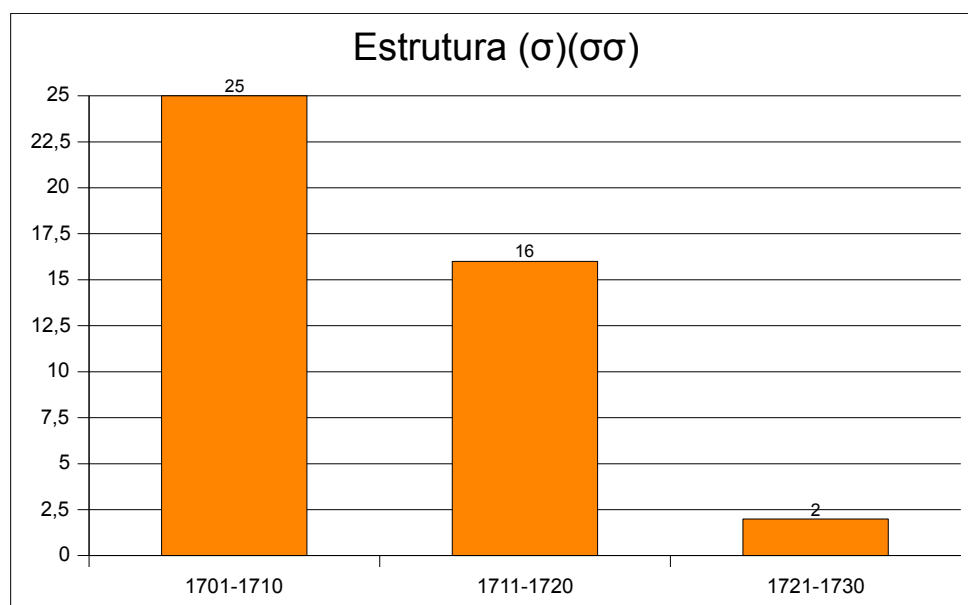
Outra semelhança que se nota com relação aos dados do PB é a estrutura formada através da hipersegmentação, no caso dos não-verbos: na maioria dos casos o trecho separado da sílaba inicial forma um pé binário trocaico (51a-c), com exceção às palavras terminadas em sílaba pesada (52a-c):

- (51) a. *la uoras* b. *es Craua* c. *do mingo*

- (* .) (* .) (* .)
- (52) a. *tri bunal* b. *ma noel* c. *na tural*
 (. *) (. *) (. *)

No entanto, não se pode concluir, a partir apenas dessas informações, que o ritmo das mãos inábeis era binário como o do PB. Dividindo os dados coletados em períodos de dez anos, é possível ver que a frequência dessa estrutura não se mantém ao longo do tempo, como mostra o gráfico abaixo:

Gráfico 5 – Ocorrências da estrutura (σ)(σσ) ao longo do tempo



O que se vê no Gráfico 5 é a diminuição do número de ocorrências da estrutura (σ)(σσ) em um total de 74 documentos, de 1701 a 1726 – sendo que para cada década há uma média de 20 a 30 documentos. Neste caso, ignoram-se os dados do século XVII coletados por Marquilhas; apesar de atestarem a ocorrência do mesmo tipo de estrutura, o conjunto do século XVII é formado por apenas 24 documentos, e há intervalos de tempo muito grandes entre um manuscrito e outro, intervalos que por vezes chegam a dez anos. Desse modo, certos períodos de tempo não seriam representados caso fossem incluídos no

gráfico acima.

Os dados de segmentação infantil mostram que esse tipo de estrutura é recorrente em praticamente todos os sujeitos investigados. Se o ritmo das mãos inábeis (i.e. ritmo do período de transição para o PE) fosse binário como o PB, então se esperaria que a quantidade de hipersegmentações com essa estrutura permanecesse constante, dado o número considerável de documentos analisados para cada década retratada. No entanto, nota-se o contrário. Como será mostrado a seguir, esse não é o único caso em que a estrutura indicativa de binariedade vai diminuindo com o tempo.

3.3. ($\sigma\sigma$) (σ) – Pé binário seguido de sílaba

Também nesse caso, os dados de Marquilhas (2000) atestam a ocorrência de hipersegmentações desse tipo para o século XVII (e.g. '*milho res*', '*Balte sar*', '*amo lher*'). Menos freqüente do que a estrutura (σ)($\sigma\sigma$) nos dados do *corpus Mãos Inábeis*, esta estrutura é também mais rara nos dados de escrita infantil: Capristano (2003) e Oliveira (2007), por exemplo, listam apenas uma ocorrência cada. Alguns exemplos da estrutura ($\sigma\sigma$)(σ) no *corpus Mãos Inábeis* podem ser vistos abaixo:

- (53) a. *pero lla* 'pérola'
b. *pasma do* 'pasmado'
- (54) a. *dapar te* 'da parte'
b. *doca zo* 'do caso'

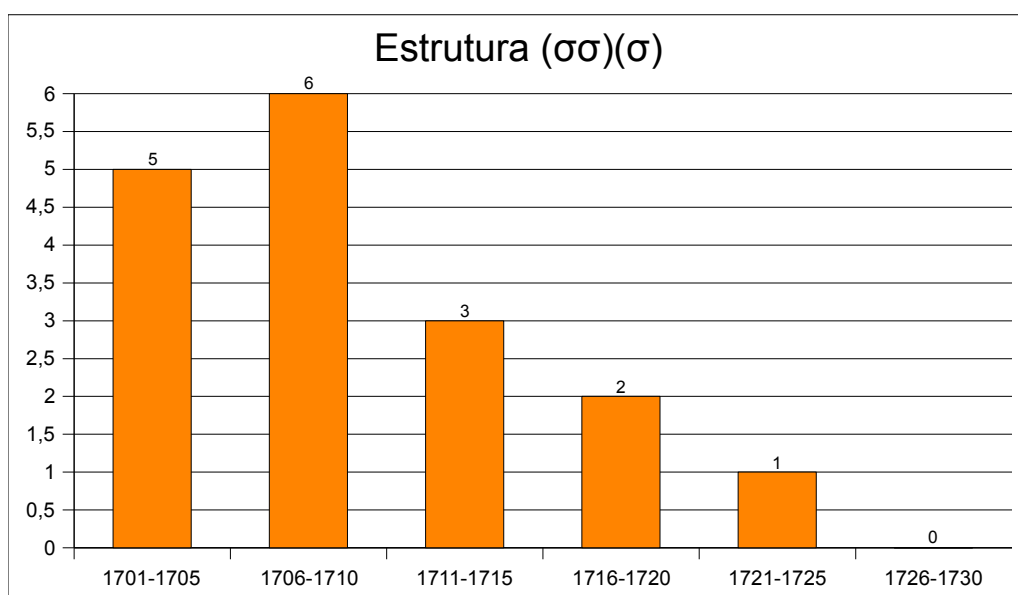
Como se vê em (54), hipo- e hipersegmentações podem ocorrer simultaneamente. A estrutura ($\sigma\sigma$)(σ) – bem como outras – não precisa ser resultado apenas da hipersegmentação da última sílaba de uma palavra; pode também resultar da hipersegmentação da última sílaba e da hipossegmentação de uma palavra funcional. Note, além disso, que o pé binário formado pela hipersegmentação nos exemplos acima é (. *), ou seja, iâmbico. Os casos em que a última sílaba é acentuada, no entanto, não formam

iambos. Como no exemplo dos dados de Marquilhas em (55), no qual um pé trocaico é formado, evitando o choque de acento nas duas últimas sílabas:

(55) *amo lher* 'a mulher'
(* .)(*)

Como visto anteriormente no Gráfico 4, a estrutura $(\sigma\sigma)(\sigma)$ é menos freqüente do que a estrutura $(\sigma)(\sigma\sigma)$; no entanto, ambas se comportam de maneira semelhante quanto à diminuição de ocorrências nos dados do *corpus* ao longo do tempo. Veja, no Gráfico 6 a seguir, o número de ocorrências da estrutura $(\sigma\sigma)(\sigma)$ de acordo com o tempo:

Gráfico 6 – Ocorrências da estrutura $(\sigma\sigma)(\sigma)$ ao longo do tempo



Assim como no caso da estrutura $(\sigma\sigma)(\sigma)$, o Gráfico 6 mostra uma diminuição visível no número de ocorrências. Dividindo os dados em períodos de dez anos, fica ainda mais clara a trajetória: cada década correspondendo a uma média de 20 a 30 documentos pesquisados, há 11 ocorrências da estrutura $(\sigma\sigma)(\sigma)$ na primeira década, 5 na segunda e apenas uma na terceira.

Se considerarmos as hipersergmentações de estrutura $(\sigma\sigma)(\sigma)$ e $(\sigma)(\sigma\sigma)$ como possíveis indicativos de um padrão binário existente na língua – como já sugerido para o PB no caso das hipersergmentações em pés binários nos dados da escrita infantil –, então parece começar a se esboçar uma diferença entre o ritmo do PB moderno e o do português falado pelas mãos inábeis setecentistas.

3.4. $(\sigma\sigma)(\sigma\sigma)$ – Dois pés binários

Como mostram os principais trabalhos citados (Abaurre 1991, Capristano 2003 e 2007, Cunha 2004, Oliveira 2007), essa estrutura em dois pés binários é recorrente na escrita inicial infantil em PB, ainda que seja menos freqüente do que a estrutura $(\sigma)(\sigma\sigma)$. Vejamos a lista de ocorrências no *corpus*, tanto de verbos quanto de não-verbos, sendo que as cinco primeiras ocorrências foram coletadas dos dados de Marquilhas (2000):

Tabela 4 – Ocorrências de estrutura $(\sigma\sigma)(\sigma\sigma)$ no *corpus Mãos Inábeis*

$(\sigma\sigma)(\sigma\sigma)$	ANO
teem canto	1648
Cenho rias	1648
arte lheiro	1648
ocar ualho	1653
Casti nheiro	1654
nauer dade	1701
ado raua	1701
ator menta	1701
ssete ssentos	1701
embar cação	1701
reco lhido	1706
ome nino	1708
defei ticos	1708
efi cauão	1708
nauer dade	1708
sobre nome	1710
sete sentos	1714
sette centos	1723

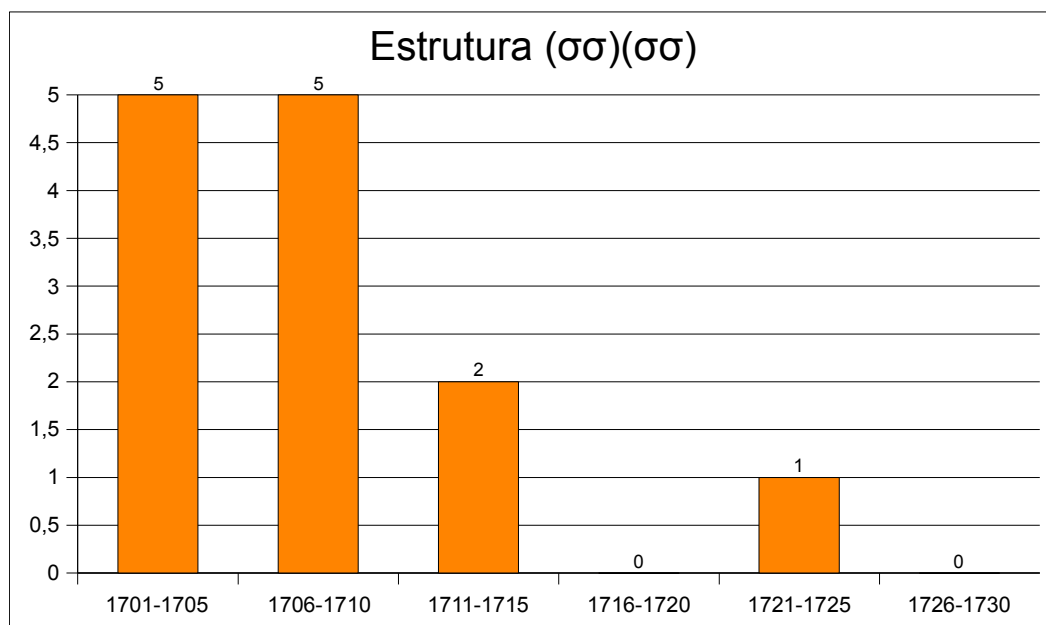
As hipersergmentações de estrutura $(\sigma\sigma)(\sigma\sigma)$ foram procuradas nos documentos de 1612 a 1744, sendo achadas apenas 18 ocorrências. De fato, trata-se de um tipo de

hipersegmentação que é menos comum do que $(\sigma)(\sigma\sigma)$ e $(\sigma\sigma)(\sigma)$, como visto no Gráfico 4 mais acima.

A Tabela 4 engloba não apenas as palavras inteiras que foram hipersegmentadas no meio, mas também as palavras menores (i.e. de três sílabas) que se encontram unidas à palavra funcional à sua esquerda e hipersegmentadas em dois pés binários, como em '*ocar ualho*'. Ou seja, novamente pode-se ver que hipo- e hipersegmentação podem ocorrer na mesma palavra.

Note que, na lista de ocorrências, os não-verbos novamente apresentam uma predominância do padrão binário trocaico, com exceção à palavra '*embar cação*', que termina em ditongo nasal. Ao verificar o número de ocorrências dessa estrutura de dois pés métricos binários de 1701 a 1726, é visível que, como no caso das estruturas $(\sigma)(\sigma\sigma)$ e $(\sigma\sigma)(\sigma)$, também nesse caso há uma diminuição, como mostra o Gráfico 7 abaixo:

Gráfico 7 – Ocorrências da estrutura $(\sigma\sigma)(\sigma\sigma)$ ao longo do tempo



No entanto, como já notado por Abaurre (1991), é possível fazer uma distinção entre as hipersegmentações em pés binários que surgem de critérios fonológicos e os que

surtem de critérios semânticos. Retornando à Tabela 4, verifica-se que alguns dos casos de fato parecem ter base semântica, como *sete sentos* e *sobre nome*, por exemplo. Portanto, ao observar o mesmo período de tempo (1701-1726) excluindo as hipersegmentações motivadas pela semântica, temos a seguinte lista de ocorrências de hipersegmentações em pés binários:

Tabela 5 – (σσ)(σσ) não motivadas pela semântica

(σσ) (σσ)	ANO
nauer dade	1701
ado raua	1701
embar cação	1701
reco lhido	1706
ome nino	1708
defei ticos	1708
efi cauão	1708
nauer dade	1708

Não é necessário um gráfico para visualizar o desaparecimento das hipersegmentações em pés binários no *corpus*. A estrutura em questão não é mais atestada nos textos do *corpus* a partir de 1709. É importante salientar que o período de 1709 a 1726 corresponde a um total de 56 documentos; se em nenhum deles se encontram casos de estrutura semelhante, reforça-se a idéia de que a binariedade foi aos poucos perdendo sua importância no português europeu.

4. DISCUSSÃO DOS DADOS

4.1. Binariedade

O ponto mais saliente dos dados apresentados no item acima é a diminuição significativa da hipersegmentação em pés binários ao longo do tempo. Nesse aspecto, o *corpus* é bastante diferente dos dados do PB de segmentação não-convencional infantil, nos

quais há uma abundância de casos que revelam uma tendência à binariedade independentemente do lugar ou da época.

Uma possível explicação para essa diminuição de hipersegmentações em pés binários no *corpus Mãos Inábeis* é o fato de se considerarem seus documentos como pertencentes ao período de transição ao PE. Nesse caso, a diminuição visível de padrões de hipersegmentação binária nos textos das últimas décadas do *corpus* poderia ser considerado uma “prévia” do que viria a seguir: um ritmo não binário para o PE. Os dados sugerem que os reflexos de transição para um ritmo não-binário se tornam mais acentuados nas décadas de 1710 e 1720, e portanto já no século XVIII. Como interpretar tal fato, sendo que aqui se admite a periodização do português proposta por Galves *et al.* (2006), em que o início do PE se deu no século XVIII?

Em primeiro lugar, o trabalho de Galves *et al.* oferece um ponto de vista diferente de outras propostas de periodização do português: ao invés de levar em consideração apenas a data em que o texto analisado foi escrito, opta-se por observar a data de nascimento dos autores dos textos. O que Galves *et al.* e Paixão de Sousa (2004) notam com isso, nos dados de seu *corpus*²¹ de trabalho, é que diferenças no padrão sintático podem ser verificados na virada do século XVII ao XVIII: os textos cujos autores nasceram ainda no século XVII apresentam um padrão, enquanto os autores nascidos nos anos posteriores apresentam um outro padrão – o do português europeu moderno. Assim se estabelece uma diferença crucial na periodização, de modo que o PE pode ter seu início demarcado em datas diferentes, a depender do critério de datação escolhido. Como afirma Paixão de Sousa: “pelas datas de nascimento, os padrões mudam na fronteira do séculos 17 e 18; pela data de produção, mudam entre a primeira e a segunda metade do 18” (2004, p. 207).

No entanto, a estrutura (σσ)(σσ), por exemplo, deixa de ser atestada no *corpus Mãos Inábeis* a partir de 1709, bem antes da fronteira entre a primeira e a segunda metade do século XVIII; embora não se saibam as idades das mãos inábeis investigadas, é possível

21 *Corpus Histórico do Português Anotado Tycho Brahe*, do Projeto Temático *Padrões Rítmicos, Fixação de Parâmetros e Mudança Lingüística*.

estimar que um texto de 1709 muito provavelmente foi escrito por um adulto nascido ainda no século XVII. Adotando o ponto de vista exposto por Paixão de Sousa, as mãos inábeis setecentistas que escrevem na primeira metade do século XVIII ainda teriam de estar enquadradas ao padrão anterior, binário. No entanto, o que se vê é uma diminuição e desaparecimento – nos dados analisados, ao menos – do padrão binário antes mesmo de 1730.

Para explicar esse fato, voltemos à proposta de Galves *et al.* e de Paixão de Sousa. Do ponto de vista das autoras, a mudança lingüística é, antes de mais nada, a mudança de uma gramática a outra – *gramática* entendida aqui como “uma determinada parametrização dos princípios da Gramática Universal” (Galves *et al.*, p. 03). A mudança lingüística é, então, o surgimento de uma nova geração de falantes que possuem uma gramática em comum – sendo esta *diferente* da gramática de prestígio ou predominante à época do nascimento da nova geração.

No entanto, é preciso salientar que o surgimento de uma nova gramática não significa que todos os indivíduos da geração anterior passarão a ter a nova gramática; a imposição de uma gramática é um processo gradual. Aqui se insere uma das noções mais importantes do trabalho dessas autoras – a de *competição de gramáticas* (cf. Kroch 1989): uma nova gramática não é dominante a partir do momento em que surge, mas passa por um período em que compete com a gramática de prestígio vigente na época, até que finalmente se impõe com o passar do tempo. No entanto, ao invés de uma competição de *gramáticas*, pressupõe-se uma competição de *padrões rítmicos*. Ou seja, parte-se do pressuposto, aqui, que o surgimento da gramática do PE veio acompanhada de um novo padrão rítmico. Dessa forma, houve um período no qual um novo padrão de acento competiu com o padrão de acento imediatamente anterior.

O que se sugere, aqui, é que alguns textos do *corpus Mãos Inábeis* datados da primeira metade do século XVIII podem ser considerados mais representativos do português europeu moderno do que do estágio anterior do português (chamado de *português clássico* por uns, ou *português médio* por outros), ainda que seus autores tenham nascido no século XVII. Isso porque os textos que atestam a diminuição considerável do

padrão binário de hipersegmentações não datam da segunda metade do século XVIII, e sim da década de 1720 – ou da primeira década, no caso da estrutura (σσ)(σσ).

Note que essa disparidade não invalida, de forma alguma, a datação proposta pela autoras citadas, por um motivo simples: a datação proposta por Galves *et al.* e Paixão de Sousa se baseia em padrões sintáticos. Ainda que se pressuponha aqui que a mudança do padrão sintático tenha sido acompanhada de uma mudança rítmica, fica ainda incerto se ambas as mudanças aconteceram simultaneamente, ou se uma precedeu a outra. Pressupondo – a partir de Galves & Galves (1995) – que a mudança rítmica precedeu a mudança sintática, tal disparidade não se constitui como uma contestação à periodização proposta, e sim como um reforço.

4.2. As palavras funcionais

Um outro aspecto em que os dados de mãos inábeis diferem dos dados infantis do PB diz respeito à junção de palavras funcionais. De fato, quando se trata da junção de palavra funcional à uma palavra lexical – de modo a formar uma palavra fonológica – ambos os conjuntos de textos se comportam de maneira semelhante, apresentando inúmeros casos de hipossegmentação. No entanto, há um tipo de hipossegmentação que se vê nos textos inábeis e que não são tão facilmente encontráveis nos textos infantis.

Tomando como exemplo inicial as ocorrências de hipersegmentações em pés binários, vemos que nem todas as hipersegmentações partiram de uma única palavra de quatro sílabas; algumas, como as listadas abaixo, partiram de uma palavra de três sílabas em que se encontra aglutinada uma palavra funcional à esquerda:

- (56) a. ocar **ualho** 'o carvalho'
 b. nauer **dade** 'na verdade'
 c. defei **ticos** 'de feitiços'
 (* .)(* .)

Contando verbos e não-verbos, há um total de 7 ocorrências de

hipersegmentações como os em (56). Porém, lembrando que são apenas 18 ocorrências da estrutura $(\sigma\sigma)(\sigma\sigma)$, tais ocorrências representam quase 40% do total. Curiosamente, a recorrência da junção de uma palavra funcional à primeira sílaba da palavra lexical seguinte também é atestada nos casos de estrutura $(\sigma\sigma)(\sigma)$, como nos exemplos abaixo:

- (57) a. *dassan ta* 'da santa'
 (. *)(.)
 b. *amo ther* 'a mulher'
 (* .)(*)
 c. *sepor uar* 'se provar'
 (* .)(*)

Entre verbos e não-verbos, há 12 casos como em (57) de um total de 23 ocorrências de estrutura $(\sigma\sigma)(\sigma)$, o que representa um pouco menos da metade dos casos. Portanto, a junção da palavra funcional parece ter alguma importância nos critérios adotados pelas mãos inábeis analisadas.

A primeira hipótese que explicaria a quantidade razoável de ocorrências do tipo em (56) e (57) seria que as mãos inábeis seiscentistas e setecentistas consideravam (ainda que de maneira inconsciente) o critério da binariedade importante. No entanto, trata-se de um argumento que não faz tanto sentido quando se percebe que as palavras originais às quais a palavra funcional se junta já eram, por si sós, palavras binárias. Isto é, as palavras lexicais envolvidas já tinham uma estrutura binária. Por que mexer nessa estrutura para criar outra, também binária?

Poderia se argumentar que a escolha de um tipo de binariedade em detrimento do outro se deve à preferência da língua por pés trocaicos ou iâmbicos; entretanto, os exemplos (57a) e (57b) mostram, respectivamente, que a hipersegmentação da palavra fonológica pode criar tanto um iambo quanto um troqueu. Se realmente se tratasse de um critério de segmentação baseado na preferência por um determinado pé, então todas as hipersegmentações como em (57) deveriam criar o mesmo tipo de pé (i.e. só troqueus ou só

iambos) para a classe de não-verbos, por exemplo.

Tendo em vista o fato de que a maioria das hipersegmentações estruturadas em $(\sigma\sigma)(\sigma\sigma)$ e algumas das estruturadas em $(\sigma\sigma)(\sigma)$ formam pés binários trocaicos, e não iâmbicos, também poderia se criar a hipótese de que se trata de um indício da mudança rítmica para o PE, visto que palavra funcional é agregada à sílaba seguinte, formando um troqueu e portanto recebendo acento (secundário), como nos exemplos (57b) e (57c); no entanto, há apenas 19 ocorrências de tais estruturas, de modo que faltam evidências para que se confirme tal hipótese.

A hipótese mais provável, por enquanto, é a de que as palavras funcionais são agregadas à sílaba inicial da palavra vizinha porque o sujeito inábil reconhece a palavra funcional em questão como pertencente à um grupo levemente maior, como o pé, por exemplo. O grande número de casos de hipossegmentação de modo a formar palavras fonológicas reforça a idéia de que as palavras funcionais são tidas como parte de um grupo maior.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vimos, ao longo do trabalho, que a segmentação ortográfica não-convencional pode trazer reflexos do ritmo da língua falada. No caso dos dados do PB de crianças em estágio inicial de aquisição de escrita, a tendência à binariedade é bastante visível, sendo que a hipersegmentação tende a criar pés binários trocaicos; no caso dos textos de mãos inábeis portuguesas dos séculos XVII e XVIII, vimos que a tendência à binariedade é atestada ao longo do século XVII, mas que apresenta uma diminuição considerável a partir do início do século XVIII.

Vimos também que a segmentação não-convencional pode ser relacionada às noções de constituintes prosódicos, notadamente as de palavra prosódica, pé e sílaba. Ou seja, os critérios fonológicos – além é claro dos critérios semânticos e do próprio caráter

formal da escrita – parecem desempenhar um papel importante na decisão da mão inábil ou da criança que se vê às voltas com a necessidade de segmentar sua escrita de alguma maneira.

Os dados analisados neste trabalho apontam para o fato de que a mudança do padrão rítmico quando do surgimento do português europeu moderno pode ter seu início esboçado no começo do século XVIII, se tomado como ponto de referência a data dos textos. No entanto, se o ponto de referência for a data de nascimento das mãos inábeis, então o novo padrão rítmico pode ter seu início imaginado a partir da segunda metade do século XVII, sem que isso afete as propostas de periodização do português que têm como base a sintaxe.

Já os dados sobre a junção de palavras funcionais às sílabas iniciais de palavras que se encontram hipersegmentadas apontam para a hipótese de que as mãos inábeis têm as palavras funcionais como elementos pertencentes a um grupo maior, possivelmente utilizando critérios fonológicos para juntá-las às sílabas ou palavras adjacentes. Outra hipótese possível é que os exemplos de hipersegmentação podem ser considerados um indicativo do ritmo do PE, em que, diferentemente do PB, é possível acentuar as palavras funcionais.

No entanto, será necessário expandir o *corpus Mãos Inábeis* no tempo, tanto para frente quanto para trás, para poder confirmar se antes do século XVII as hipersegmentações em estrutura $(\sigma\sigma)(\sigma\sigma)$ e $(\sigma\sigma)(\sigma)$ já apresentavam a junção de palavras funcionais, e se já existia um padrão binário de hipersegmentação que se perdeu no português europeu moderno (i.e. da metade do século XVIII em diante).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABAURRE, M.B.M. “O que revelam os textos espontâneos sobre a representação que faz a criança do objeto escrito?” In: KATO, M. (org.) *A concepção da escrita pela criança*. Campinas: Pontes. 1989.

ABAURRE, M.B.M. “A relevância dos critérios prosódicos e semânticos na elaboração de hipóteses sobre segmentação na escrita inicial” In: **Boletim da ABRALIN**, 11, pp. 203-217. 1991.

ABAURRE, M.B.M. “Dados da escrita inicial: indícios de construção de hierarquia de constituintes silábicos?” In: HERNANDORENA, C.L.M. (org.) *Aquisição de Língua Materna e de Língua Estrangeira: aspectos fonético-fonológicos*. Pelotas: EDUCAT/ALAB, pp. 63-85. 2001.

ABAURRE, M.B.M. & GALVES, C. As diferenças rítmicas entre o português europeu e o português brasileiro: uma abordagem otimalista e minimalista. **DELTA**, vol. 14, nº. 2, 1998.

BISOL, L. “O acento e o pé métrico binário” In: **Cadernos de Estudos Lingüísticos**, 23, pp. 69-80. 1992.

BISOL, L. 2004. “Mattoso Camara Jr. e a palavra prosódica”. **DELTA**, 20: Especial, pp. 59-70. 2004.

CAGLIARI, L.C. *Alfabetização e Lingüística*. São Paulo: Scipione. 2002

CAPRISTANO, C.C. *Aspectos da segmentação na escrita infantil*. Dissertação (Mestrado em Análise Lingüística) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2003.

CAPRISTANO, C.C. *Mudanças na trajetória da criança em direção à palavra escrita*. Tese (Doutorado em Lingüística Aplicada) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

CARVALHO, J.B. “*Réduction vocalique, quantité et accentuation: pour une explication structurale de la divergence entre portugais lusitanien et portugais brésilien*”. **Boletim de Filologia**, 32, pp. 5-26. 1988.

CARVALHO, JB. “*Phonological Conditions on Portuguese Clitic Placement: On Syntactic Evidence for Stress and Rhythmical Patterns*”. **Linguistics**, 27, pp. 405-436. 1989.

CHACON, L. “Hipersegmentações na escrita infantil: entrelaçamentos de práticas de oralidade e de letramento”. **Revista Estudos Lingüísticos**, 34. 2005.

CHOMSKY, N. & HALLE, M. *The Sound Pattern of English*. New York: Harper and Row. 1968.

COLLISCHONN, G. Um estudo do acento secundário em português. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1993.

CUNHA, A.P.N. *A hipo e a hipersegmentação nos dados de aquisição da escrita: um estudo sobre a influência da prosódia*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2004.

D'ANDRADE, E. “O acento de palavra em português” In: STACZEK, J. (ed.) *On Spanish, Portuguese and Catalan Linguistics*. Washington: Georgetown University Press. 1988.

D'ANDRADE, E. & LAKS, B. “Na crista da onda: o acento de palavra em português” *Actas do VII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, pp. 15-26. 1991.

DÉCIO, O. C. *XML: Guia de consulta rápida*. São Paulo: Novatec Editora, 2000.

FARINHA, M.C.J.D. *Os arquivos da Inquisição*. Lisboa: Arquivo Nacional da Torre do Tombo, 1990.

FERREIRO, E. & TEBEROSKY, A. *Psicogênese da língua escrita*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

FERREIRO, E., C. Pontecorvo, N.R. Moreira & I.G. Hidalgo. *Chapeuzinho Vermelho Aprende a Escrever*. São Paulo: Ática. 1996.

FROTA, S. *Prosody and Focus in European Portuguese*. Tese (Doutorado) – Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Lisboa, 1998.

FROTA, S. & VIGÁRIO, M. “Aspectos de prosódica comparada: ritmo e entoação no PE e no PB”. *Actas do XV do Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. 1999.

GALVES, A. & GALVES, C. “*A Case Study of Prosody Driven Language Change: From Classical to Modern European Portuguese*”. 1995. Disponível em <http://www.tycho.iel.unicamp.br/~tycho/prfpml/fase1/papers/lang_change.pdf>

GALVES, C., C. Namiuti & M.C. Paixão de Sousa. “Novas perspectivas para antigas questões: revisitando a periodização da língua portuguesa” In: ENDRUSCHAT, A., R. Kemmler & B. Schafer-Prieß (orgs.) *Grammatische Strukturen des Europäischen Portugiesisch*. Tübingen: Calepinus Verlag, 2006.

HALLE, M. & VERGNAUD, J. *An Essay on Stress*. Cambridge, Mass.: MIT Press. 1987.

HAYES, B. *A Metrical Theory of Stress Rules*. New York: Garland. 1985.

HAYES, B. *Metrical Stress Theory: Principles and Case Studies*. Chicago: The University of Chicago Press. 1995.

KROCH, A. “Reflexes of Grammar in Patterns of Language Change”. *Language Variation and Change*, 1:199-244. 1989.

LEE, S. “A regra do acento do português: outra alternativa”. **Letras de Hoje**, 29, nº. 4, pp. 37-42, 1994.

LIBERMAN, M. *The Intonational System of English*. Tese (Doutorado) – Massachusetts Institute of Technology, Cambridge, 1975.

LIBERMAN, M. & PRINCE, A. “On Stress and Linguistic Rhythm”. *Linguistic Inquiry*, 8, pp. 249-336. 1977.

MARQUILHAS, M.R.B. *A faculdade das letras: leitura e escrita em Portugal no século XVII*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2000.

MASSINI-CAGLIARI, G. “Sobre o percurso histórico da acentuação em português”. In: SCARPA, E.M. *Estudos de prosódia*. Campinas: Editora da UNICAMP. 1996.

MATEUS, M.H.M. “O acento de palavra em Português: uma nova proposta”. **Boletim de Filologia**, 28, pp. 211-229. 1983.

MATEUS, M.H.M. “Sobre a natureza fonológica da ortografia portuguesa”. **Estudos da Língua(gem)**, nº 3, pp.159-180. 2006.

MATEUS, M.H.M. & D'ANDRADE, E. *The Phonology of Portuguese*. Oxford: Oxford University Press. 2000.

MATTOS E SILVA, R.V. *O português arcaico: fonologia*. São Paulo: Contexto, 1991.

MATTOS E SILVA, R.V. “Reconfigurações socioculturais e lingüísticas no Portugal de quinhentos em comparação com o período arcaico”. **ALFA - Revista de Lingüística**, vol. 45, pp. 33-47. 2001.

MOREIRA, N. *O nome próprio na aquisição da escrita: construção da nasal pré-consonantal*. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 1991.

NESPOR, M. & VOGEL, I. *Prosodic Phonology*. Dordrecht: Foris Publications. 1986.

OLIVEIRA, E.C. *Um outro olha para os erros de segmentação*. Tese (Doutorado em Lingüística – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

OLIVEIRA, K. “O lugar do branco na escrita de negros: notas sobre segmentação gráfica em textos de africanos e afro-descendentes no Brasil do século XIX”. **RILI – Revista Internacional de Lingüística Iberoamericana**, 6, pp.153-170. 2005.

OLIVEIRA, K. *Negros e escrita no Brasil do século XIX: sócio-história, edição filológica de documentos e estudo lingüístico*. Tese (Doutorado em Lingüística) – Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2006.

PAIXÃO DE SOUSA; M.C. *Língua barroca: sintaxe e história do português no 1600*. Tese (Doutorado em Lingüística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

PEREIRA, I. *O acento de palavra em português: uma análise métrica*. Tese (Doutorado) – Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Lisboa, 1999.

PESSOA, M. de B. “Da carta a outros gêneros textuais” In: DUARTE, M.L. & CALLOU, D. (orgs.) *Para a história do português brasileiro – Notícias de corpora e outros estudos*, vol. IV. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras da UFRJ/FAPERJ, 2002.

PRINCE, A. *Applying Stress*. Dissertação (Mestrado) – Department of Linguistics, University of Massachusetts, Amherst. 1976.

PRINCE, A. “*Relating to the Grid*”. *Linguistic Inquiry*, 11, pp. 511-562. 1983.

SANDALO, M.F.S., M.B.M. Abaurre, A. Mandel & C. Galves. “*Secondary stress in two varieties of Portuguese and the Sotaq optimality-based computer program*”, **PROBUS**, 18, pp. 97-125, 2006.

SELKIRK, E.O. “*Prosodic Domains in Phonology: Sanskrit Revisited*” In: ARONOFF, M. & M.L. Kean (eds.) *Juncture*, pp. 107-129. 1980.

SELKIRK, E.O. *Phonology and syntax: the relation between sound and structure*. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1984.

SELKIRK, E.O. “On derived domains in sentence phonology”. *Phonology Yearbook*, 3, pp. 371-405, 1986.

SILVA, A. *Alfabetização: a escrita espontânea*. São Paulo: Contexto. 1994.

TENANI, L.E. “Segmentações não-convencionais e teorias fonológicas”. *Letras de Hoje*, 39, pp. 233-244. 2004.

VAN DER LEEUW, F. *Clitics: Prosodic Studies*. Haia: Holland Academic Graphics.

VIGÁRIO, M. “Cliticização no português europeu: uma operação pós-lexical”. Actas do XIV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística, 1998.

VIGÁRIO, M. *The Prosodic Word in European Portuguese*. Berlin: Mouton de Gruyter. 2003.

VIGÁRIO, M. “O lugar do Grupo Clítico e da Palavra Prosódica Composta na hierarquia prosódica: uma nova proposta”. Actas do XXII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística. 2007.

WETZELS, W.L.M. “Primary Word Stress in Brazilian Portuguese and the Weight Parameter”. *Journal of Portuguese Linguistics*, 5, vol. 2. 2006.

FIGURAS

Denúncia, 1711. ANTT, Inquisição de Lisboa, livro 271, Cadernos do Promotor, fólio 74.

91

FIGURA II

Denúncia, 1724. ANTT, Inquisição de Lisboa, livro 285, Cadernos do Promotor, fólio 356.

356

*Religiões da Obisidal
apresentação de cartas suplicatorias.*

Conduzidos do caso Confesso de novo in
onmos q' fize mos as q' uan mos a limbo
duas ora sois de feras sbendo q' o crã
hua dezin Corde do leo ou de me lora
do leo falai me Corde do leo. Respondes
Ovado 11to por Contas outras duas
e tres padre (nos) quinta e des a pe
nas 11 mas 11 mas. Legais mais ne
pos. Sidnetos amig os Condesidos em
al ger grao hereditas a limbo.
Dezmos da Obisidal Ma emite faze
o) Se hereditas q' tinha em a de
monia de hereditas esta deca em
se e de hereditas. Salva les dezin
haide a vinha mas dando Com lora in
aliado nem mais e de gentamendo em
na afec mais q' dezinando e de do
dezinando. 11 mas q' na de dezin
na de dezinando mais q' dezinando
na de dezinando. 11 mas q' dezinando

Denúncia, 1714. ANTT, Inquisição de Lisboa, livro 275, Cadernos do Promotor, fólio 376.

93

CORPUS MÃOS INÁBEIS

NOTA SOBRE AS ABREVIATURAS

Uma característica marcante dos textos antigos, inábeis ou não, é o uso corrente de abreviaturas ao longo do texto. No *corpus Mãos Inábeis*, optou-se por transcrevê-las como no original, utilizando a fonte sobrescrita quando necessário. Segue abaixo uma lista (não-exaustiva) das abreviaturas mais freqüentes no *corpus*, que hoje seriam consideradas menos comuns e, portanto, um pouco mais difíceis de se compreender.

An ^{to} .	Antônio
d ^o . d ^{to} .	dito
D ^{os} . D ^{is} .	Domingos, Domingues
Ds. g ^{de} .	Deus guarde
Fran ^{co} .	Francisco
freg ^a .	freguesia
Frs. Fris.	Fernandes
Lx. Lx ^a .	Lisboa
M ^{el} .	Manoel
m ^{er} .	mulher
m ^{or} .	morador
p ^{la} . p ^{lo} .	pela, pelo
P ^o .	Pero
Pr ^a .	Pereira
p ^{te} .	parte

Inquisição de Lisboa
Cadernos do Promotor
Caderno 73, 1694-1703, Livro 267

fl. 31

Obrigado do esCrupulo deque se manda no edicto da S^{ta}. Inquisição-
de nunciar aqualquer pessoa que tenha algũ liuro de arte de ade-
vinhar p^a. des Cargo de minha Conciencia de nuncio aV.S.^{as}. a D.An^{ta}.
Molher de An^{to}. botelho moradores em obairro alto em aRua das
Barrocas aqual indo a minha caza p^{las}. linhas das mãos dizia aalgũas
pessoas oqual héO seguinte-

Primeiram^{te}. Disse q. hũ vizinho meu q. não avia <viver> mais quedois
Annos; dis mais q. não fose com minha molher abetllem por mar que
avia de suseder hũ pirigo; dis mais que não navegace p^a. asp^{tes}. de Angola
eoutras mais p^{tes}. que me avia de succeder mal; isto era que avia de
morrer lá eq. navegace p^a. outras terras que ella nomeou q. tinha lá aminha
ventura; dis q. p^{las}. aRayas das mãos de minha molher q. avia de
ter hũ abito de Cristo ou de outra qualquer Sorte eque avia de
Ser antes de dois annos; dis mais que minha molher q. ade mo-
rrer primeiro q. eu; eque na sua sina q. avia de ter m^{tos}. bens
defortuna; dise ahũa filha minha m^{tas}. couzas q. compete
ao mesmo easim dise m^{tas}. couzas mais de q. não estou
adevertido emedise que tinha em caza hũ liuro q em sinava
isto epor aSim passar na verde. fiz esta q. asinej

Lix^a. 17 de Jan. de 1701

Matheus Friz. Netto

fl. 52

Porquanto ouvi dizer q. havia obrigação de denunciar ao S^{to}. Officio as pessoas que trazião bolcas ou mandigas p^a. descargo de minha consciencia de claro que hum mulato que foi do capitão maquines e agora he de alexandre desouza que esta morador na cidade da Bahã trazia hũa destas mandigas que eu lheui. E porassi m passar naverdade fis esta de mão propria eq. tudo isto he verd^e. o juro aossantos-Euangelhos Lx^a. 9 de julho dei70i-

(.)

Joseph Botelho da Mota

(*)

Filho de estevão da Mota Negrão -
escudeiro de Fran^{co}: Pr.^a deCastro m^{or}. na
Rua Larga des. Roque desde deiz annos
E decl{.}ro declaro queouui dizer aalgu^a.
peçoas, queodito mulato emh.^a ouduas
pedençias lhe não en travão as<es>padas conq
ue lhedavão seus inimigos.. pore m não me
lembraaque pesoas ouui isto. o que tudo
iuro na forma sober dita.

Joseph Botelho da
Mota

fl. 96

Hoje 28 de Agosto de 170i paresseo perante mim
Pedro Fernandes morador nos Caluos termo, efre
guesia desta V^a. da Sertãa; epor elle mefoi ditto
que daua adenunciação das[??] que em hũa oca
zião ouvira dizer a Antonio Martins de [??]
cazal que andando de doente e ligado hũ
seu primo do termo de Cardigos, etendo no [??]
[??] ahũa molher q se chama a Retirada, q em otal
tempo uiuia em Cardigos, ede prez^{te}. uiue nos Cal-
uos, a procurara per ouvir dizer q. ella curaua
de[??], aqual indo falar com do[??]
doentes, esabendo delle oq lhe queria, lhe espon
dara, que primeiro havia dehir falar com hũa
molher do termo do Sertão, eq. então daria
[??] a curalo. eque od^o. Antonio Martins se
gabara, eafirmaua q. logo a Retirada curara
od^o. seu primo, [??] são, e com perfeita saude
eq. tudo elle de nunciante lhe ouuira dizer estan
do prez^{tes}. P^a. Cristouão, Miguel [??] filho de
Izabel Nunes todos dos Caluos. Eq. outro dia
ouuira dizer oseu f^o. [??] por nome Antonio
q. ad^a. Retirada tinha má fama em Cardigos
prq. Se prezuma em ad^a. v^a. de Cardigos q. ella
tem algũa Couza de bruxa ou feitisseira. ede
clarou q. tudo oq. tinha ditto he uerdade [??]
ouuido, eq. daua esta denunciação seu odio, [??]
[??]
[??] Comigo. 28 de Agosto
de-170i

Do denunciante [?] + frs.
Commiss^a. Lourenco Dias Salgueiro.

fl. 100-101

oje 3 deabil de ssete ssentos
e hum Cheguo Joseph deCarualho daldeia
velha termo daui la do ssabugal
bispado de Lameguo e decalraruo
que no di°. luguar mo raua hum
Cirst[?] nouo por nome guaspar
roiz. i dade de ssinco en ta anos
pouCo mas ou me nos homem Cazado
e com sseos filhos e vjve com tarto
de la uouras Com bois e guado e tera
de sseo duzentos mil reis pouCo
mais ou menos des te Cirtamnouo
fis esta ceixa ha dito por ssua
boCa Como Cos ta de|s|tes temunhas
que perzentes se aCharam e dis
que lhe fola odiaboahorelha ters
uezes no dia e madis quenuma oCazi
am que leuo huma ssanta perassua
Caza e pedio onicho dassa na for ma
donde esta ua naigeija e os uizinhos
não lhaquizeram dar e le disse que
tomari lho dassan ta eoCeimaria
e mais pelo que dis a pos to ral que ssem
esta ro em do as hunhas per pe toa mem
///
e dis que tem hum liuor dos judeos
que por ele ator menta os cjrtamas
uelhos em que dis que não há desser quei
mado o tal Cirstamnouo tem hum
filho por nome manoel mais uelho e[?]
que numa oCaziam uimdo osseo pai deCan
tor duma missa rezada dal deia do bispado
peleigou Com sseo pai omesmo filho e disse
que indo elea igoija não ado raua aus
ssantos que hera huma pouCa de madeira
eo Celriguo quereperzemtem teue hum
pouCo de de bisboria Coando estaua reuis
tido pera dizer missa e que hera huma
pouCa de carne e nou tar oCaziam botou
hum bosta deboj na meza de hum bamque

te e deixou a meza mal tartada e ou tors
sseos filhos que guonrdam as Cabars andaram
naCompanha assem ssado asCabarsCom
fogo disto tes temunhas agustinho da
Ssilua e ssua molher João Louremsso e f[?]
ssisco lopes manael fernades e todos os
mais dopouo oje 3 de abirl ssemi dita
Joseph de Carualho

///

em sserto dia perCurou odito guaspar
rodrigues sse lhe dauam deComer naem
quississam ajoseph deCarualho dian
te desseio pai manael lopes

(*)

-> Illmos sen horez

NaEntradadeste Mez deAgosto de 1701 – seme apresentou esta queixa
asima Referida dequedou Conta aeste Sancto Tribunnal, edou minha
fe q. conheço ser aLetra do ditto Joseph de Carualho. V.S^a. fará
o q. mais for seruiço deDeos. Montta ede Agosto 20 de 1701.

Do Commiss. do Sancto off^o. da Montta

(*)

Op^{or}. Pedro L^o. deCaru^o.

fl. 102

(data conjecturada: 1701)

->Braz Roiz. blasfem.<-

Bras Roiz. onrado homem m^{to}. balasfemo Contar deus
esua mam SantiCima dis palauras defamatorias ejur a
pelo uemter damam dedeus epela fersura dauirgem noSa
Senhora epor todos os Santos eSantas doSeos eque orenegua
de todos os nenbros daigreia e que não tem deuer Comdeus edis
publiCam^{te}. que não ha no Seos enem natera quem poSa
mais doque he le edis publiCam^{te}. que tem feito pauto Com
o diabo p^a. sepor uar isto testemunhas Maria minhos
Miguel Rodrigues abilham + Manoel dafon^{ca}. isua m^{er}.
+ Maria daCosta. [??] + [??] + Juam Carualho
sua m^a. juão Carualho Sulteiro + etume Rodrigues todos
dames ma V^a. de Linhares

M^{to}. Illustres Senhores Inquizidores App^{cos}.

(\$)

Aos 7 dias deste prez^{te}. mez de Agosto paresseo perante mim Anna Hÿeronima de Pr.^a filha de Pedro f^{az}. dos Caluos, e por ella foi dito, edenunciado que em oseu Cazal uiue hũa molher que se chama a Retirada natural de Cardigos bispado da Guarda, de quem ella denunciante ouui dizer aseu irmão Pedro soltr^o. f^o. do d^o. Pedro faz. que aquella ditta molher dera feitissos ahũ Estalagadeiro de Cardigos, eq. isto ouuira elle dizer amolher dod^{to}. Estalagadeiro, aqual por Conselho dealgũas pessoas se fizera m^{to}. amiga da dita Retirada, ea amimaua mto. p^a. q. ella tirasse os feitissos a seu marido, eq. Con effeito sarãa sendo que hauia m^{tos}. tem pos andaua doudo sem fazer uida comsua molher, antes a a pedrejaua, easeus filhos. Eque tambem ouvira dizer que quei xandosse hũa molher nos Caluos que se lhe sequara oleite eq. não podia criar oseu filhinho, respondera a Retirada que mandasse chamar, ou fosse falar com Com Maria Antunes molher deJoão Gonsalues Maÿo, eque teria Remedio porq. adita molher som^{te}. opodia fazer; aqual sendo chamada pegou em opeito dad^a. molher elogo lansara leite, sendo q. de antes lansaua sangue em lugar de leite. DeClarou mais q. as ditas duas molheres de nunciadas tinhão algũa suspeita de serem bruxas, ou feitisseiras. Edice q. daua esta de nunciacão nauer dade, ede mandado deseu Confessor; epor ser molher asignei deseu Consentim^{to}. Sertãa deAgosto 7. de170i

(*)

OCommiss^o. Lourenço Dias Salgueiro.

(\$)

En o sobredito dia paresseo perante mim Ignacio farinha do Cazal dos Pombos termo efreguezia desta V^a. epor elle me foi q. hũ Domingos Manoel do d^o. Cazal queixandosse do tempo dicera q. era tempo do diabo, esendo reprehendido dehũa

///

Dehũa molher q. lhe dice q. não dicesse tal Couza porq. otempo mandaua Ds. Nosso Senhor, elle respondeo q. Ds. não mandaua tam mau tempo, eq. só oDiabo mandaua aquelle tempo.

(*)

Aos 9 deAgosto medice Margarida Manoel molher de Manoel Gomez deRebocho termo e freguezia desta

V^a. que ouvira dizer a Pedro [??] de Quintana
freguezia de Sernache de bom jar dim termo desta V^a.
que seu filho Pedro falaua Con Deos, e Con a Uir
gem Maria nossa Senhora quando elle queria, e que
hia a Roma, e a Hyeruzalem quando lhe importaua
e que daua esta denunciação por Conselho doseu Confe
sor. e por ser molher asignei dese consentim^{to}.

Lourenço Dias Salgueiro.

fl. 286

(data conjecturada: 1701)

Cazou P^o Correo Soldado deCavalo Com Joanna Machada <com> Suposto nome de D. Cipriana deSouza, esta se fes viuua de seu primr^o. Marido João Soares daMotta, q. não consta morresse ese presume viuo.

(*)

Porq. estes juntarão hũa suposta certidão [???] daCaza da Miz^a. q. viera na lista do Hospital degoa dos soldados q. morrerão hidos na Nau Sacram^{to}. em Julho de 1690 emq. Constaua falecer João Soares da Motta f^o. Do Cap^{am}. M^{el}. Soares da Motta ede Maria De Mattos de Cascais esta se conuençe porq. [???] consta estar na prizão em 12 de Abril de 690, eq. foi alistado na Nau Cabria e por f^o. De Niculao Soares da Motta, ede fran^{ca}. Dos s^{tos}. consta [???] p^{las}. t^{as}. Lazaro Vieira am^{er}. doCirurgião An^{to}. da Sylua e seu f^o., e Hyeronimo Antunes esua m^{er}. q. porparentes darão todo o [???] conhecim^{to}. etoda a freg.^a do Socorro (.) e consta q. foi na Nau Sanctiago Major em Abril de 690 e ficara em Mosambique enão chegara aIndia test^{as}. [???] João Piloto da carreira que foi nessa o cazião eahi odeixou eaCarta [???] q. esCreueo a seu Mestre An^{to}. da Sylua suposto [???] podem certificar aviua dodito An^{to}. da Sylua eseu f^o. eHyrm^o. Antunes, enão na Nau Sacram^{to}. como dizem.

(falta o fôlio seguinte)

fl. 290

(data conjecturada: 1701)

Sr. An^{to}. daSilva.

(*)

Parti deSsa Cid^e. de L^{xa}.

Como qm. Partia p^a. a

outra uida, Sendo

q. foi Ds. seruido Con

ceder me the opre

z^{te}. saude, aqual fica

á ordem deVm. ede

minha[??] Izabel

M^a. aq.m. meReComen

do Com milhares de

Lembranças ea An^{to}.

ea seuIrmão faço o

mesmo.

Eu Sr. fico por Cirur

gião Mor destapraça

de Ma Zam bique, qCo

mo nella achei a Luis

Nunes fico com melhor

uontade, opartido he

bom, seDs. meder sa

ude empouco tempo

ajuntarei cabedal e

//

Com oq. demeu tiuer seruirei aVm.

Como estas Naus não estão aqui mais de 8 dias

não poSso fazer oq. dez^o. peSso mto. aVm. me Re

meta por uia de Luis Nunes, ou em meu no

me. hũa duzia de Agulhas de pontos de toda

asorte, e hũa tezoura deCirur gia pequena

q. eu em apr^a. embar cação Remeter ei oCusto

detudo ficando sempre m^{to}. aoseu cervico

///

e meia duzia de

lancetas, efie Vm.

em mim aCorrespon

dença, pesolhe

m^{to}. memande boas

nouas suas ede Luis
Henriques e de sua
m^{er}. edetodos os mais
q. demim quizerem
saber ede todo este
enfado lhe pesso m^{to}.
perdão efico asua
ordem aqm. Ds. g.de
Maçambiq [??]
[??]
(*)
OCapp. De Vm.
João Soares daMotta

Inquisição de Lisboa
Cadernos do Promotor
Caderno 75, 1696-1710, Livro 269

fl. 17-18

Senhores

(*)

(*)

Em 14 de maio ui aeste santo tribunal depor na forma da bula que selle no prº. domingo da Ca
resma em Como me sosedeo o Cazo seguinte
que tendo huma filha por nome antonia
deidade de 7 pera 8 annos mandoa
c hamar hũa tia minha pornome Cateri
na Sa lerna por hum moso pornome
M^{el}. o qual moso esta nas partes do bra
zil e estando eu reco lhido naminha
Cama eminha molher fui eu eminha
Mulher Com a dita filha Antonia e esta
ua a dita Caterina salerna em huma em
hũa Chimine com hum genro seo por
nome Joseph gomes Carpinteiro ehu
ma filha donzela dadita Caterina
salerna pornome Luiza eotra
filha pornome Joanna e huma uiu
ua pornome na tar ia a qual esta
ua Com hum a si d ente sem
fala e a dita Caterina salerna
pegou na dita minha filha an
tonia e lhefes por o dedo polegar
na testa a dita nataria que esta
ua com o a sidente e eu Como seu
pai ui o dedo damenina tamtorto
geu lhe dice que lhe não carregase

///

Munto geu lhe podião quebrar uendo eu isto
pre gunteilhe a dita CaterinaSa
lerna mai da dita nataria que es
taua Com o a sidente quem lhe em
sinara a quilo respondeume que
Maria deoliueira estaua tambem
prezente Maria salerna que he
prima das ditas o que succedeo de
tal siremonia foi ficar adita na
taria sem os a sidentes geu

tinha e a minha filha Antonia
fiCou comos a sidentes que lhere
petirão por mais de seis mezes ese
foi Com somindo a te morrer [??]
eneste mes demaio fas dois annos
geu susedeo isto e de pois deeu
uer minha filha morta dando con
ta <a hum> familiar deste santo officio medi
ce que logo uiese perante VS^{ras}.
A de nusiari deste cazo e queixan
dome eu a gora de proximo depois
deuer minha filha morta negarão
que não diserão que a dita maria
deo liueira lhenão em sinara isto
e geu disera adita maria

///

salerna sua prima esobrinha que
hum genoes lhe em sinara eindo
o padre pedro teixeira Chaues aCaza
dadita Caterina salerna lhedise
que eu entarua em esCurpolo
euinha denusciar deste cazo come
sarão a gri tar comelle elhedise
rão que hum sobrinho dadita ma
ria deo liueira lhe en sinara isto
Almada 17 demaio de 1706

(\$)

Mel. daCunha

fl. 206

(data conjecturada: 1706)

S^{nor}. Meu emquesezedor mor pro ser hü
home merquador que an
do tartando de minhau
dape lo mundo cheguie
acaza de jozecoreia do
uale morador nasida
de dagoaruda o mesmo
dito joze coreia que ahi
uiue cazado q. ele he
cirstam nouo detoda a
sua jerasam e leme
mandui dietar em hũa
cama donde tinhaan
ter o co li cham e o xa
ragam hũa ceristo m^{to}.
matartado por meaCha<r>
rijo olhei o q. herauen
do <o> que hera tomei tal te
mor que pela meianoite
f[?]ui de caza

//

e uin do eu com animo de hir a he sa san ta caza
dar parte auosa senhoria me dei tal mal q.
fico de sete sangir as na cama se deos me le
uar p^a. si quero das parte auo sa senhoria se de os
me dexui da hie de hir ae sa santa cazacoan
do uosa senhoria o mande porCu rra ele não
este janatera o pode Mandar porcuarra
pelo por uosa senhoria me pordoi e por não
poder esceruer mais serto queestuo m^{to}. acha
quado des o mil de seruo desa caza santa
oje sinco de nouenbor
Matheos Moreira

fl. 193

Emlutrisimo senhor

(*)

por des Cargo deminha consiensiã
denosio ao tribunal dosanto ofisio
oseguinte

(*)

primeiramente huma es Craua por
nome M^a. serua de An^{ta}. de madu
reira veva que ficou do lesensiado
jozep eerira de miranda Medise q.
tinha prometido asua alma aodi
abo quando morese e que odiabo lhe
Disera que emquamto fose viva
não trate da fe de deos senão dado mes
mo de monio e que este lhe dava hum
es Cristo Com hum bo Cadinho de fita por
prenda eque tudo o que esta negrao
bra ofas porordem domesmo diabo
pois não reza nem fas autos de Cris
tam e quandose Comfesa Cala sem
pre a uerdades esem predis menti
ras estas eem tem ta emfor Car e es
ta mesma me Com fesou q. queren
huma noute ter auto de zonesto omes
mo de monio lhe fes bus Car hum
omen, [?] tudo o Referido pasa na
uerdade eujuro a os santos euange
lhos que asim modise thomar 6 de
Marso desetesentos edois

(*)

An^{to}. daCosta

fl. 199

Illis^{tros}. Sr^{os}. fa so presente nese s^{to}. tri bunal em Como op^e. Pas.
Choal Alues de Mattos Cura nesta V^a. dos Emuen
des priorado doCrato dise a esta são da missa do
dia em o do mingo i6 de dizen bro dise q. nin
gem podia em trar no Ceo sen furtar o alheo
etornou arepetir q. ningem entraua em oCeo
sem ter o alheo furtado, e mais dise q. antigam^{te}. auia
hü bar baro q.ti nha huma Ley^sta. equem lhanão
guardauea lhe daua por Castigo por lhe aboCa
na boca de hü morto athe asim aCabar auida
eestas Couzas lheforão m^{to}. estranhadas poresta
rem presentes Clerigos Como erão oP^e. João Alz.
e o P^e. An^{to}. Alz. de oLiur^a. esCreuão do eClezias
tiCo e m^{tos}. seCullares. tam bem me dise M^{el}. frz.
do montinho desta freg^a. q o dito p^e. Pas Choal Alz.
Sabia huma orasão p^a. aluntar riquezas e q. o dito
p^e. roguara a algumas pessoas q lhes em senaria
a orasão p^a. serem ricos eComo as Referidas Couzas me
paresem es Candalozas e o dito p^e. tem dito em m^{tas}.
oCaziões. herizias, e tem nesta Igr^a. hũa pastoral
do s^{to}. Off^o. p^a. se ler a pr^a. domingo daCaresma
eoanno pasado anão quis Ler p^{lo}. q. detudo dou a V:
Illus^{tras}.

///

A VV.Illus^{tras}. Comta p^a. q. dis ponham o q. lhes pareser
eme mandem em q. o bedeso e siruo a VV:

Illus^{tras}. q. Ds. g^{de}. Emuendos 14 de Ianr^o. De 704

(\$)

Cria do esudito de V.V. Illus^{tras}.

(\$)

Ocapp^{am}. João de Mattos famalliar do s^{to}. off^o.

fl. 213

(data conjecturada: 1706)

S^{nor}.

(*)

D^{os}. frz; Perdigão; f^o. defe

liPhe lopes; m^{or}. enatu

Ral da v^a. do resmaninhal

Com^{ca}. de castelo Branco Bis

Pado da guarda na, v^a. de

segura da mesma com^{ca}. no

Mes de dezembro Pelos 10 dias

do d^{to}. Mes Pouco mais ou menos

uin do osobre dito. de cas te la

com hũa negra na d^{ta}. v^a. se fes

famaliar do s^{to}. ofi cio isto

man dan do o Prender [??]

q. se cha mão; João Marqes gar. da

v^a. deseguura

e testemunhas os sargentos

q. ahiasistião e ciuis Mel. riz.

liandro e mais das Pessoas de

se gr^a.

(*)

Mais este mesmo se fes famaliar

em outra oCazião uindo de Lx^a.

No Panas co zo q. pedi aoiuis

q. da p^{te}. do s. officio lhe de

//

se Pousada is to test^{as}. fr^{co}. M^{iz}. m^{or}. nasarsa q. uinha com osobre

dito de Lx^a. e oes talagua dei ros do Panas cozo e juão sanches desta v^a.

e he m^{el}. frz Perdigão dis q. tem hũa feiticeira con quem fala

elhe Pregumta equetem sosedido assim ele como seu Pai e ir

mãos testemunhas disto q. odise nacasa da camara do resmani

nhal na audiencia Publica M^{el} dias aParico M^{el} juão uina

gre e M^{el}. folg^{do}. tonelo e simão diz. e M^{el}. vas da breu e

M^{el} nogr^a. estas são as firmas do que eu fiz e Por meParecer q.

se fara m^{to}. seruiso a des. dou P^{te}.

M^{el}. Dasilua

fl. 218

Astreze domes de agosto de 1702
Na igreja de São Francisco da
terra da Vila de São Tiago de
Cassim estando a Missa todos os
vezes do nosso parochio apoten-
tado o D^{tor}. domingos dias da
função estando dando a Co-
munhão a algumas pessoas q. ti-
nhão Confissão lhe Cahio hu-
ão parti Colla das Maos ou por
desastre ou por Malissia em
Cham e a Codindo o sanCristam
Com hũa toalha p^a. alinhar a
donde Cahio eo Sacerdotis lha
não queria aseitar so mentes
lhe pediu hũ trap^o. ou hũa Rodi-
lha suia q. não queria suiar

//

atoalha por testemunha deste Sacrilegio
M^{el}. Rodrigues q. he o mesmo sanCristam
e Mariana figueira emaria pires e iSabel vas-
e Lourenso gonsalves e Como tambem pedro
deoliueira dandolhe conta ao mesmo sacer-
dotes por outro seminhantes saCrilegio de
hũa pessoa doq. ele fez pouCo Cazo e por não
queremos cahir em hũa escominhão assim oda-
mos a saber a santa enquisição o mesmo sa-
cerdotis notras enLisados por nos dizer ja emoutr-
a a Cazião q. as palavras de Jesus emaria e joze q.
herão palavras do diabo eq. ninguem as diga
Como assim nos anda dizendo q. não ha mais
oraios q. o padre nos e a emaria q. todas as
mais são oraios do diabo

///

Aos Senhores em qui-
zidos do Santo do
Santo Officio g^{de}. Ds.

(*)

(*)

Lx.^a

fl. 351

s^{nor}. R^{do}. prior avm.
Como comisario do s. officio
damos conta como joão do
Vallefilho de An^{to}. do
Valle Caldeira desa
Villa deCouilham
dise amim ea An^{to}. fra
gozo eaMartinho fra
gozo seu jrmão neste
Mes de Março nessa dita
villa de Couilham que
tinha pacto Comodiabo
o qual oleuaua aonde
elle queria ir eque ja
fora ao jn ferno eque
vira oquella se pasaua
e que tinha mandinga
sCcripta Com letrasver
melhas a qual soom^{te}.
lhe valia para denoute
porem quepara se livrar
de pelejas ebulhas dedia
oque lhe tinha ensina
do odiabo outros Reme

//

Remedios quais eram os que lhes mostrou em hüns papeis
sCriptos Com hüns nomes que nam os sabia Eu ler e tambem
que sabia Remedio para as bruxas nam emtenderem Com
humapesoa e que sabia Chamar os diabos emandallos buscar
tudo aquillo queelle quizesse e que os diabos faziam oqueelle
lhemandava Vm. sera servido dar comta aos senhores
inquizidores se lhepareser D^{os}. g^{de}. Vm. pera boa
15 de Maio de 1708 servo de Vm. An^{to}; Lopez
os denunciantes são estudantes naturais e
moradores do Lugar de Peraboa eo Denunciado
he hum mentirozo Conhecido pertal; e Peraboa he
tro. desta V^a. deCouilhaã

fl. 494

(data conjecturada: 1708)

MeuS^{or}. Vay o papel q. v.m. me dise Em q. Relato
nauer dade oq. sey sobre asuplica q. de Clarey av.m.
da quela molher por nome Isabel dos Santos segunda
feyra q. seContarão tres de Junho detarde aolarido q. fi
serão os meninos na Rua chegey ami nha genela eui es
tar pendente dagenela abayxo omenino Jesus preso Com
hü laso não sey se hera pelo pes coso ou pela sentura então
ui quem otirou porẽ hontem q. forão quatro do CoRente
de menhã atal mo lher sequeyxou de quem oauiatirado eda
mesma sorte otor nou a lansar dagenela abayxo esobreis
to dise m^{tas}. paruoises cha mando ebreos emetendose em
falar na payxam emorte de christo s^{or}. noso mesturando são
Pedro com pilatos hūas inbrulhadas q. meresia hūa mor
dasa efinalm^{te}. omotin dos Rapases afiserão calar cha
mando lhe m^{tos}. nomes edisendo q. in for cara ome nino Jesus
tudo isto susedeu publicam^{te}. como dira auisi nhans a esta
mo lher sēpre tratou Com gente denasão eser uio de Cosi
nheyra a hü fr^{co}. dias de leão q. hera christão nouo ele moReo
Embeya eella ficou emsua casa easim Como teue nouas
q. hera morto veyo apor ta da Rua Com hü cader no grande
demeya folha q. paresia hü feyto elhe pos ofogo Com hü
pau namão p^a. dar nos Rapases q. querião tira lo mey o quei
mado não me pareseu isto bem por q. senão tirou ate ouer em
sinha a porta desta mo lher he Conhesida por q. os oleyros lha
tingirão por Sombaria pelos Reis Com aquela-tinta Com q.
tingem os pucaros p^a. aacharẽ amde proCurala pela me
nhã sedo ate as seis oras por q. uay pela menhã p^a. fora então
uem senão m^{to}. tarde e tam bem tenho uisto esta mo lher <do> q. ui
osantisimo sacram^{to}. fe char agenela emetese p^a. dentro
Com isto {tenho} tenho dito oq. sey desta molher eu meuS^{or}.
Sou Irmã do Prior datalaya q. he comisario doS^{io}. officio
Manoel deResende Botelho Eu D. M^a. An^{ta}. deResende

fl. 541

(data conjecturada: 1708)

MeuSr. dasaude q. vm. posoir farei aestima
Cão que deuo aque nosso senhor lheConCerue com
os an nos q. vm. dezeja enConp^a. das cenhoras irmãs
minhas senhoras Con bonas no uas doSr. pedrodesouza
MeuSenhor perdoeme vm. estade
mazia mas Como op^e. Berto lameudaCosta
q. he hü p^e. honrado ejozephem^{el}. dapai
xão eoutros m^{tos}. medicerão Corria enhüa
exComunhão quen souvesse o q. av.m. quero
mane festar e não desse conta i porisso ofa
Co pois to dos di zen q. eu q. tinha sido familiar
de hü Senhor enquizidor etinha mais conheci^{mt}.
eq. mo dezia efi cauão des en Carregados ehe
q. hüa An^{ta}. m^a. mulher de An^{to}. deSouza esta
ligadeiro destavilla seamancebou Cõ hü M^{el}.
de prates eCo mo o marido teue noti cias quer exze
Cu tar Cua pai xão lhe fizerão tais inredos
Cõ hü anel e hüa pineira por modo dizen q.
defei ticos q. en du zirão o pobre adizer
não falaua Cõ elle Cenão Com hüa molata

///

e tem es ta An^{ta}. m^a. hü santo i no fre atras daporta
Con os pes parasi ma a m.tos. annos dizen q. he p^a. fa[?]
poraquelle modo tudo o q. quer e m.tas pesoas simpel m^{te}.o pen
di reito e logo o pen p^a. oseo Cõ as pernas e testemunhas
o seu Cazeiro frutozo pr^a. e o seu Criado João filho dop[??]
deal Cunha amulher de m^{el}. daCosta e margarida sua mo
llata q. foi em^{tos}. q. sendo nececarios aparecerão esobretudo
o sair no auto opai delle An^{to}. desouza e Cõ iste a
uizo fi Co des encarregado e per doe v.m. q. Como me Corre
es Crupullo e não cey o q. auia defazer molesto v.m. Cones
tas Regras Criado de vm. hoie de 8^{bro}. 9

(*)

Bras Crr^a. deMag.s.

Inquisição de Lisboa
Cadernos do Promotor
Caderno 77, 1703-1713, Livro 271

fl. 11

Meu S^{or}. essa carta seme entregou
p^a. que euaRemettesse aVm.; epello
que infiro he materia releuantepor
ser de[???]e como semedis he hu
ma couza das mais raras, que seuirão
[???]des econtarão os a[?]ais easim
quep^a. odezem[???] entregue Vm. essa
carta por q. eude zemCarrego minha
conciencia nadeVm. comoRemeCa <metida>
p^a. que Vm. aentregue uayoRe
que Como Vm. la he dedentro lhe
compete tambem aVm. [???] uida
Ds. g^{de}. MonS^{to}. 1 d. 9bro. d. 1711
(*)
Seruidor de Vm.
João Soarez

fl. 59

PorSer necessario Constar no S.Officio seJozeph
viegas soldado deCualo, heCazado eRece
bido emfaçe dealgreja Comhũa filha doque
bratelhas deCaparica, senosofferece emco
mendar aVM.tomeportrabalho informar
ce emq. freg^a. hemorador o d^{to}.quebratelhas
[???] cazado senelle seacha
oaSento dod^{to}. Recebim^{to}. ou informarsecom
cautela do d^{to}. Cazamto.; e onde se Receberão
edo d^{to}. aSento remeternos Certidão com
avizo da informação q. se achar [??]
[??] Seguinte desta Carta
Ds. nosso[?] gde. aV[?] Lx^a. [??]
[??] 29 Agto. 1711
Franco.Ca[??] Figueira Manoelda CunhaPin heiro

fl. 62

(data conjecturada: 1711)

M^{to}. estimei deuer os dias passa
dos as Letras de um. pois nellas
ui pallaua vm. De saude
aqual Logre vm. por di Lata
dos Annos De uida; aq.me
aCiste ahinda he Cortindo estas
regras pra Leitas q. todos os dias
me da[?] mas Sempre as suas
hordens;

(*)

S^{or}. Contaraome hü cazo q. tem
suçedido em o Lugar da telha
em a Igr^a. de S^{to}. Andre eCo
mo mo pareceo tam mal aCon
celheime Com algunsReLigi
ozos emedicerão q.auia dedar
conta na menza do s^{to}. off^o. e em
este meio tempo não pude esCre
uer e hindome Con fe çar e dan
do conta doCazo menão quis [???]
laer oConfeçor dizendome q. [???]
[???] Com fe
caria [???] uem aCer
oCazo.

emo d^{to}. Lugar ha hu homen
Por no me Paulo Pr^a. o qual
dizem todos por huma [???]
q. he homen de nação e este
o fizerão proCurador dad^a.
Fgr^a. E empedia a hum cle
rigo por nome o P^e. M^{el}.
Monteiro oq. não diCeCemica
em ad^a. Fgreira oqual padre
dizem q. tirou huma Licen

(falta o fólho seguinte)

fl. 74

Illmos. Sros.

(*)

(*)

Luiza M^a. veuva de Dos. [??] mo rado<ra>
na freg^a. de S ju lião âRua da parreiri-
nha <a> tras d S ju li ão etem em hũ andar das
mes mas cazas em q. viue hũ uezinho porno
me Henrique luis de naÇão fal men go que
dis ser Ca to liCo Ro mano Cazado com thereza
m^a. esta dise â so bredita luiza maria q. o
dito seu marido a fir ma ua Com temeroria
o u zadia q. o peCado de nosso prim^{to}. Pai
A Dam não fora o do po mo uedado
mas sim em correr no pe cado n e fando
ex primindo por pallavras mais escanda
lozas e q. os pregadores por o não decalra
rem dizem ser pella pro hi bição do po mo
eoutro sim q. o d^{to}. Henrique luis comnota
uel i reuerencia a fir maua não sede
uerem as i magens dos santos tratar com a
ueneração q. os Ca to liCos Cos tuma mos
tra tando estas materias com palauras
menos reueren tes ees Cru puli zando a
dita lui za maria Como Ca to li care ligioza
christam mouida do zello da fee e a conselha
da dos seus con fe ssorres fas a prez^{te}. denun
ci a ção aVossas I lus tri simas Senhorias
ese a ligna Lx^a. 13 de ou tubro de 1711

(*)

luiza maria

fl. 80

(data conjecturada: 1711)

[??] o Vigr^o. d.S. Paulo com este papel
aculpa do Apprezdo. he fazer da [??]esen-
tar ao demonio emq. dizia prometo a o
demonio hum membro domeu corpo
se me alcansar tal mulher elogo ras-
gou os d^{os}. escritos em persistir na[??]
[??] com o esta apprezdo. E o Vigr^o.
Oabsolueo, pareceme q. não temos per hora
q. fazer mais q. esperar [??] p^a.
seruido porq. Suporto operigo emq.
esta poder selhe ha aumentar se
agora emandar ouuir [??]

fl. 168

(data conjecturada: 1711)

[?]ida a Denunçiante p^a. fora
forão perguntados os d.os denunciantes
selhesparecia fallava vontade, e
merecia credito, eporelles foiditto
lhesparecia fallava verdade, eme
recia q.odito [??] assinar
Comod^o. Sr. Inq^{or}. fasião Bernardes
[??]

fl. 207

(data conjecturada: 1710)

P^efr. M^{el}. de P^a. Solicita

(*)

francisca de oliueira solteira moradora nesta
U^a. as portas de São Fr^{co}. Como elle de Clara:
Por mandado de seus confesores de Clara que
hũ religiozo do Carmo, que ouuio dizer ser
filho de Lx^a. o qual se chama fr. M^{el}. e a sis
ti em a Zeitão em caza de hũ [???] informando
me a Chei ser o sobre nome de S. Pedro: indo ella a Con
fesar no meio da conficão lhe peguara nas maos e
lhe disera que falaria com ella então disse mais e por
não saber ler nem escreuer me pedia fizes e esta deClaracão

Manoel Jorge Merchante Natural e morador em V^a. freguesia de Azeitão che, ^ por liura asua conciencia, e por mandatto de seu confesor, de Clara que a 21 de Julho deste prezente anno, Vindo do moinho do capitão Thomas da Silueira, etrazendo Com sigo hüm mosso por nome fr^{co}., ap in po por alcunha, com hũa burra tomando elle declarante p^a. hũa sua uinha, quando tronou o caminho a chou oditto mosso rettirado do caminho, por de trás de hü [?]elado em hü oliual da condeca da feira, junto a hũa uinha de este uão Peguado junto hüs Marmeleiros,; o qual Mosso achou com a ditta Burra de zen fan dando se com ella oudromindose com ella,; e uendo isto o repredeo, [???] m^{to}. oque não disse nada,; e que qChando <se> do cazo lo go no mesmo luguar, foi o uido de catherina da costa, a qual <he> moradora em aldeia dos Castrinhos, ca zada com Pedro Simois,; fazendolhe a ditta pergun ta da sua Pachão lhe contou o cazo sosedido,; e o ditto capitão thomas silueira, no mesmo so,fragante, me aConsilhoude se logo contra o Parico e fazendo o ditto Parico me mandouo que sastifaco,; e o ditto Mosso he criado de Pedor Antunes [???] ditto Parico freguezua S Simão, e me pedia dese logo conta, e não disse mais que [???] 29 de Julho de 1710 Setuual

Mel. Jorge <de>Mathos

fl. 336

(data conjecturada: 1710)

A Madre M^a. Xauier Riligioza
no conuento de S. Martha re-
prezenta a uosa Sra., tem
q. de por nessa meza e por
q. a grauidade do negosio eo meu
estado pede toda acautela no
prusidimto. dele peso a uosa
S^{ra}. se queira siruir de mandar
hü secretario desse tribunal
a este Conuento sem q. ca
se entenda q. he pesoa pe
rtensente a o santo o fisio p^a.
q. eu por sua uia Comuni
que com uosa Sra. o modo mais
comuiniente p^a. se me tomar
ode puim^{to}. sem auer leue
suspeita nesta caza deq.
eu tiue negosio nesse tribunal

(*)

Umilde siruidora de uosaSra.

(*)

Soror M^a. Xauier

fl. 374

(data conjecturada: 1710)

(texto sem o canto esquerdo)

Jozepha M^a. f^a. cazada na[??] uem
[...] f^a. de hũa lauadeira {...} m.r^a. [??] Olaria
[...]ndo p^a. [?]mente dedizerq. hauia deobir-
[...]entade de hum homem com alguas
[...]uperticoens istodenuncia Jozeph Ferz.
Alferes do Regimto. de P^o. [??] Cabral
mer. maria dos Conegos edeme[?]mo
[...]pcia [??]enteada.

Inquisição de Lisboa
Cadernos do Promotor
Caderno 80, 1699-1714, Livro 273

fl. 185

M^{tos}. Illustres Senhores

(*)

Hua Religioza do conuento
de São D^{os}. das D[??] desta
Villa Soror fransisca da Roza
me enuiou a carta junta p^a. q.
fizesse presente a esse S^{to}. Tribu-
nal a denunciação q. era obriga-
da fazer; e como na dita carta ex-
plica as sirc[??]as merezo-
lui enuialla p^a. q. V.III^{mas}. orde-
nassem o q. lhes parecer e[??]
[??] em q. lhe obedecer santarem
15 de Maio de 1714

(*)

(*)

(*)

Umilde seruo de V.III^{mas}.

(*)

(*)

O Comissario

Niculao de Moura Negrão

fl. 186

S^{nor}. [???] vigario huma mosa
q. esteue neste conuento edele
se foi Curar fora de hüs acsiden
tes uturinos, pornome margarida
freire assistente agora emal
meirim emCaza de hum fereiro
q. Cha mão M^{el}. Cordeiro, creio apor
ta deste Comuento emuinte eou
to deabril a falar com a madre
priorsa eComa madre marian
na dananzare eCom m^a. de s. jo
zeph freira Conuersa edise a
todas tres q. oseu aCaque eram
feitisos eq. sabia qm. lhosdera por
q. osfeitiseiros q. a Curauão lhe
mostrarão osugeito emhuma ba
sia de agoa destas tres rreligio
zas huma delas pornome mari
nna da nanzare asima ia nu

//

[...]iada [???] publiCando portodo este Conuento, pareseme tão mal
[...]to q. mepareseo emCaregaua aminha Consiensia seo não denusiara
[...] vm. p^a. dar Conta aosanto ofisio, se vm. emtende q. estou obrigada
[...] denunsialo Como Catholica pode fazer aseitação dela ese emtende
[...] não estou obrigada não aseite vm. q. nas maos devm. saluo a minha
[...]nsiensia cuja pessoa oCeo g^{de}. [???] onze demaio demil sete sentos
[...] quatorze

Serua devm.

Soror Fran^{ca}. da Roza

fl. 270

III^{mo}. S^{ro}.

Eu soror Francisca de Vilhena Novica em
o Conuto. De S^{ta}. MoniCa desta cid^e. de Li^{xa} f^a.
do Parteiro Mor Jozeph de Mello me vejo o
brigada em foro de minha Conciencia e por
de Claração e Concelho de qm. me Confessa
adar p^{te}. a V. S^a. Como Comefeito hadou pores
ta Crata es Crita e assinada da minha mão
e lhedenuncio Como hauera tres anos pou
Comais o menos estando eu em o Conu^{to}. desse
lla[?]s de Coimbra sendo iducanda e Confe
ssandome ahi Com o P^e. Fr. João Nicolao
por dis obrigação da Caresma da ordem des.
Bernardo este tal Confesor em no acto
da mesma Confissão medicepalauas de a
mores ssolissitandome Com elas algumas
uezes do que duo p^{te}. a V. S^{as}. como deuo p^a. des
Cargo da minha Conciencia g^{de}. Ds. a V. S^a. S^{ta}.
MoniCa 29 de Agosto de 1714.

(*)

Soror Francis Cade Vilhena

Inquisição de Lisboa
Cadernos do Promotor
Caderno 81, 1677-1710, Livro 274

fl. 326

Vejo oq. VS^a. me dis q. aceito como
conselho de tão g^{de}.tri bunal.
Não escreui como na forma prezente
por q. dando conta ao Commissario [??]
d[??] pinto, me disse tinha iada
do conta aVS^a. e o prouizor d[??]
por ser o Cazo publico.
foi o Cazo, q. hü mosso filho por nome
Antonio na tural desta cidade, epre
zo na Cadeia della disse, q. arrnegaua
de Ds., de nossaS^{ar}., de todos os Sanetos
dobaptismo, do leite q. mamara, e
da primeira camiza q. uestira, eq.
não cria em Ds. Isto disse publica
mte. dian te de m^{ta}. Gente, deq.são
testas. felipe Rodrigues Ca[??]
An^{to}. Godinho, M^{el}. da Silua, digo [??]
de Silueira, M^{el}. Roz., Simão Pr^a., M^{el}. Luis
de Alm^{da}., Jozeph Carrilho, todos pre
zos, na dita cadeia e outros mais q.
ali estauão. O[??] tem par te
de Cristão nouo; e nesta forma ade
///
AVS^a. p^a. q. faça oq. for bem
desta Alma e seruiço de Ds. q.
g^{de}. eVS^a. g^{da}. ede Março
28 de-694

fl. 327

Faço prez^{te}. aVS^a. em como por negligencia
minha, ou de quem me disse o nome do mosso
que disse as blas femeas, de quem de nun
ciei aVS^a. ou me engano no nome, por q. [?]
se chama M^{el}. Luis, e não An^{to}.;
Tãobem por me terdito o Commissario M^{el}.
de Araujo, q. ouuiradizer, q. odito mosso
tinhaparte de Cristão nouo, meenformei [?]
com fran^{co}. Luis de Alm^{da}. uezinho dos
pais dodito mosso, [???] Cristão uelho, E
de mais de 60 annos na tural desta cide.
aquoaal medisse era o mosso cristão nouo pellas
familas desta cid^e. e hũ destes dias medisse
[???] Luis de Alm^{da}. se emganara; dizen
do, q. não tinha nada das familas, q. oq. ca
zara com ofamilas hera hũ sentio D[??]
[??], eq. tinha os pais domosso por cristãos
uelhos. En tudo oq. nisso tendo errado foi
sem malicia, Easim pesso umildemte. Perdão
aVS^a. q. nossoDs. g^{de}. p^a. aumento da nossa
fêcatholica. g^{da}. de Abril 6 de 694.

(*)

om^{to}. Obediente aoseruiço deVS^a.

(*)

An^{to}. de Souza

fl. 662

(data conjecturada: 1694)

Meu filho Por Domingos
frz. deSeara Velha Resebi
hua uosa aque não Res
pondi porque João miz. Me
dise hia logopara esaseda
de e athegora não partio nen
partira agorae Pedi a[?]
[??] Miguel frz.quepello
mes de Dez me fizese es
taz Regoaz, emque Voz
peso Boas nouas uosaz
Ede minha filha aquem
Me ofreso Em Mil lem
brancaz Eu fiquo p^a. Vos
emcomendar a Dez. Com
saude Maz mto. afrigida
por oClerigo me apertar
com os testemunhoz p^a. que
fasa os Bonz dalmas pe
lo Meu homen dequem eu
não tinha noticiaz som^{te}. hun
[??] de pedreiro quedisse
falara com elle em palme
lla cazado eque Mudouho
[??] nome que-[??]-Chama [...]

//

uão Domingos pr^a. E agora doz. frz. [.] frz. [??] B[??]guar
e falai com elle emsegredo eque V[??] hua Consepsão
al[?] e fazei huã [??] de fig[??]asam com[??]
[??] das deComo he unico e [??]
justifiguasem d[??]

Inquisição de Lisboa
Cadernos do Promotor
Caderno 82, 1713-1715, Livro 275

fl. 36

Illmos. Sns.

(*)

Pola que tenho de Familiar dese Sto.
Tribunal e emtender deuo a vs.as.
dar pte. doca zo seguinte se me [??]
expresalo a vs.as. na forma quesuse
deo; ehe q. Bento lial sendo juis
ordinario teue humas rrezois com ogar
dião do conuento das uertudes por lhe
não com fesar sua mo lher e publica
mte. odito Bento lial dizem chama
ra algumus nomes aos frades e lhe
dise que comerião asmo lheres nosCom
fisionarios. e nodia seguinte fes
uir o escriuão e tirou testemunh[?]s
p^a. saber de oP^e. Frei Juaquim mora
dor no mes mo com uento tinha sul
si tado algumas noCom fisionario
as testemunhas foras asseguintes
pelo que mediserão, M^a. filha de
M^{el}. dias, e Anna dasilua e [??]
[??] cazada com luis dasilua e M^a.
Cardoza isto fes odito Bento lial
sendojuis ordinario enão mi
nistro dosanto ofisio esse Ben
to lial e as tes temunhas todos são
moradores nolugar das uertudes
termo da Vila de Aueiros deBaixo
e deste cazo poderão tambem dar
alguma rrezão Mel. dasilua [??]
[??] morador na Villa dazan
buja e os mais familiares dadita
V^a. vs.as. disporão da minha uon
ta de epesoa oque forem [??]
///
quesempre me acharão com [??]
uontade [??] asua [??]
diensia Ds. [??]
quinta de Valdapedra [??]
de 7.bro. 24 de 1714 an<d>

(*)

subditode vs.as.

(*)

Anº. Mendes Coelho

fl. 160

Dou conta aV.S. Em como João Pedrozo da Fonceca morador no luguar da zolaya freguezia de fr. s. das Uirtudes da Uentoza, e termo desta Uilla de Aldag^a. [???] [???] estiuera pello mes do S. João proximo passado em Porto de M[???] junto aUallada, e[?]hi se disse, q. hũ Medico cuja Molher estaua preza nos caseres dessa Inquicissão, se concrataua p^a. auer de Cazar, e dizendo alguas pessoas onão podia fazer por não saber se era uiua asua molher. Hũa Catherina Cabral moradora na Uilla da Chamusca dissera, q. bem se podia fazer otal Cazamto. Por ser ia falecida amolher do ditto Medico, q. estaua preza nos carseres, e quando se fes o auto da fe uio oditto João Predrozo, q. assi como o fiserá aditta Catherina Cabral assi era e Como elle sabe o q. oque se passa no S^{to}. off^o. se não sabe qua fora que deu esta noticia p^a. que adesse aV.S. Ds. nosso Sr. g^{de}. aV.S. Aldag^a. Mercianna 12 de Feuereiro de 1713

(*)

Subditto de V.S.

(*)

Francisco de Oliueira

fl. 336

Deus Noso Senhor de avm. m^{to}. a
legres terras comaquella [???]
filises Comq. vm. sedeseya eu comaboa sa
ude q. measiste fico m^{to}. serto p^a. servir
vm. em[???] oq. for deseua maior gosto
Senhor a[???] des dias poco mais ou menos q. desta
terra foi a hũa [???] o Pe.
Matias Pereira pinto edepois de estar daoutra
banda lhe fugiu emq. hia botando hũa egua [???]
[???] eo P. Matias pereira pinto sefoi [???]
[???] hũns pecadores eos Re
querio dapar te do S. oficio o fosem deitar [???]
elhe fosem aBater aegoa eos pecadores disse
rão q. por suporem q. o tal clerigo não leuaua or
dem Do S. Oficio lhe percuraram porella [???]
q. forão aonde clerigo os madaua porobedeserem
aordem Do S. oficio eantes deste Requerimento
tiuerão sua emplicação de Rezois eeu não deipar
te avm. mais sedo porq. ahapoco tempo q. o soube
ese for nesesario q. eu pesoalm^{te}. ua dar par
te disto avm. Com seu avizo irei logo obedeser a
vm. Deus me guarde avm. como pode [???]
[???] 22 deabril de 1715 annos
humilde criado de vm.

(*)

Manoel Coelho

Senhor Prior Bento de [??] Misqta.
Em esta minha freiguesia dolugar do[??]
[??] termo de celorico, deste Bispado dagda.
há huma moça por nome M^a. f^a. de Dos.
Joam ja defunto ede Maria nunes perola
de idade adita M^a. de cimcoenta annos pou
co mais oumenos dacoal senão dis bem que
sepresume saber arte magica Edixe adita
M^a. a frn^{ca}. filha de Joam dias ede M^a. luis
ja de funtos de Idade de desanoue ou uinte
annos q. ouuira AM^a. pero lla filha do
dito Dos. Joam ja defunto ede M^a. nunes
perolla e dixe adita fran^{ca}. solteira que
quem quisesse dar feiticos q. auia de dedeitar
os cabellos da cabeça e auia de hir a huma
em crusilhada eahi espalhalos athe q. apa
nhem orualhada etraselos e sacudilos emcasa
em algum uaso edos pingos sefasia embichos
os quoaes seauiam dedeitar ao soar daporta ou
poronde fose aquem os quisessem por q. em os
to cando pellos pes q. logo semirraria e morre
ria de feiticos eque os penedos tinham musgo
de tres c[?]st[?]s hum q. seruiam p^a. as mulheres a
borrecessem os maridos eos não quisessem outro
coito p^a. não terem filhos ep^a. setirar ouinho
osfigados de morcego, seios, edalos abebes, ames
ma Maria perolla dixe afranca. frs. mer. de Mel.
frs. alfahate coando lhe deo hum alqueire desen[??]
sentio [??] p^a. semiar q. lhe não auia denaser [??]

///

Se nacesse q. lhe não auia detornar grão e lhedixe
mtos. intre[??] dos quais senam lembra que lembran
dolhe oseo tempo os dirao M^a. solteira de idade de
uinte escinco annos pouco mais ou menos filha de Anto.
frs. alfahate edeanna nunes ja defunta dixe
que M^a. filha de Dos. Joam jadefunto ede m^a. nunes
perolla lhedixera queonde andaua asepor com ella
aopé dagda. dixeram a mesma maria perola A m^{er}. de
M^{el}. frs. alfahate que sabia mesinha p^a. as mulheres
não parirem emais lhedixera q. ninguem falase mal

Della, porq. lhe asopra oDemónio o ouvido, equelogo o sabia
 A mes ma maria alfahate dixe q. amaria sobredita
 f^a. de D^{os}. joão jadefunto ede m^a. nunes perolla lhedisera
 o orvalho das incrusilhadas posto no soar da porta p^a.
 Dar feiticos emais lhe dixerá q. ella Resara huma
 resa anossa senhora p^a. leuar o Diabo huma galinha
 A m^{er}. de M^{el}. fers. alfahate q. logo lha leuou elhe dixe
 mais q. lhe dixerá adita m^a. perola f^a. de D^{os}. Joam ja
 defunto {que ella} ede m^a. nunes que sabia mto. bem t[?]
 [?]ar ovinho equem o bebe p^a. nunca mais obeber etambem
 sabia tirar o tab[??] = dixe M^a. da Silua m^{er}. de Mar[??]
 mendes minha freiguesia q. M^a. perola f^a. de D^{os}. Joam ja
 defunto lhe dixerá que sabia [??] para tirar ouin[??]
 elhedixerá mais q. Joam alues meo freigues fora a
 Trancoso abotica buscar huns pos p^a. os dar abeber A m^a.
 f^a. de Joam Bastião edem^a. luis ja defuntos p^a. não parir
 Dixe mais q. am^a. perola sobredita lhedixeráq. coando se
 confessar deixaua o ódio aporta daIgr^a. ecoando uin
 Do se confessar otornaua atomar dixe mais q. am^a. p[?]
 ///

Que A m^a. perola f^a. de D^{os}. Joam jadefunto edem^a. nunes
 perola dixe hum alquei desen[??] a M^{el} fr. alfa
 hate elhedixe se era p^a. [??]enemauiá denaser
 <e selhe nacesse não auia detornar grão Dixe Mais a M^a.
 Dasilua Molher de Marcos mendes q. a sobredita M^a.
 perolla dixerá aM^{er}. de M^{el}. frs. alfahate uendolhe
 uma pita q. lhe auia de faltar e senão auia depasar de
 lla como defeito lhe faltou e[??] mais isto tudo
 emto. mais he publico enotario desta casa de M^a. nu
 nes perolla edesua f^a. M^a. falar se della e ningu[?]
 quer nada com ellas por presumirem terem artes
 p^a. faserem mal E [?] sobredito Vig^{ro}. Jozeph de
 pina [??] uendo hum Dia iugar hum seo. [?] por no
 me simão nunes e pasou sua mai M^a. nunes perolla
 Viuua de D^{os}. Joam jadefunto edixerá Agostinho
 [??] meo freigues q. jugaua comelle não queria
 ia iugar com Simão nunes q. não auia deganhar
 por coanto obensera ia sua mai M^a. nunes perola e
 logo iugou com odito Simão [??] M^{el}. frs. doliual
 meo freigues eganoulhe oSimão nunes cinco jogos [??]
 que eram sete tostois eporme parecer m^{to}. mal na
 minha freiguesia dou parte a VM. S^{or}. prior do Bara[??]
 que como commisario do S. officio destas tragedias por

serem contra a[??] fee etenho aduertidoomeus
freigueses q. sabendo quem fala mal notocante a[??] fee
que não tem mais tempo q. trinta dias e serão dir[??]
ciarem dentro delles não os podem [??] soluer os Comfesoires
porcoanto fica Reseruado aos senhores inquisidores [??]
//
q. he minha obrigacam o dar parteo faco Des. seisconosco
[??] dedezembro 15 de 1714

fl. 424

(data conjecturada: 1714)

Domingo da Paixão, que comumente se chama Domingo
das uerdades, pregou de menham nesse conuento da N.

Sr^a. Do Carmo, oque Fr. Jozeph de Jezus A[??] Comissario dos ter-
çeiros, enodis Cur [???]d[?] os ermão dise estas duas proposisoins.

1^a.

Deus não perdoa opecado do odio

2^a.

Deus nemde petensia absolesa pode sauar ahum
emuejozo.

Fr. Manuel da Esperança

fl. 426

(data conjecturada: 1714)

PorCum p ri Com os man damen tos da
san ta inquisi são dou par te auosa
S^a. de Como sei que o pe. frei An^{to}. da tri
ndade religiozo de sam fran^{co}. supr
iorda l de ade sam iuam su li si tou
na Com fĩ sam a hũ bas tardamin
ha por nome maria oano pasado
p^a de zo nes tidades heo sei porm
e Contar adi taminhabas tarda
he de tudo dou parte auosa S^a. per
a que o fasapre z enteaõ santo tr
i bunal deus g^{de}. auosa S^a. m^{tos}. an
nos Com seisam desdemarso demil
e {seisetos} ese te sen tos e Cator
ze seruodeuosa S^a.

(*)

Jeronimodasilua

Inquisição de Lisboa
Cadernos do Promotor
Caderno 83, 1710-1716, Livro 276

fl. 35

Meu Primo, e sr. Na noite
de 25 p^a. 26 de Abril no
terreiro do Conu^{to}. de s. fr^{co}.
desta Villa, fizeram em
pedaços hũa Cruz de pe
dra, q. hauerá 4, ou 5 an^o.
tinha mandado por Anto. Co-
elho Fr^{co}. notal lugar, on
de lhe matarão hem 8^{bro}.
hüns Mossos desta mesma
V^a., e tinha ad^a. Cruz, q. era
groÇa, e alta; nopeé hum
deNeiro. P^e. N. e Ave M^a.
p^{la}. alma de Luis Tauares
Coelho, q. aqui matarão se
us inimigos atreição; e
p^a. hauerá anno, ou oq. for,
seachou ad^a. Cruz em dois
pedaços poreu sentouCe
aquebraria o Vento, porq.
Então ofes grande, mas
agora nenhum fes natal
occazião, e porisso todos
sentão sefes de propozito,
matarão sesabe qm. D[??]
logo parte aos^{er}. [??]

//

q. manda ao S^{or}. Vig^{ro}. G^{al}. tire deuassa; e eu noticio aVm. este Ca-
zo p^a. q. parecendolhe ofassa prezente uossas srs. p^a. ordena
rem oq. lhes parecer ena occazião enq. oVento fez [??] dadit
ta Cruz em dous logo semendou Consertar Com betume eficou
de tal sorte segura q. agora não sequebrou p^{lo}. tal lugar.
Espero noticias de Vm. e occasionis enq. Lhe obedesa. Des. g^{de}.
a Vm. Couilhaã 8 de Mayo de 715
[??]

fl. 102

(data conjecturada: 1715)

Eu Fransisca Maria mulher Dozella deidade de
de trinta etres annos obrigada do meu confesor oPe.
Fris. Franco. daCrus morador no Conu^{to}. deSam B[???]
de Alcantara meponho aos pes devosas senhorias de
porando edando parte doque mesucedeo hauera do
is annos pouco mais ou menos efoi que hindo hü dia
a confesarme comomeu confesor nacapelinha do S^{nr}.
cardial honde costumão confesar estando ehü
dos confisionario confesando o P^e. Fris. Jacome da Pai
xão porteiro domesmo conuento depois deaCabar hu
ma confição mechamou dizendo agente que estaua
prezente medeixasem chegar eu cuidando meque
ria dizer dizer alguma coiza mepus deguelhos senão q.
[???] mepos amão nopescosso etoquou nos peitos eme
não lembra semefalou algumas mas palauras eu me
leuantei ecomo com o tal P^e. nunca meconfesei esó
sim pasei muitas uezes pela ocupação que elle tem
esim algumas uezes comalguma galantaria da
accão que odito P^e. [???] meconfesei mas não ade
uerti declarar ao meu confesor a circunstansia de q.
fora estando confesando enotal lugar metinha to
cado calei emtão agora deprezente que disto fis
memoria meconfesei emedise depuzese edese parte
aVosas senhorias equese sem iso menão auia de con
fesar porque eu era obrigada afazelo ecomo eusou
mulher donzela e estou na conpanhia demeu irmão
o P^e. Joseph Gomes dasilua euiuo com recolhimento
e pe[?]o natural sem ter Mais meponho aos pes deuosas
senhorias porestas regaras que escreuo easino eu
uiuo em a Vila do [?]lhar fregezia deSam Jozeph
adonde fui batizada esou filha deSebastião Go
mes de margarida dasilua ja defunta, Lisboa
em doze desetembro demil esete centos equinze
(*)

Fransisca Maria

fl. 109

Em 9 de 7^{bro}. de 715

(*)

An^{to}. Machado Lobão q. assiste em caza de D. M^a. Jozepha [???] de Almeida viuva de Luis de [???] per [?]ma do [...]. de Arroyos denuncia de hum clerigo cujonome não [...]abe q. he capellão de D. Jorge Capitão de Cauillos mor. Arro- [...]os junto às obras d[???]mer dedizer duas missas [...]odia de 6fr^a. e de 7^{bro}. hũa no Empaso q. elle denun- [...]iante lheouia eoutra q. [?]ine na caza emq. assiste como [...]he [?] ficarão as pessoas della.

fl. 144

Illustrissimos Sñores.

(*)

Por obbedeCer as iustissimas determinaCoeñs
dafee Apostolica edesse S^t. tri bunal des
carrego a minha Cons Ciencia ha des
annos pou Co mais ou menos ignorantem^e.
supondo não hauia obrigaCão de dar
parte a esse tribunal S^{to}. e satis fazendo
no pre Ceito do P^e. fris. jozeph desouza
religioso de [???] soccedeu confess[??]
[??] de zesete deste perzente mes faso saber
aVS. Il^{mas}. por impo ssibilitada domeu
natural peso p^a. o ir faser pesoalm^{te}.
stando semper obbedientissima atudo oq.
VS: Il^{mas}. medeter minarem em Como
eu D. Eufrazia m^a. de Azeuedo moradora
numas cazas debaxo dorecolhimto. da
miziricordia filha deagostinho desou
za e D. leonor pereira fris. solicitada
na Confissão saCarmental havera
tempo de des annos q. o p^e. fris. domingos
dorrozario religiozo agostinho desCalso
asistente naquelle tempo o Seu conven
to do gra[??] Com palavras e accois
menos honestas e deligenCias menos
coretas do q. [??] a VS: Il^{mas}. Consta p^a.
q. determinem oq. for conveniente
///

Lx. a vinte de Agosto demil
esetesentos e quinze annos

fl. 193

Jozeph fr^a. Cabral familiar do Santo Ofisio Certificado q. pormandado do P^e. Niculao de[???]
ra Negrão Vigario da Igreja do Salvador e Comissario dosanto officio, em o[???]ançia de
hũa Carta dos S^{es}. Inquizedores da Inquizi
são de Lixboa. notefiquei Anna Tereza
solteira filha de An^{to}. Salgado Olanda
na forma dad^{ta}. Carta, emedeu em respos
ta estaua pronta p^a. obedecer oq. se
opreente nao fizera por não [???]
q. fazer jornada porem q. agora hum
seu parente emcuja Caza estaua t[???]
ua asua Carta Remetella, eodto. paren
te Assim aprometeu dentro dos cinco
dias q. lhe asinei na forma da Carta
e tambem me dice, as cartas q. [???]
[???]derão de R[???]perão, e sem enbar
go diso hia cumprir o seu degredo em fee
do que pasei apreente Santarem de Agosto
14 de 715

(*)

Jozeph fr^a. Cabral

Inquisição de Lisboa
Cadernos do Promotor
Caderno 84, 1705-1716, Livro 277

fl. 180

Aos trinta e hũ dias domes de jan^{ro}.
de mil esete sentos edezessete annos
pareceu perante mim Manoel da
Silva morador em o lugar do Ma
chi[?] termo da vila da Panpulhoza
Bispado da Goarda, emedisse que
elle p^a. desCargo de ssua Comçiença
ep^a. ssatisfazer ao jdital denossa
santa fee daua adinuçação seginte
que elle sabia que jorge
morador em o lugar do
termo da vila de Aluares Bispado de
Coimbra lhedissera q. auia deemCar
charlhe hũa Causa qeele supplicante
trazia p^a. q. não foçe alisboa ep^a. Esse
efeito fora ahũa jgreya etomara hũa
Cabessa de hũ defunto, elhe dissera
q. auia de sseruir p^a. lhe emCarchar
adita Causa, ejuntam.te. sabia que
Con adita Caueira fazia outras Curas
oque tudo juraria senessesario fosse
etudo comigo assignou
oFamalliar Fran^{co}. Vaz Camello
de M^{el}. X dassilva

fl. 258

(data conjecturada: 1717)

Denunsião a Margarida fransisca . ea João
a gaveira de Alcinha . veuva moradora
noscazais dos matos . fregueses de São Miguel
do Jungual . termo da v^a. de Porto de Mos.
Bispado de L^{ra}. porter pato comodemonio
e fazer cazamentos pordadiuidas . e fazerquerer
bem humas pessoas com sertas mezinhas q. da
abenzedeira . e esta denunsição se deu á
ao comisario de Lra. M^{el}. Aranha de figeiredo

Pa. testemunhas

(*)

João de figeiredo . morador em a v^a. de Aliubarruta
Jozeph de paiua da mesma v^a. filho do [??]
Jozeph . tauares do [??] zedor damesma V^a.
João da Costa Albernás . morador no lugar do corua
lhal . termo de Aliubarrota
João Coelho Seguro . sua Mulher damesma V^a.
Mariana Bautista tesedeira Mulher de Jozeph .
Ribeiro Sapateiro morador em a mesma V^a.
Estadununcição da Fran^{co}. Correa Friaga de Aliubarrota

Inquisição de Lisboa
Cadernos do Promotor
Caderno 86, 1706-1719, Livro 279

fl. 12

Deos queira estas achem avm. com perfeita
saude fico p^a. lhe obedecer noq. meoccupar
(*)

servem estas de rogarlhe por familiar
chegue logo ao S^{to}. off^{co}. eda minha parte
esua propor por verdade nesta frg^a. de
S. Simam o cura fres. joam Mi[?] Preto
do termo deSerpa uza do livro flagellum
demonum deMonyo frade menor de 4
[???]ismo q. fas a mulher q. dice ter o
erro eduvida na fee enq. o cura pronunciou
estas p[???] ante João de Britto [???] Anto.
e ha duuida ser objeto do demonio
Epello livro tem o cura dado a
30 pessoas [???] q. trouxesem pendulos
ao pescoso con massa composta de enxofer
[???] Paschal eoutros simples con
palavras diuinas con o seguro delhe não
entrar o demonio nem os tentar: doq. m^{to}.
logo fis certo o P^e. comop^a. afi[???] eagora
con aresposta de[???] aoS^{to}. off^{co}. [???]
oP^e. Ioam P[???]ro do carmo en[???]
co P^e. confessor do mosteyro de Madre de Ds.
com olivro q. con o dalivraria de S. Dos. são X
fico asuaordem [???]q. possa [???] por o fidalgo
medeixar p^a. ver esta [???] Ds g^{de}. [???] 9 Abril
de 717 Azeitam

fl. 100v-101

Meu Sr.

(*)

oMoço se chama se bastião de [??] Natural de hũa frg^a. q. se chama M[??]
rouim, na V^a. de [??] <bispado de coim bra>, junto a Aueiro; he Alfaite, eseu

Paj se chama

parece q. M^{el}. João, tão bem alfaite, q. morreo em Lx^a. na frg^a.
de N^a. Sr^a. dos oliuais; od^{to}. sebastião, foj criado dosr. D. Alu^{ro}. Pr^a.
este Era cazado. ou viuia comoCazado; com Molher, e filhos; e paren
tes, e cunhados; em a V^a. da feira; bispado do Porto; emorando [??]
na frg^a. dos oliuais deLx^a. a partado desua mer. me disse elle por algumas
vezes, q. os confessores, o obrigauão, a q. fosse buscar sua mer. mas q.
não tinha com q. [??] cazar; Eulhe empRestej algüs tostois, elle de[??]
ordem, e cazou; e com o feito, foj em minha comp^a. p^a. a trazer; ind[??]
eu com neg^{os}. p^a. [??] e se apartou de mim, em hũa V^a. q. cha
mão de aredinha; por q. eu hia por outras partes; elle disse q. tiue
de P[??]; p^a. virmos todos; e de tendome, eu algüs dias uim a hũ
lugar q. chamão a Vanqua e ali soube de certo q. o tal moço não ti
nha la aparecido, onde moraua a molher; em Raiuado eu des te
moço me mentir, mandej chamar a molher, aql. ueio logo; e me di
sse q. não apparecera la seu marido, ou não hauia visto, hauia tantos a.
elhe disse seoqueria ver; ella me disse q. oestimaria m^{to}. e eu lhe man
dej dar osustento q. foj nescess^o. e caminhou a pobre m^{er}. desde
a Vanqua, athe caza da maj q. moraua em [??]; diante do caua
llo e hũ Rapazinho q. comella vinha; e deixandoa eu es condida
p^a. hir diante saber oq. od^{to}. me dizia; elle me dise q. sua m^{er}. não que
ria hir p^a. Lx^a. q. ja tinha des culpa p^a. dar; aos seus confessores [??]
senão queria apartar desuas cunhadas, e q. uiuiam mto. bem. [??] a
onde estaua a mer. em cuberta, e como elle a vio, ficou pasma do
///

[.] com fessou oseu pecado e disse q. fora com sua irmã aAueiro, eq. compRara
[.]lgüas couzas eq. gastara odr^o. e a mer. queria <com> elle mas ja não podia

ser, p^a. [??]

[.] oReferido teuea ali aquella noite; e ao outro dia a despedio pedindo
[.] mais algü dinheiro p^a. a contentar oq. eu fis e ella se foj p^a. sua terra e
elle veio comigo p^a. Lx^a. dali teue ocazião de hir morar aBenau^{te} onde
[.]ta com hũ alfaite q. chamão Domingos Coelho; e ali se namorou com
hũa moca e comella tratou de cazarsse esaindo od^{to}. D^{os}. Coelho ao empe
dim^{to}. p^{la}. minha noticia e [??] falar tão bem nisso; la aprenderão
mas elle [?]imou não sej como, e queixandome [??] aos bene fisiados da
[.]d^a. Igreja, Disseramme q. dissera o prior q. seria Ignimizade, com q. a

m^{er}. com qm. foi cazado, ou se tinha por cazado he na V^a. da feira; e [?] com qm. cazou he em a V^a. de Benaudente; e Milhor em formação dara os d^{tos}. Dos. Coelho, alfaite a mesma V^a. e pReguntando eu em be nav^{te}. como limera, se de puzera por viuuo disserame q. não he verdde. oq. digo, e es Creuo p^{lo}. juram^{to}. dos s^{tos}. Euangelhos, q. como Christão Creio enesta fee me es pero saluacão, p^{los}. merecimtos. de [???] Algaber em 24 de junho de 1716
Fran^{co}. Saraiua Mon^{ro}.

fl. 105-106

MeusSrs. nestaV^a. de S. V[???] da Beyra, onde sou indigno Vigr^o. he morador haquatro annos hü Jozeph Preyra, de trinta eseis annos deid^{de}. pouco mais, ou menos, Robusto, forcozo, a [???] e elle tão rezoluto nassuas acoes, q.algüas vezes parece ter [???] intervalos, os quaes na [???] [???] não tem.

Este hecazado nesta V^a. desde 27 de Julho de 1713. Com hüa fran^{ca}. daSylva [???] [???] q. foy malprocedida. porq. fugindo dessaV^a. foyparar nessaCorte, donde o sobred^{to}. [???] aqui veyo com ella jadespozado; Ep^a. haverem deser recebidos, mandou elle vir dessa mesma corte certidão debanhos emforma, daqual consta ser elle solteyro, filho de Jozeph Gonçalves, Ede Maria Franc. dolugarde Bemfica [???] dessad^{ta}. corte; poremh e fama constante nessaV^a. q. elle eraCazado nolugar de V^a. de Povos junto aA[???]dra, com hüa Helena digo com hüa fulana Helena, eq. hefilh[?] de hum Jozeph Pr^a. Ermitão q. foy ouhe ainda na Ermidade Nsr^a. da Ajuda q. heda freg^a. da d^{ta}. A[???]dra, e morou alguns annos comhum clerigo q. foy[???] no sobred^{to}. lugar de Povos, esechamava M^{el}. Carvalho, Emudara onome p^a. haver de tirar sem impedimto. ad^a. certidão deCazam^{to}. [???] alem da fama, medise [???]

///

Essasegd^a. molher franca. daSylva, porq. fugindo daqui outraves, efalando no Reffe rido lugardePovos Comod^{to}. Cura, es[???] dissera q. osobred^{to}. eraali cazado [???] [???] Ermitão, esechamava M^{el}. Carvalho.

[???] não tenho naquelas [???] conheceimto. compe[???] q. mepos e dar informacão verdadr^a. eComfe[???] meheprecizo fazer a vm. esse avizo p^a. q. seja servido mandar averiguar

isto pelos Commissr^{os}. doSt^o. off^o. [???]
[???] p^a. fazer tudo oq. vm. meman
dar, Eq. o sejaservido Escreverme, Ea[???]
pelo [???] donde p^a. aqu[?]
temos Esta[???]
Eu não deixo deprezumir q. fes
verdade^a. a fama, [???] porq. e[?]
Esse [???] vindo aqui
hü meyrinho [???] se[???]
[???] elle partiu, Eomeyrinho me constaq. [???]
feyto outras vezes, sendoq. he nosso [???]
[???] Crime algũa ali formado. [???]
essa Confiança não so pela obrigação
dep[???], senão tãobem pela [???]
[???] desde o tempo [???]

///

Em cazado Dezembor G^{par}. de Almeyda
deAnd^a. Ensinandolhe seus filhos.
Ds. g^{de}. a vm. [???] da
Beyra de Junho 14 de 1717

fl. 333

Em os dezaseis dias do mes de Novembro de
1717, apparecerão perante mim, como
comissario doS. off^o., Manoel de Souza
An^{to}. Correa da Costa, Manoel DeAndrade
eManoel frz., todos mossos do huni[???]
portugues, chamado S. An^{to}., eS. Lourenço; de
q. he Capp^{am}. João Fr^{co}. Andre, q. ueio da
Ilha deS. Miguel, p^a. este posto, da onde
pertende fazer uiagem p^a. oestado do Bra
zil com escala pellas Ilhas dos Asores;
etodos denunciarão; q. [???]
uirão [???] denunciante [?] Diogo Nunes,
marinheiro do dto. navio, estar [???]
com hum Rapas, por nome fr^{co}. natural
da Ilha de S. Miguel; eq. pello grande
escandalo q. lhes tinha cauzado tão horr[?]
do pecado, epor descargo desuas conciencias,
uinhão fazer perante mim esta denuncia
ção, q. não assignauão por não saberem ler
nem escreuer. Hoje no Tal dia, mes, e anno
supra
oComissario An^{to}. Correia Bezeram

fl. 349

(data conjecturada: 1717)

[???] familiar do santo ofisio na tural
emorador na Villa de Santarem, por descargo
de m^a. Conciencia de nuncio ao porteiro do
Cartacho Cujo nome ignoro, por q. uindo
a esta Corte afazer sertas curas a Caza do
sargento mor Grigorio Rebello da Fon^{ca}.
a o presente falecido, entrando pella caza
a donde o do ente estaua pediu vinho e beben
doo Cuspiunas suas mans e Com o Cuspo Co
reu todo o Corpo do doente dizendo q. iso não
hera Cuspo q. hera sangue de Christo, isto ou-
ui dizer apeços de Credito q. o ouirão dizer
aIzabel Bautista Criada q. hera do dito
grigorio Rebello da Fon^{ca}. aqual ao perzen
te seacha em Santarem em Caza deseou genro
Fran.co. Ribeiro o ficial de Cutileiro.

fl. 389

(data conjecturada: 1717)

Deonísio Correa mor. em [??] cazado com
Joanna M^a. q. amolher de João Alues
Botelho n^{al}. de Benauilla cujo nome não
sabe nem lhe lembra vindo es[??] ral p^a. [??]
[??]ssia aermida de São D^{os}. na mesma [??]
do de[...] [?] disera a [??] mossã q. actualm^{te}.
[...] caza q. cosese aquella panela
de [...] [??] lhe deixaua a o lume eq.
se [...] cosida qdo. viesse da missa q. lhe
hauia de pagar eq. atal mossã dis q. gas
tando hũa carga de lenha nunca apanella
feruera e lansando a Carne q. apanella tinha
em hũ alguidar achara então hum senhor
Crusificado no fundo della e amossã disera
logo a o s^{or}. m^{to}. deus aqui uos tem metido
elogo opusera em hũa gaueta en volto
em hum pap el evindo sua Ama da mi
sa lhe contara oq. hauia sucedido e
a Ama lhe respondera q. não fosse Desauergo
n hada, equem lhe mandava tirar oq. estaua
dentro na panella eq. isto tudo contara
atodos amossã e he publicissimo em^{to}. es
candaloso [??] os mininos do gado e[??]
deu [...] ofamiliar João Correa q. a
[...] [??] no Cazo [??]
[...] eq. esta molher de
João [...] Bo[??]ra Com seu marido
na q^{ta}. da Aua[...] q. he do Cond a do Villa
Noua hauera hu anno e [??]
[??]

Inquisição de Lisboa
Cadernos do Promotor
Caderno 87, 1716-1719, Livro 280

fl. 135

Por obedecer aos preceitos de se S^{to}. tri bunal faço saber avosas
S^{ras}. como o P^e. fr. Bento desão yão Religiozo da ordem de
Sam Bernardo feitor [?] q. actualme. está sendo no Mosteiro
de Almoester [?] vindo aeste de odivelas em hũ dos mezes de yulho
ou agosto do anno pasado teue comigo conuersaçam eacçoñs dezo-
nestas e torpes em hũ confisionario fengiñdo q. me estaua ouuindo
de confissão por asim odizeraquem de fora ochamounese mesmotempo
Douesta conta <a>vosas Sras. para procurarem do q. for mais conuiniente.
Odiuelas 28 deyulho 1718

(*)

Magdalena Daemcarnação

Inquisição de Lisboa
Cadernos do Promotor
Caderno 90, 1720-1722, Livro 283

Pera cumprir com o mandado dese S^{to}. Tribunal da Inquisição, a quem afé Apostolica tem dado facul^{de}. p^a. procer contra os sacerdotes que solecitão a Couzas dezonestas no acto saCramental daComfissão, faço saber a VVSS, em Como, hauera noue annos, pouCo mais oumenos, que pe dindo eu licencas aminha Prella que antão era, p^a. me hier confesar, sendo que não era e sa a m^a. tenCão fui a hü lugar deste mosteiro, onde seCostuma Comfesar e tambem falar, noqual estaua o P^e. Fr. Luis da Magdalena, Religiozo da ordem de são Fran^{co}. Da prouinsia da India, a sistente antão em humas Cazas, q. ficão n[?]C[??] de odiuelas, e agora, em asua prouinsia p^a. donde partiu, uai por dois an<n>os áq.m. Dise que tinha pedi do aquele lugar aperlada, p^a. me comfesar, mas Como eu não queria fazer nem odito P^e. fazia esa tencão era outra, naqual teue algumas aÇois deshonestas, dou a uuss. noticia, oque athe gora não fis por ignorar, esta obrigasão, hoje em omosteiro da esp^{ca}. Desta cidade de Lx^a. em 3 de 8.bro. de 1721
(*)
Soror Catherina da gloria

Inquisição de Lisboa
Cadernos do Promotor
Caderno 91, 1719-1723, Livro 284

fl. 71

(data conjecturada: 1722)

Sor.

(*)

O Bry ga da dosmeos con fessores expondo aVS^a.

q. mandando Chamar p^a. me Confessar sem

tenCão deo fazer estando doente ao P^e. fr. Jo

ão de São fr^{co}. xauyer Riligiozo desão fr^{co}.

de Lx^a. segundo confessor deste musteyro

de S^{ta}. Anna tiue comelle algus tatos illiCi

tos como [???]bem nos Confessionarios [??]

faley alguas uezes pratycas indignas da

quele lugar [???] aVS^a. a Vs^a. Mustey

ro deSt^a. Anna deLx^a. [???] 8 deabryl

(*)

D. Perela Jozepha dAlues

fl. 155-155v

Em 2 de Nou^{bro}. 1722

(*)

Sn^{ores}. tendo hufilho em oreal cõu^{to}. debelem por Moso dasancristia onde asistio oito p^a. noue annos cõ bom prosedim^{to}. como poderão dizer os R^{dos}. padres emais pouo tomou conhesimto. [?] hũas lauadei ras ellas odizenqui a[?]arão de[??]te que dia dainuensão da santacrus se sahio do cõu^{to}., como; louco esemeteo, em sua caza eofizerão des orte q. tomou odio aseus igais eirmã q. os não podiauer dizendo q. osange q. tinha deseus pais otinha bo[??]o fora q. botou tanto q. foi unguido efazendo diligensia m^{tas}. uezes pelo trazer p^a. tratar dele eocurar me não foi posiuel uello por que opuzerão em [??]ado q. não sahia for ada dita; caza eseoprocaurão onegauão atodos indo bus qualo cõ justisa p^a. ocurar ouuebastante des cõpostura ecomo todos tem roim prezunsão das ditas Molheres pelo seu uiuer dizem ser feitisos <q.> fizerão aod^{to}. moso; q. noutra forma não podia estar emtal estado não q. lhos uisem fazer mas como hua M^a. fr^a. Mai detareza m^a. eauo de Joanna Maria sertal q. uizinhos de oito annos nu qua auirão ir amisa e matar criansas ouquerelas matar sem lhe dar agoa do batismo como hatestemunhas detudo por q. hũa Molher ueuua chama[...] daSilua lhe [??]ou hũa das mãos edis deu hũ cruzado nouo aquem atrouxe aoespi tal heaprimeira tes^{ta}. e M^a. escraua deanto. deo liueira esua molher Joana gomes – M^a. nunes M^{er}. de M^{el}. uieira - M^a. da silua M^{er}. de pastileiro – Caterina pr^a. emcazade M^{el}. rodrigues / sebastião g^{liz}. sapateiro – cõ tres filhas baras dacosta escarua dos fireiros q. este ouuio dizer aoutras pessoas q. dizia thereza M^a. q. ao dito estudante porno me M^{el}. pio otinha fechado namão p^a. cazar cõ a Dita sua filha Joanna M^a. poriso dizem todos serem feitisos emostra ser uer dade pois man<dan>do uir [??] em ganos tendo notisia q. hũ clerigo por no me dom gr auiel os tiraua publicam^{te}. lhe leuei asua caza [??] [??], dise os tinha matar emandou primeiro cõfesar edepois decõfesada lh[??] tirou elogio falou; a seus pais e irmã como fazia deantes do odito M^{el}. pio Depois desta cura cõtou q. fallara cõ hũa feitiseir elhe preguntara oq. tinha dis lhe respondeo lhe fizerão feitisos amatar procurando q. lhedissee q. [?]areza M^a. colucasse deuota q. poderia ser depois decazado lhos tirase ediz~edo od^{to}. senhor queria tirar lhedissee q. não por q. ti nha opelo mto.

queimado eodito clérigo depois de lhos tirar lhe

///

lhe dise fose buscar asua roupa p^a. auer elha benzer
sem q. elas osoubesem por que sabendo elas q. setinha
curado lhos farião pioreindo o d^{to}. M^{el}. pio cõ animo
detrazer asuaroupa p^a. sefazer adiligensia de
abenzer [??] q. não tornou auir esepre
zume o tor narião a caldear o clérigo mora a
posinho deante as ortas abitesga
esta M^a. fr^a. e sua filha thereza Maria esua neta Morão por detras da
Capela mor do dto. cõuento Santo ao pasteleyro

fl. 157

Em 4 de Dez^{bro}. 1722

(*)

Fran^{co}. de Souza da Sylva Al[???] do soltr^o. f^o. de
An^{to}. de Souza da Sylva q. vivia [???] n^{al}.
dafreg^a. de São Julião da Sylva, em^{or}. em
aCid^e. do Porto, edeprez^{te}. em esta Cid^e. em
[???] na [???] seca, denuncia de M^a. Caetana,
ou Caetana M^a. não lhe sabe o estado, nal. de Villa
Real, emr^a. em ad^a. Villa, de esta lhe dar p^a.
q. lhetinhão feito feitiços, e de lhe dar hum Caualo
[???] vidrado p^a. efeito de Com elle Conseguir
boa memoria em q. quizesse aprender; e tão
grande a [???] Com [???] pessoas assim [???] para
dellas seajudar no q. quizessem, Como mulheres para
fins torpez; eq. p^a. Conseguir o Referido hauia
em q. manhans por diante do dito Cauallo, p^a.
Conseguir memoria [.] [???] de Cartas de [???]
e p^a. conseguir [???] Com homens noue Cauallos,
ep^a. conseguir [???] mulheres q. sefaz; eque
elle fizera a experiencia p^a. Conseguir ad^a.
memoria sem efeito.

fl. 170-170v
(data conjecturada: 1722)

Maria deAzeuedo mora noferrejal
(-)
Antonio Ribeiro e sua mulher Maria da Lux
Izabel dos Reis
oP^e. Mel doAmaral tauares
Luis defigueiredo esua mulher sarafina dos s^{tos}.
{...}
francisca dias eseo irmão
esteuam dias e ofilho dadita chamado
Damasio -
huã Moça donzela q. ensina mininas que
esta conseo pai
Amulher de Joam Martinis Cego {...}
Amulher de M^{el}. deLemos alfaiate todos
estes morão na rua da Barroca
(-)
Manoel francisco Calafate naCalsadinha
queuaj da BarroCa {...} para oLargo Sto.
(-)
Lourenso farnandes seruidor de pedreiros
Izabel Rodrigues lauandeira mora nabiCa
(-)
Maria Jozefa palmilhadeira mr^a. en huã
trauessa junto a rua da barroca
(-)
Joam Francisco [?]arrador Cazado conhuã
sobrinha daditta sarafina dos santos asima
///
M^{el}. Alueres m^{or}. no f[?]rreial
M^{el}. deSouza m^{or}. junto aos martires
Margarida que por <sobre>nome nam perCa esua
filha Lourensa padiras moram naCal
sadinha dos martires
Pe[???]ia que por sobre nome perla padeira
m^{ra}. nobeCo da manda

Inquisição de Lisboa
Cadernos do Promotor
Caderno 92, 1722-1725, Livro 285

Aos catorze dias domes de Janeiro de mil e setecentos e uinte e tres annos ueyo odito p^e. Frei Manoel da Costa aesta uilla depor aminha caza epor elle mefoi ditto amim Manoel Caru^o. Lourenço Notario dosancto officio q. elle confecara [.]odito [??] Mosteiro a Brites Maria da Conceição moradora nadita uilla de Alcobaça filha de [??] Roiz. ferreira mercador estãoqueiro morador naçidade de [??] eq.[??] ditta lhedera Liçenssa p^a. q. em-seu nome [??] delatação [??] dosancto officio iaq. ella onão pode fazer por ser huã mossa solteira eestar em companhia de seu Irmão Antonio Ferreira moradores ambos nad^a. uilla de Alcobaca oqual he estanqueiro. Disse aditta Brites Maria da Conceicam q. sua Irmaã Thereza Cordeira moradora em Setuuel molher de Fr^{co}. Gomes lhedicera q. seu Irmão Antonio Frr^a. lheperguntara sequerria ella mudar de Ley, eq. ella lhedicera q. não, mas [??] cunhada Donna Leanor q. he caza<da> com hü Irmão das sobredittas segue outra Ley q. nos não seguimos oqual Irmão se chama João Roiz. emora em Alcochete istohe oq. medisse aditta Religioza p^a. q. eu desse conta aesse sancto Tribunal [??] [??] offereçe mais couza alguã deq. possa dar conta aVSr^a. [??] ias peçoas Ds. no[??] g^{de}. [??] 14 de 723 ManoelCaru^o.

fl. 44

Para descargo de minha consi
encia faço prez^{te}. a vs. de que estando
eu sabado atarde q. se contarão 27 de Feu^{ro}.
deste prez^{te}. anno aporta da logea de
hum livreiro chamado Miguel Roiz. as
portas de santa catherina echegando a
ella hum Des[???] em hũa sege, q. parece q.
vay p^a. a Bahya lhe perguntou setinha
tais liuros q. od^{to}. Des[???] lhe nomeou e Res
pondendolhe o Livreiro q. não lhe disse
[???] q. tinha o Testam^{to}. novo em fran
ces [???] endo q. dizião ser prohibido, e omos
trou aodes[???] o qual ficando com elle
Na mão e Vendo me aparte i aestetem
podad^{ta}. Logea, e não seise o Des[???] ficou
Com elle, ou o Livreiro; de q. dou a [???]
p^a. por semedizer q. o tal Livro heprohibi
do p^a. [???] determinaremoq. forem
Servidos, Lix^a. oce^{tal}. 7 de Março de
1723
Ocap^{am}. de S. Luis
Jozeph [???]

fl. 56

Joanna Ant^a. Ri ligioza profesa nomos
teiro dest^a. Anna dasidade deLx osiden
tal, q. fes huma orasão a qual lheemsi
nou huma molher q. se shamaua M^a. dos
S^{tos}. a qual me parese q. moraua em huma
quinta a bem fica efis esta orasão. huma
ues sem mais fim q. quererme recomsi
liar com hum sugeito com qm. estaua
mal, não me paresendo q. fazia nada
comptra ele, easim o afirmo pelos uotos
da m^a. profisão. S^{ta}. Anna deLx osidental
em 7 de jnho de 1723

(*)

Soror Joanna Ant^a.

fl. 61

Aossonse dias domes de Abril doanno demile
sette centos evinte e tres nesta V^a. deCovilham
e cazas deminha habitação pareceo ante mim
Domingas deSousa viuva de Felex Alve
res; q. vivia desuas fazendas natural emo
radora da Villa de Belmonte, Bp^{do}. da Gd^a.
emedenunciou cousa a Commiss^o. do St^o. Offi^o.
deq. confessandosse haveráá dous an^s. ao P^e.
Raphael DeS[???] presbitero dohabito de
S. Pedro n^{al}. em^{or}. daditta V^a. de Belmonte
este nodia seguinte depois desua confissão
fora asua casa dessa denunciante easo
licitou p^a. hauer deter copula comelle e da
hi aquinze dias tornou asolicitalla indo
aditta sua casa pore q. nom^{to}. da confissão
nem logo depois della lhe disse palavraal
güa desolicitação antes lhe deubons con
selhos na confissão q. comelle denunciado fes
eq. fasia esta denunciação porlhedizer [??]
[??] não por odia ouma vonta
de q. tinha aodenunciado deq. [??]
denunciação p^a. Remeter a Meza doSt^o, off^o. a
qual assignei ep^{la}. denunciante aseu Rogo
porella não saber escrever, dia, mes, [??]
D^{as}.
O Commiss^o. Fran^{co}. daSylva M^{el}.

fl. 86

(data conjecturada: 1723)

O Manteigas. Feiticerias.

(*)

Joanna M^a. de figueredo solteira
filha de M^{el}. U[???]lles de Figueredoe
Ursula M^a. e Brito n^{al}. de^e. lugar de
Ternes emor^a. nesta ci^{de}. de Lisboa {...}
{...} por de tras da porta trauesa dosoco
rro denuncia de Jozeph Rois. Manteigas
a fis[???] na [???] q. há hum anno q.
p^a. e feito de sepagar huã diuida buscou
[???] d^{to}. Jozeph Rois. Manteigas elhepedio
p^a. [???] fazerlhe hua feitisaria p^a. efeito
de hauer a d^a. satisfação [???] lhe e asi
nou dando lhe huns pós p^a. q. sedesem ad^a.
pe soa em agoa em q. se hauia de lauar
oq. ella com efeito fes e lhe dise q. hauia
pe soa lhe queria fazer [???] denunci
ante [???]

fl. 167

12 de Junho de 724

Joanna M^a. molher soltr^a. f^a. de Pedro Rois. eCatheri
na Rois. n^{al}. da V^a. de Vinhais [???] bispado
de Braga e mor^a. nesta cidade de lisboa aoposso
de Bethlem de frente do Marques de Cascaes de
nuncia de Damiana Michaela soltr^a. não sabe de
quem he f^a. e so q. he n^{al}. da V^a. da AlCantra emo
radora nesta Ci^{de} a calsadinha de S. christouão
desta fazer tres noites feruedouros euestida de branco
[???] os cantos da caza e bater naporta efalando
Como quem esperaua por alguã pesoa emandou aella
denunciante huã noite buscar pão e queijo echegan
de a huã janella dizia (M^a. de Gastilha Com [???]
asua quadrilha anda e uem comer) e dizia a d^a. Da
miana Michaela p^a. ella Denunciante e huã Mulata
por nome Joana Bapt^a. q. estauão na mesmaa caza
q. lhe aparesião huns cañes negros q. uinhão comer
o d^o. pão e queijo. E q. tãobem a d^a. Joana Bapt^a.
cazada com M^{el}. Ferr^a. Pedra n^{al}. da India emor^a.
na d^a.Calsadinha de S. christouão [???]
[???] esta lhe deo hum bocado de pedra deobra p^a. que
a bautizase aqual ella Denunciante mandou deitar
nomar ella deo p^a. que trazendoa os homenis lhe quize
sem bem e dispendesem com ella ensinandolhe
uarias orasoês supersticiozas

fl. 173

Por des carguo de conciencia dou aVm^a. conta que hu
Maria solteira quinta feira de endoencas medice não
por odio nem má uontade, mas por des carguo desua con
ciencia que aueria sinco ou seis annos ouuira dizer ahum
Manoel Alues ValdaVeça estando cantando a cantigua
do Deus onde dizem estaua oMenino Jezus nas palhinhas
dice estaua o [?]hibarro nas palinhas e estaua presente João
de fig^a. Maria Salgr^a. veuua ehum P^o. Salgues q. ia faleceo,
ehum destes lhedicera homem olha quedizes, respondeo,
esta dito eo não ter dito isso mais sedo foi por não saber era
obriguada ades cobrirlo, emepedio lhe tomace esse seu
descarguo de conciencia eq. por ella assignace q. não sabia
ler nem escreuer, oquefis oie 19 de abril de 1724 [??]
por mim, epella sobreditta oVigr^o. Ant^o. Tauares

fl. 349-350
(data conjecturada: 1724)

Senhor

(*)

Pormenão ser puesiuél o hir pesoal
m^{te}. apresença de VVSS. uso domeio
desta Carta dando Conta em como ou
ui diser a fran^{co}. Maria em casa do S^{ro}.
C^{de}. de A[??] aonde eu tambem asis
to que faltando certa cousa na dita
Casa sua Leu de D. Anna Maria
moradora em hu^a. Rua de tras do Conuento
de S. D^{os}. desta cidade a Coal veio
aesta casa p^a. efeito de descobrir qm.
fes o dito furto, usando de hu^a. pineira
com hu^a. tisoura disendo alguas pala
vras de manço e fasendo cruses sobre
atal pineira edipois que nomearão
varias pessoas chegando anomear hua
andou apineira sem lhe bulirem; e di
tauão tam bem u sarão da mesma pi
neira na mesma forma p^a. saberem
outras cousas e con cluirão que a Sim
hera tudo como a dita D. Anna M^a.

///

disia [??] os Cumpre[??], esta he a Con
ta que dou a VVSS. que semeneseario
for de Como o ouvi praticar ediser a
Fran^{ca}. M^a. e a M^a. da Silva o juro
aos S^{tos}. Evang^{os}., Casa dos^{ro}. cd^e. de
A[??]oug^o.
D. [??] Isabel

fl. 356-356v

Emduzidas donoso Comfesor de nun sia
onmos q. fizemos asq. uanmos asinadas
duas orasoins defe[??] sabendo q. o erão
huã dezia Corte do Ceo Respondes
Rezado isto por Contas outras trinta
etres madre nosos trinta e tres ave
M^{as}. almas almas de paisemais ne
tos bisnetos amigos Conhesidos em
q^{al} q^{er}. grao oferesidos as almas [??]
Regalo dauirgem M^a. emlhe fazer
oq. selhepedia oq. tinha era asere
monia de ser Rezada esta Reza em
[??] seouuia ladrar Cão deziemos
[??] avinha não dando Comsentim^{to}.
odiabo nem omais leve pensamento Con
tra porq. as faziamos q. não [??] deseiar
amor e aningem mais q. deseiar tirar
huã amizade ilisita deq. não uimos efeito
///

nem asCom tinuamos antes Riamos
dizendo q. tudo era Redicolaria [??]
nem damos pato nem Rezer va[??]
pata q. em o não Rezeruar he[??]
esCrupolo ainda tendo tudo qto.[??]
mos por Redicolaria q. por huã[??]
asfzemos tres dias eporoutra da[??]
odiuelas oie em dezaseis de ou[??]
bro de 1723

(*)

Ant^a. M^a. da emCarnaÇão
Luiza [?]n^a. de Campos
Franc^a. Thereza da fon^{ca}.
[??] luisa da ConceyCão
todas Religiozas

fl. 376

Em 20 de outubro de 1722 denun
[???] D^{os}. Vieyra fam^{ar}. do St^o. off^o. homem
[???] morador nestacidade {morador}
[???] uada Conceycão velha deouvir dizer
[???] lheoto[???] da [???] familiar do[?]
[???] menador na Rua noua donde [???]
[???] morava o Demonio pedindo lhe o[???]
[???] ar, eque depois [???] dores
[???] cos, d oque sabe am^{er}. domesmo, eas
[???] desua caza, edeclaraque od
[???] costruma fazer invocações do De
[???] eoutros e[???] os, eque he Como dou
[???] asditas invocações fes compaxão.

fl. 442

O meu Confessor me obriga aq. de
p^{te}. a V.Sas. de q. eu ouui q.
a m^a. yoanna Ant^a. E a m^a. fr^{ca}.
yozepha tiuerão hūas Rezonis
em q. sedes Cobrirão como
tinhão feito hūas medi
das de feitisos p^a. hoseu
a m^{te}. lhequerer bem
oie noue de agosto de
1724

Soror Victoria Da Crus
Religiosa em o mosteiro de
St^a. Anna de Lx.

Inquisição de Lisboa
Cadernos do Promotor
Caderno 94, 1717-1724, Livro 287

fl. 121

(data conjecturada: 1720)

Declaraçam da d^{ta}. Anna Mach[...]

(*)

Snõr p^e. iõão allues damata q^{do}. osogeito
fes asão da lingoa foime com as mãos os
peitos mas eu imporrei lhas e emtão e q.
elle me dise pois morres e emtão eq.
eu lhe dise antes morrer q. pecar emais
me esqueço oq. meelle deitou namão qeu
lhe perguntei q. he isso e elle medise isto
he o q. faz os meninos ede pois des tas rrezo
is eq. elle fes as asois emedise allgumas
pallauars dezonestas eq. se não pode ria fa
llar hũ dia sem q. {...} <minha> irm[??] osaiba e
quall[??] q. auendo de fazer hũ iõãozinho
e tambem medise ia gora se[?] não
uou o couro lleuate odiabo eo
depois diseme sete não uou ocou
ro lleuame odiabo

(*)

(*)

Anna Machada [??]

Inquisição de Lisboa
Cadernos do Promotor
Caderno 96, 1714-1730, Livro 289

fl. 35v-36v (falta o fólho 35r)

La se faz à manhaã auto da fee
deque considero não terão [???]de
xado desaber, pois he nota que lo
go corre; e se me [???] qdo. lapren
derão hum vasco Frs. Lopes nase
mana passada que disem assistiu
nessa cid^{de}. sugeyto de maforma
de vida: Agradeso aeste anoti
sia de estanco emdeposito, ova
Lor de papel que lhe perguntey;
eSão as [???] q. o seu [???]
há mais de dous annos sem efey
to falta de de[???] eprincipal
m^{te}. de semelhantes pertensoes; esse
guro oVoso desejo isto Sendo mais
que se fora especialm^{te}. meu proposit
° As ordens de Vm. fico Certo [???]
[???] g^{de}. [???] Matryna 5 DeMaio 1724
Sr.gregorio Frs. Borges

fl. 106

Sor. mel. [???]^a. [???] de Vm.
Ricebej os tempos pasados oq.
[???] des logo Reposta aesse
q. vaj este portador fr^{co}. [???]
dizemdo a Vm. q. fr^{co}. da S[???]
[???] n^{al}. [?] nesta frg^a.
E [???] oIrmõ [???] daSilua
de oliu^{ra}. E de sua mer. marg<da> dos
S^{tos}. os quais [???]
este f^{co}. [???]
[???] Bisp^{do}. doporto; Edes
te fr^{co}. foj padrinho fr^{co}. de
albuquerque. [???] maria
Rib^{ra}. minha irman E em
oBa[.]ptiej E [???] apenas
tempos, foj odito na[???]
da Silua comm sua mer. Viver
na freg^a. da mattosa onde
oditto fr^{co}. se c[???]se Essa dita
frg^a. [???] a mer. v[???]a
Ehuã f^a. de[???] p^a. dose an
nos este [???] s[???]
[???] o dito [???]
//

p[?] as partes deLx^a. onde [???] omo[???] Eof^o. da [???]
faria jornada p^a. as minas E de la esCreuio a minha
jrmã q. era sua ma brinha q. estaua Cazado nas minas
[???]mandase correr os Banhos p^a. [???] acaza
inda [???] viua os Banhos dipois dos [???] prez[?]is
sahier i m q. [???] q. era cazado com este [???]
[???] correntes deq. os ãaChão [???] Vm. o mais
nesta [???] E quis [???] Cirtida delas mande [???] q.
ap[???] Easim obedeser em o q. m[???] estiman
do asua [???] q. [???] a Vm. m^{tos}. annos
[???] de [???] 9 de 10^{bro}. de 1722 annos
Siruidor Ecapittão fr Vm.
An^{to}. dantas de mag^{is}.

fl. 236-236v
(data conjecturada: 1725)

III^{mos}. S^{ors}.

(*)

Denuncio a Vs^a. q. na Freg^a. deS. P^o. da varzea de Abbru
nhais termo da cidade de Lamego corre uox efama
q. hum Manoel Pr^a. homem trabalhador da mesma Fre
g^a. eq. ha[...]lguns dose annos [...] Lx^a. esta lá
Dazado tendo na dita freg^a. deS. p^o. da varzea, sua
[???] molher aq. chamão Luisa Pinta mr^a. no luguar
de g[???] da dita freg^a. de varzea e natural do
lugar de[???] termo de Lamego.

esta vox efama tem publicao adita sua
mer. luisa Pinta o afirma por certo aquem lho
pergunta[???] amim mo dise eda por rasão q. o dito
seu marido M^{el}. pr^a. há annos viera asua casa eq.
trasia hus papéis q. lhe encobrira oq. eles disião
eq. [???] dipois soubera, q. erão os ganhos q. fora
correr aoutra terra distante, eq. [???] depois indo
a Lx^a. hum Filho de ambos q. chamão ao q. me
parece Luis Pinto ehoje esta casado no mesmo lug
uar dos g[???], efala[???] com o ditto seo Paj
M^{el}. pr^a. [???]q assiste, q. he ju[???] á
Cidade de lx^a., ele não quisera, q. ele disseçe
era seu filho, nem q. era seu Paj, emenos Casado.

///

Eassim [???] algum [???]
logo p^a. q. am^{er}. q. tinha consigo não viesse
a saber q. elle era seu filho e sua [???]
isto he aq. affirmaua a tal Luisa Pinta
[...] e he [...] publico
[...]
Mel. pr^a. não osei [...]
ofilho q. lá [...]
22 de jan^o. de 1726 annos

fl. 248-249

Minha Prima eSr^a. m^{to}. estimarey
q. estas vos achem eaLuis Coma
quella saude que eu vos sey deze
yar d[?]q. measeste he boma seja
Deos louado manayme dizer {.
como tendes passado eas nouidades
dessa terra oq. [??] pelo q. meman
deis logo luis q. mais depreCa mi[??]
[?] por q. eu quero hir comelle p^a. mi
nha Caza emanday me dizer Como
tem passado Meus Irmãos não tenho
mais que vos emComendar senão q. m[??]
ho me q. Se faCa os gastos q. Ca selhepa
gara hi vay esse esCrito q. otrarão ep
orelle perCurara por Anto. dealmeyda
e Comis so não vos emfado mais oie 8
de feureiro de 1726
deste vosso Primo q. mto. vos quer [??]
Manoel Pr^a.

///

-> Chegando alisboa hira asam viCente defora na Rua
direita emCaza do Snor. Diogo Rangel de MaCedo
PorC[??] por hü Criado seu que chamão
Anto. dealmeyda<-

fl. 411

II^{ms}. S^{ros}.

(*)

em dia 13 de Ag^{to}. medise amolher
do sarg^{to}. major D. luiza Pr^a. da S^a. que f^{co}.
m^{el}. Irmão de pas coa m^a. lhe tinha dito
auia pouco tenpo que adt^a. pas coa m^a.
lhedisera tinha visto tres pessoas a saber
huma hera falecido q. hera hum mano
ell[??] e a outra hera ouigario uiuo
desta freg^a. e a outra a primeira pesoa
da santi cima trindade – Tambem ouui
dizer aqm. não melembra q. a dt^a. pas coa
m^a. mulher demanoel desouza sancristão
da Igr^a. dos Cadafais no mesmo lugar dos[??]
setinha com fesado asegunda pesoa da
santicima Trindade e dasua mão recebe
ra osantisimo saCramento – a dt^a. D. lui
za Pr^a. da S^a. Mora na sua qta. do carualho
Iunto ao lugar dos Cazais – donde esta
serua de V. II^{ms}. he moradora farão
V. IlustriCimas farão o que for do agra
do de Deos Como costumão
Cazais 14
de 7^{bro}. de 1744
de V^{sas}. II^{ms}.
menor serua
D. helisa de Fr^{co}.